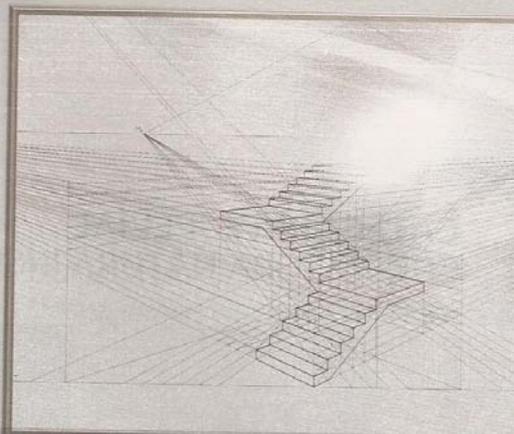


MATERIAL 10: REVISTA CLÁUDIA AGOSTO 2011

Cynthia
entrevista
Andrea Jung



“O topo é o
degrau mais
baixo da
próxima
escada”

Com ambição ocidental e sabedoria oriental, a presidente mundial da Avon comanda um impensável exército de 6,5 milhões de revendedores e promete fortalecer as mulheres

Ao contrário de Amy Chua, a mãe-tigre que ficou famosa por não tolerar o fracasso, os pais de Andrea Jung sempre pregaram aos filhos a humildade. Honestamente, em matéria de educação ambos me parecem um pouco exagerados. Mas, se ainda é cedo para dizer se Sophia e Louisa Chua, respectivamente com 18 e 15 anos, vão atingir os píncaros da glória sonhados (e exigidos) pela família, Andrea já deixou bem claro que a modéstia não é inimiga da perfeição. Desde 2001 é presidente mundial da Avon, empresa líder global no mercado de beleza, com uma receita de mais de 10 bilhões de dólares ao ano e um exército de 6,5 milhões

de revendedores. Fluente em mandarim e quinta executiva mais poderosa do planeta segundo a revista *Fortune*, Andrea esteve em São Paulo recentemente como parte da turnê comemorativa dos 125 anos da companhia que dirige. Separada, dois filhos, pianista nas horas vagas, me pareceu confiante, mas não arrogante; determinada, mas confortável na própria pele. Por cerca de uma hora e meia, a bela executiva de 51 anos e eu conversamos sobre poder, escolhas, situação da mulher, filhos, relacionamentos. Aprendi com Andrea muitas lições sobre o desempenho profissional que leva mais longe e tenho certeza de que você vai se beneficiar também.

Foto: Paulo Sabido

Que tipos de escolha uma mulher tem de fazer hoje para chegar ao topo da carreira, como você?

Mulheres do mundo inteiro, em todas as profissões, têm mais chances hoje do que há dez anos – veja a presidente do Brasil. Mas sempre há sacrifícios. É preciso viver um *affair* com a profissão ou com a empresa onde trabalha.

E quanto às outras paixões da sua vida?

Minha filha tem hoje 22 anos e meu filho 14. Quando eles eram mais novos, eu me sentia muito culpada. Se estava com eles, ficava preocupada com o trabalho; se estava no trabalho, não parava de pensar neles. Só mais recentemente descobri que, quando você opta por um ou outro, tem de ser 100%. Agir assim tem me ajudado bastante.

Na sua posição, existe tempo para as crianças e para um marido?

Temos de achar tempo para uma vida além da carreira, na minha posição ou em qualquer outra. Nos fins de semana, tento desligar o iPad ou não passar o tempo todo conectada. Mesmo porque preciso de momentos para mim mesma, para me renovar como indivíduo.

Muitas de nós criamos fantasias sociais com o poder e o glamour do topo. A sua posição é como você imaginou que seria?

Não. De um lado, é mais recompensador do que eu imaginava. Tenho o privilégio de liderar uma companhia que escuta todos os dias histórias de como transformou a vida das pessoas que chegaram até ela. Minha família não era rica quando saí da universidade. Queria fazer trabalho social, mas meus pais disseram que eu precisava ganhar dinheiro. Na Avon, descobri que as duas coisas não são incompatíveis. É uma boa mistura, ainda que difícil: estamos mais globalizados, a competição está mais acirrada. Virei CEO em 1999 e muita gente acha que, depois de quase doze anos, o trabalho deve ter ficado fácil. Mas há desafios todo ano e você precisa se reinventar, reinventar a empresa. Uma vez ouvi que, quando você atinge o topo, ele se torna o degrau mais baixo da próxima escada. Então, continue escalando para o futuro, para o progresso.

Qual a sua fórmula de reinvenção?

Demita-se toda sexta-feira e volte na segunda como se fosse seu primeiro dia de trabalho. Quando você está no mesmo emprego há muitos anos, cria hábitos e deixa de quebrar barreiras ou inovar. É preciso colocar novas lentes sobre suas atitudes o tempo inteiro e, com humildade, se perguntar: "O que não estou fazendo certo?" E aí rever estratégias.

O batom faz tanto SUCESSO porque dos lábios sai a VOZ feminina

Você criou uma estratégia para chegar ao cargo atual?

Em 1997, a empresa trocou de CEO e não me escolheu. Mas amo a Avon e como ela muda a vida das pessoas. Mesmo não sendo a número 1 e achando que não seria CEO, preferi ficar lá e ter como recompensa a satisfação pessoal a assumir um cargo acima em outra companhia. Vinte meses depois, consegui o emprego. Não é pelo título, você tem que achar uma empresa que faça a diferença.

Que características uma profissional de sucesso deve ter?

Coragem, ousadia, ser capaz de defender suas ideias e crenças, mesmo quando elas não são populares. Perseverança é importante. Passar por tempos difíceis e aprender com eles também. A carreira de ninguém é perfeita. Tem gente que vem a mim frustrada com o emprego, com o chefe, pensando em deixar o cargo. Sempre respondo que, se você ama a empresa, os tempos difíceis podem ser mais proveitosos para aprender do que situações agradáveis. São as fases difíceis que vão deixar você mais forte, fazer de você uma líder melhor. Desistir? Jamais.

Como você lida com erros?

Todos erram e devem aprender com isso. Se você não está cometendo erros, não está arriscando o suficiente – o que também não é saudável. Se comete o mesmo erro duas vezes, não foi boa aluna.

Qual a importância dos valores na liderança?

Valores são tudo. Integridade define a liderança, tanto política quanto empresarial. Mas os seus valores têm de ser compatíveis com os da empresa para a qual trabalha. Um dos que mais aprecio e que também é um valor da Avon é a humildade, a consciência de quem você é. Algumas vezes, quando vejo líderes fracassarem, não é porque eles não eram inteligentes, e sim orgulhosos demais, arrogantes e nada humildes.

Andrea Jung

**‘Ser
confiante e
independente
é tão importante
quanto ser
bonita**

O que diz a última pesquisa da Avon sobre mulheres e beleza?
Houve uma evolução positiva na definição de beleza. Há dez anos, ela era baseada na aparência. Para a mulher de hoje, ser confiante, independente economicamente, ter voz é tão importante quanto ser bonita. Ser forte equivale à beleza interior e exterior. Isso é muito encorajador.

O batom é sempre um grande campeão de vendas. O que há por trás desse item infalível no nécessaire feminino?

Dos lábios sai a voz, e as mulheres cada vez mais querem ter voz. O batom também é um jeito mais barato de mudar completamente o look, de se renovar sem ter que comprar uma roupa. Se está se sentindo cansada, passa um batom e parece pronta para outra. É um pequeno luxo.

Quais os critérios usados pelo Instituto Avon para a escolha das causas sociais que defende?

Uma pesquisa realizada por nós em 1992 mostrou que vendedores e representantes de diversos países queriam doar uma parte do dinheiro recebido para uma causa da saúde feminina. O câncer de mama afeta uma em cada oito mulheres no mundo inteiro. Portanto, foi uma escolha unânime. Em 2004, sentimos que, além da saúde, segurança era importante. Fizemos a pesquisa novamente e expandimos a missão do Instituto Avon. Então, começamos nossa campanha contra a violência doméstica. No Brasil, foram 25 milhões de dólares para os estudos do câncer de mama, desde 2003, e 3,5 milhões de dólares pela campanha contra a violência doméstica, desde 2008.

Pessoalmente, como você vê essas causas?

Minha avó morreu da doença quando eu era adolescente. Ela morava na China e, naquela época, não havia informação nem tecnologia ou cuidados para detecção. Quando descobriu, já estava no estágio 4 e acabou falecendo.

Trinta anos depois, há três anos, minha mãe descobriu um câncer. Com todo o trabalho da Avon, eu insistia que ela fizesse uma mamografia por ano. Em 30 anos, a medicina avançou e as campanhas informativas ajudaram a salvar a vida da minha mãe. E, infelizmente, essa é uma questão pessoal para muitos. Quanto à violência doméstica, é assustador que uma em cada três mulheres no mundo seja vítima de violência doméstica. Ainda há questões de direitos humanos contra mulheres em muitos países. Estamos comprometidos em ajudar, seja em países que já têm leis, como o Brasil, ou naqueles em que a situação é ainda mais crítica.

O que significa exatamente fortalecer a mulher, uma das bandeiras mais divulgadas por sua empresa?

Há uma ligação entre a independência feminina e a saúde da família, a educação dos filhos e as melhorias na sociedade. Está provado que, quando a mulher ganha dinheiro, passa também a ajudar a comunidade. É uma garantia de avanços na sociedade e estabilidade econômica da nação. Acreditamos em dar oportunidade às mulheres. Um exemplo é a Oportunidade Avon, programa que ensina a ganhar dinheiro e a cuidar do próprio negócio. Partir de quase nada até ter renda para comprar quase qualquer coisa: essa é a história que ouvimos, de nação em nação.

Homens e mulheres realizados profissionalmente podem ser felizes para sempre juntos?

Carreira é uma parte da definição de felicidade. É importante achar um trabalho de que você goste. Se tem paixão pelo que faz, é uma carreira. Se faz por fazer, é um trabalho. Se está em busca da cura do câncer, mudando a vida de várias mulheres, como na Avon, o trabalho é gratificante. É possível ter um relacionamento feliz em 2011, mesmo no topo da carreira. Era mais difícil há dez ou 20 anos, mas agora as mulheres estão quebrando barreiras. Na Turquia, o marido de uma representante era um homem de sucesso e não queria que ela trabalhasse. Então ela começou a vender escondido. Em um curto período de tempo, obteve tanto sucesso que virou uma líder. Ganhou dinheiro, comprou a casa nova deles, mobiliou. Ela diz que ele é um dos poucos maridos que voltam para casa e fazem o jantar. Os tempos são outros no mundo inteiro, mesmo que a mudança seja lenta. Acredito em um final feliz para o conto de fadas. ◊

Assista ao vídeo desta entrevista em claudia.com.br



MATERIAL 11: REVISTA CLÁUDIA SETEMBRO 2011

Carreira



Beleza que dá trabalho

Quantas vezes você já leu nos classificados de emprego: "Deseja-se boa aparência"? Provavelmente muitas, porque esse é um chavão nos anúncios para recrutar profissionais. Um novo estudo, porém, mostra que mulheres bonitas estão em desvantagem na carreira. CLAUDIA foi investigar
DANIELA FOLLONI E TATIANA BONUMA



... ideia de que beleza é bem-vinda e até conta pontos a favor da carreira está em xeque. Segundo pesquisa dos economistas israelenses Bradley J. Ruffle e Ze'ev Shtudiner, mulheres bonitas têm até 30% menos chances de serem chamadas para uma vaga de emprego quando comparadas a outras consideradas "normais". No estudo, apresentado em abril durante a conferência anual da Royal Economy Society, na Universidade de Londres, as belas foram preteridas logo na seleção de currículos.

Será mesmo que as regras do jogo corporativo desfavorecem as bonitas? "Em profissões nas quais se terá contato direto com o cliente ou fornecedores, a beleza pode ser desejável. Ao passo que em outras, em que se atua nos bastidores, isso pouco importa. De qualquer forma, escolher ou eliminar um candidato pela aparência me parece antiético e discriminatório", opina Elaine Saad, vice-presidente da Associação Brasileira de Recursos Humanos (ABRH-Nacional). Na prática, porém, a imparcialidade passa longe dos corredores dos escritórios. Saiba como esse critério tão subjetivo é capaz de ditar as regras.

Bonitinha, mas discreta

O discurso oficial dos recrutadores é monocórdico: em uma entrevista de emprego, a competência vem em primeiro lugar. "Minha preocupação principal é que a candidata esteja preparada para a função e tenha repertório para lidar com os problemas", garante Marcos Antônio Silva, 43 anos, gerente de RH de uma empresa do ramo alimentício, de Curitiba. Em tese, portanto, a beleza não interferiria, mas... "Ser vulgar ou excessivamente provocante costuma comprometer a imagem de qualquer uma", avisa Marcos. Então entram em ação as subjetividades: o que o recrutador entende por "vulgar"? Cabelo exuberante, rosto de modelo e corpo escultural viram pontos negativos se a dona desses atributos usá-los de maneira que desagrade ao entrevistador? Como esse critério é imponderável, o caminho mais fácil parece ser o de adotar estratégias para esconder a beleza em vez de se valer dela. "A mulher

Carreira

deve emitir sinais de competência e não desviar a atenção do entrevistador para os atributos físicos. Se o recrutador perceber indícios de que ela usará seu poder de atração como arma para alcançar algum fim, isso pode prejudicá-la”, diz Ana Lucia de Madureira Biral, psicóloga, *coach* especializada em avaliação e desenvolvimento de competência e professora de gestão de pessoas na Pontifícia Universidade Católica, em São Paulo. Beleza demais não incomoda apenas na entrevista de emprego. Ser atraente no dia a dia do escritório pode até ameaçar a carreira. O gerente de uma multinacional Marcelo, 39 anos, de São Paulo, que preferiu não se identificar, conta como esse critério interferiu em sua decisão de demitir uma funcionária. Ele coordena uma equipe de 25 pessoas e teve de dispensar três. Achou fácil optar por dois funcionários menos produtivos, mas faltava escolher o terceiro. Ficou entre duas moças que tinham menos tempo de casa. Ambas eram tecnicamente boas, mas de temperamentos diferentes. “Uma era discreta e tímida, nem bonita nem feia, e a outra expansiva e atraente, do tipo que desperta a atenção de qualquer homem. Já havia conversado com esta última sobre as roupas que ela usava, pedindo que viesse com peças menos chamativas. Apesar de se esforçar, ela pouco conseguira mudar. Não harmonizava com a equipe. A ala masculina se aproximava dela com segundas intenções, e a feminina a rejeitava. Acabei demitindo-a. Não foi diretamente por causa da beleza, mas pelo clima pouco positivo que se criava em torno dessa funcionária. É lamentável, mas não pude ajudar essa moça a progredir”, relata.

A provação das belas

Segundo o estudo dos economistas israelenses, o caminho rumo ao topo não é mais curto nem mais suave para quem foi agraciada com o corpo de Juliana Paes ou o rosto de Gisele Bündchen. Apenas 12,8% dos currículos com fotos de mulheres atraentes foram selecionados para as entrevistas. O número subiu para 13,6% entre aqueles das candidatas com aparência comum. E chegou a 16,6% em currículos sem foto alguma. O método de pesquisa dos economistas foi enviar dois currículos com informações iguais para cada uma das 2,5 mil vagas selecionadas. A única diferença era que um

Me esforço para não ser vítima do preconceito de que mulher bonita não é competente PRISCILA GOUVEIA, PUBLICITÁRIA



deles sempre continha a foto de uma mulher atraente. Um dado curioso? A mesma pesquisa feita com homens teve resultado oposto: 19,7% dos

candidatos atraentes foram chamados, ante 13,7% daqueles com currículo sem foto e 9,2% dos profissionais que eram considerados de aparência comum.

Os dados reforçam o que muitas profissionais sentem na pele: quando se é mulher e bonita, é preciso se empenhar duas vezes mais para merecer reconhecimento. “Em determinado estágio da carreira, me tornei mais distante, exigente e brava com a minha equipe. Imaginei que assim evitaria preconceitos, aproximações inadequadas ou conclusões de que mulheres atraentes são só atraentes, não podem ser também ótimas chefes”, explica Sinára da Silva, 40 anos, bacharel em informática, líder de governança em uma indústria química, de Porto Alegre. Sinára capricha nas roupas e usa maquiagem para trabalhar, mas investe igualmente em cursos de especialização. “Acho que é assim com qualquer mulher bonita, principalmente se ela atua em um

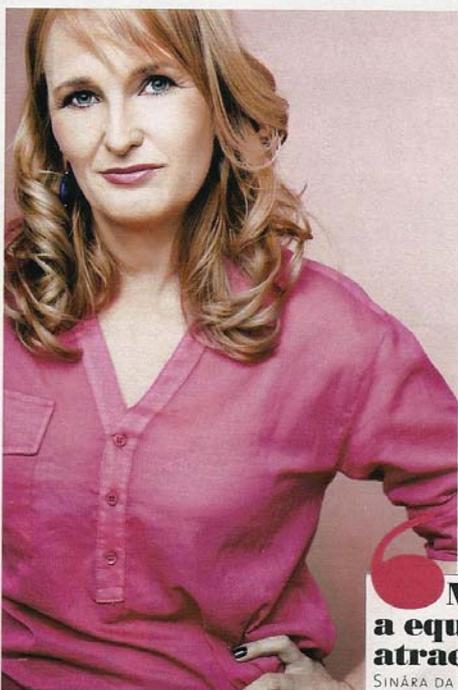
Foto: modelo Bianca Reis, Eliza Medeiros, Paulo Pires, Rocio Inchausti, Daniela Dabulski, Cabelos maquiagem: Daniela Lessa, Capa: ACCI/Produção Karen Fujisaki/Blazer, blusa e calça: Liza Montecolar/Viviane, anel: Miriam/Boas Fotos Priscila Sinára, Priscila Parente/Cabelos e maquiagem: Alti Terni, Upti Agência/Produção de moda: Karen Fujisaki/Produção executiva: Mirella Mallman

Carreira

ambiente masculino." Mesmo quem já se beneficiou da beleza vive preocupada em não ser vista apenas como um rostinho bonito. É o caso de Priscila Gouveia, 35 anos, publicitária da área de tecnologia, de São Paulo: "Numa ocasião, tínhamos um cliente difícil que nitidamente estava encantado por mim. Quando era eu que pedia algo, ele entregava mais depressa. Esse é um exemplo de como a beleza pode criar empatia e ajudar em certas relações. Porém, é preciso usá-la de forma positiva. Caso contrário, você será vítima do preconceito de que mulher bonita não é competente. Sempre me preocupei com isso e me esforço para que o desempenho chame mais a atenção do que o visual".

Nas mãos das rivais?

Não é de hoje que se reclama da guerra do batom. A competição por promoção, prestígio e altos salários é capaz de gerar uma disputa acirrada entre as mulheres. Na pesquisa apresentada na Universidade de Londres, mais um dado coloca lenha nessa fogueira das vaidades: 96% dos recrutadores estudados eram mulheres solteiras com idade entre 20 e 30 anos. Será que existe



Um código sutil

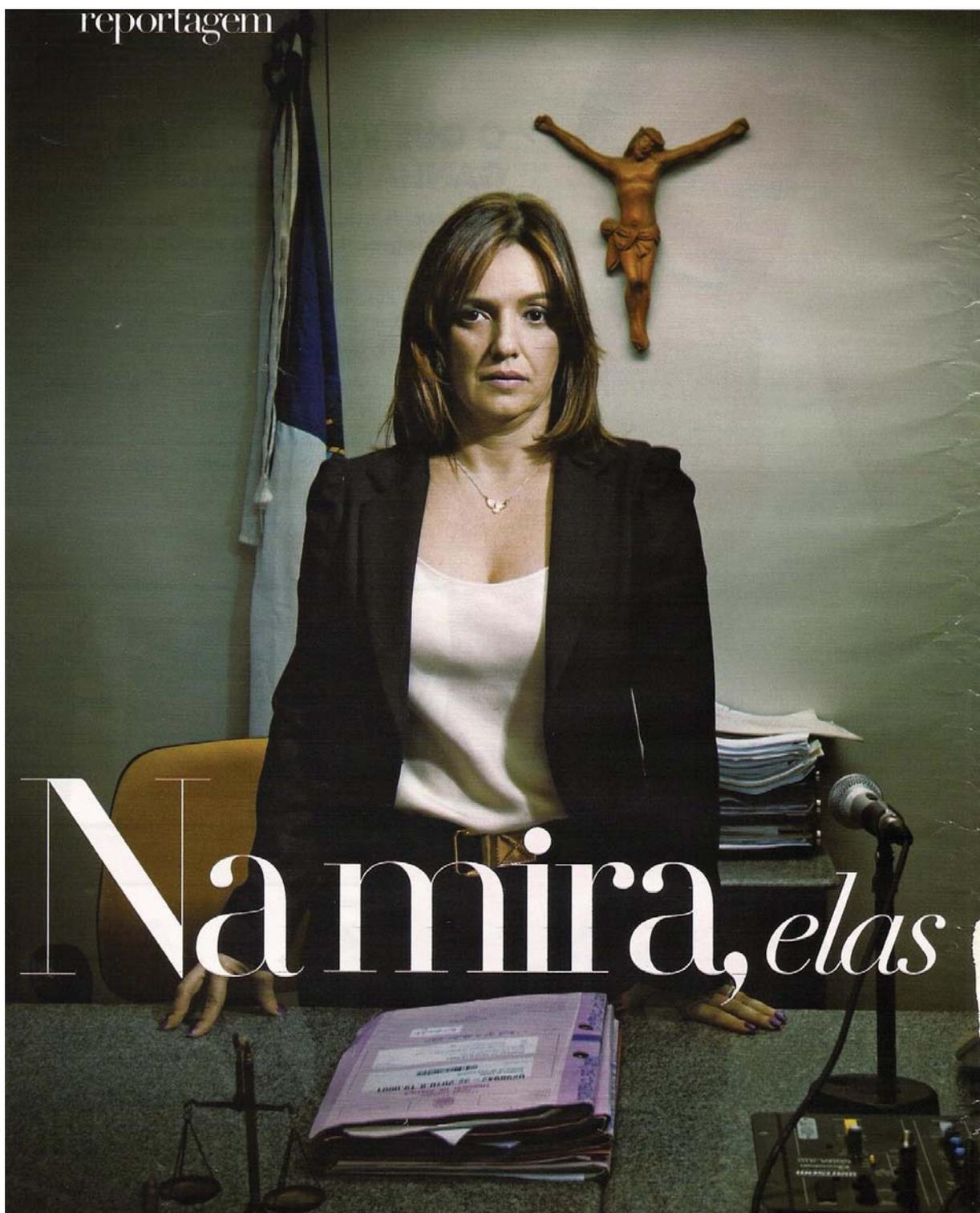
O conceito de beldade no mundo corporativo vai muito além dos traços perfeitos. Foi o que descobriu a executiva de marketing Juliana Gomes em seu estudo sobre a relação entre a beleza das executivas e o sucesso profissional, apresentado como dissertação na Fundação Getúlio Vargas, em São Paulo. Depois de acompanhar a história de 15 mulheres bem-sucedidas e o trabalho de 20 recrutadores durante um ano, ela concluiu que o sucesso depende menos do biótipo e mais da adequação visual a um padrão estético. "Mulheres que progredem na carreira aderem a um estereótipo similar de roupas, joias e cuidados pessoais. Elas denotam que fazem parte de um mesmo grupo", explica Juliana. A nutricionista Fabiana Nunes, 28 anos, de Santo André (SP), enfrentou esse crivo. "Particpei de um processo de seleção e me saí bem nos testes técnicos. Mas fui barrada na entrevista com aqueles que seriam meus chefes. Hoje vejo que naquele dia carreguei um pouco na produção – estava meio perua – e perdi a vaga para uma moça de estilo clean, que combinava com o perfil conservador dos entrevistadores."

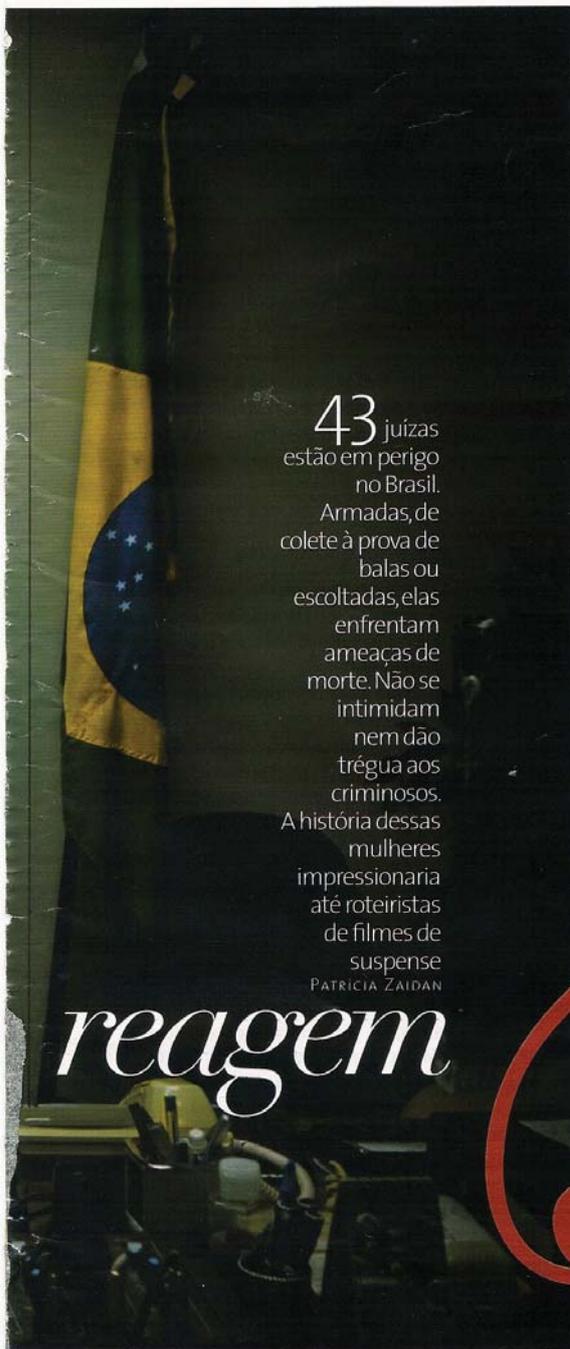
al outro indício de rivalidade feminina? As recrutadoras se sentiram ameaçadas pelas candidatas mais belas? "Essa pode até ter sido uma atitude inconsciente, mas não consigo afirmar", diz Valéria Meirelles, psicoterapeuta e consultora de RH, estudiosa da relação entre as mulheres e a carreira. Para ela, mais importante do que as razões que tiraram as bonitas do páreo é o alerta trazido pelo estudo – afinal, atributos físicos só deveriam ganhar os holofotes em concurso de top model. "No âmbito profissional, a mulher tem o direito de ser avaliada apenas por sua capacidade. Não deveria se preocupar com o fato de que a beleza pode ajudar ou atrapalhar seu crescimento", afirma. ◊

Me tornei mais dura com a equipe para provar que mulher atraente pode ser ótima chefe

SINARA DA SILVA, LÍDER DE GOVERNANÇA

MATERIAL 12: REVISTA CLÁUDIA OUTUBRO 2011





43 juízas estão em perigo no Brasil. Armadas, de colete à prova de balas ou escoltadas, elas enfrentam ameaças de morte. Não se intimidam nem dão trêgua aos criminosos. A história dessas mulheres impressionaria até roteiristas de filmes de suspense

PATRICIA ZAIDAN

reaagem

Sexta-feira, 2 de setembro, 9 horas. O celular toca, a juíza Alessandra Bilac, 40 anos, atende e ouve atenta. Uma voz informa que, na madrugada, Carlos Ari Ribeiro, ex-cabo, suspeito de assassinar 16 pessoas, havia fugido do Batalhão Especial Prisional da PM (BEP), no Rio de Janeiro. A escapada teria sido financiada pelo bando do ex-policia, que transformara a própria cela num escritório do crime e se conectava a comparsas por celular e notebook. Na véspera, cinco marginais da quadrilha haviam sido detidos por força de mandados de prisão assinados por Alessandra na 42ª Vara Criminal, no Fórum Central, onde dá expediente. Carlos Ari saíra com a missão de reunir mata-dores e eliminar as autoridades que tentam dizimar a ruidosa e sangrenta Liga da Justiça, a milícia da qual faz parte. A juíza, delegados e promotores do caso estariam na mira. O nome de Alessandra já figurava entre os 134 juizes que estão vivendo sob ameaça no país. Nesse mapeamento, do Conselho Nacional de Justiça (CNJ), 43 são mulheres. Nos últimos anos, Alessandra condenou 100 homens poderosos e perigosos. Os mais famosos são os irmãos Guimarães – o ex-deputado Natalino e o ex-vereador Jerominho, chefões de Carlos Ari –, que permanecem trancafiados num presídio de segurança máxima no Mato Grosso do Sul desde 2009. Parecia que o coração e o cérebro desse grupo de extermínio haviam sido arruinados, porque também receberam condenação os filhos dos dois políticos e vários ex-policiais, como um certo Batman, temido no sub-mundo. Mas, aprendeu a juíza, esse tipo de corja não acaba:

Se tiver medo da milícia e deixar de enfrentá-la, é melhor trocar de profissão. Não vou me afastar do meu dever

ALESSANDRA BILAC, JUÍZA DA 42ª VARA CRIMINAL DO RIO DE JANEIRO

Na mira, elas reagem

“Você condena um, aparecem vários”. Milícias, só para recordar, são piores do que a máfia e o tráfico, já que contam com agentes que usam a farda, a arma e o treinamento oferecidos pelo Estado para extorquir e matar. Não há lei nos bairros que dominam. O reduto da quadrilha dos Guimarães é Campo Grande, na zona norte carioca, onde eles ainda exploram a venda clandestina de gás e de sinal de TV a cabo, cobram pedágio dos moradores e comerciantes, infernizam mulheres e subornam quem lhes impõe obstáculos legais. Alessandra não esconde a indignação: “Como deixaram fugir o mais perigoso?” Nos últimos meses, juízes da primeira instância – ela incluída – insistiam que o cabo matador não podia ficar no BEP depois de expulso da corporação. Aumenta a irritação dela a lembrança de que uma liminar da 2ª Câmara Criminal impediu a transferência de Carlos Ari para um presídio rígido, onde perderia as regalias que mantinha entre colegas.

É com esse universo duro, cruel e desumano que Alessandra Bilac lida. “Num dia como hoje, a minha tensão é bem maior”, diz. Nossa conversa foi interrompida duas vezes ainda na manhã do dia 2: primeiro, uma desembargadora ligou, preocupada com a integridade física da juíza.

Um major da PM, do serviço de segurança do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro (TJ-RJ), provocou a segunda pausa: veio avisar que ela não deveria sair de casa nos próximos dias e teria a proteção reforçada. De seis policiais à paisana, o contingente de guarda-costas subiria para oito. “Não me alegra nem um pouco. É uma invasão de privacidade enorme, mas não há outro remédio.” A cautela foi redobrada porque seus superiores temem a repetição do episódio Patrícia Acioli, a juíza rigorosa de São Gonçalo (RJ), que, dia 11 de agosto, terminou numa poça de sangue, trespassada por 21 tiros covardes e, ao que tudo indica, disparados por milicianos. Casada, mãe de três crianças – duas são gêmeas –, Alessandra Bilac vive com os músculos do rosto crispados. Tem dores de cabeça frequentemente, mas não dá o menor sinal de recuo: “Se tiver medo da milícia e deixar de enfrentá-la, é melhor trocar de profissão. Não vou me afastar do meu dever”.

Fóruns frágeis como bibelôs

Os riscos se espalham de norte a sul. Os estados onde há mais magistradas em perigo são Paraná, Bahia e Rio de Janeiro, nessa ordem. A coragem é um traço presente em todas elas. A juíza Adriana Benini, 39 anos, casada, uma filha de 3, já nem espera mais pelo Judiciário: comprou com o próprio dinheiro carro blindado, colete à prova de balas e sistema que filma entradas e janelas de sua casa. Há dois anos na vara criminal da paranaense Rio Branco do Sul, a 30 quilômetros de Curitiba, onde ainda atua como juíza eleitoral e da vara de família, ela percebeu a atmosfera pesando. “Ninguém manda bilhete avisando que planeja a minha morte, mas me resguardo”, afirma. “A criminalidade aqui é alta, faço um júri por semana.” Além do tráfico de crack, há encrencas políticas. O prefeito de Rio Branco foi assassinado perto da casa dela; na vizinha Itaperuçu, outro prefeito foi cassado e ocorreu uma eleição fora de hora, que Adriana administrou. “Houve muitos crimes, até um homicídio em comércio.”

A fragilidade do fórum impressiona. Novinho, simpático, sem vigias nem grades nas janelas, é tão violável quanto um bibelô de louça. Numa audiência em que ouvia um PM, Adriana não teve dúvida quando o viu levar a mão ao revólver: “Ele vai me matar”. Mas o policial apenas ajeitou o



Não tive dúvida quando um PM levou a mão à arma. Pensei: ‘Ele vai me matar’ ADRIANA BENINI, JUÍZA DE RIO BRANCO DO SUL (PR)

Na mira, elas reagem

coldre. Um cômodo guarda as armas que são prova de crimes. Qualquer um pode soprar a porta e roubar o arsenal. Da rua, pelo vitral, vê-se Adriana ao computador. “Não é preciso luneta para acertar minha cabeça”, observa. “Abri mão de muita coisa pela magistratura e não tenho a contrapartida mínima, que é tranquilidade para trabalhar.” O desembargador João Kopytowski, do TJ do Paraná, que a visitou para fazer um relatório sobre a situação dos juízes, concorda: “A arquitetura dos fóruns é precária. É preciso ter câmeras, detectores de metais, compartimento de concreto armado para armas e drogas e uma polícia judiciária”, enumera. “E o juiz tem de se preparar, fazer cursos de defesa pessoal e atirar bem. Ele enfrenta marginais que derrubam helicópteros da polícia e explodem fóruns. Não pode se deixar encurralar como presa fácil.”

Na terra do escritor baiano Jorge Amado, Itabuna, de passado elegante e rico pelo cacau que produziu, a juíza Cláudia Panetta, 40 anos, encontrou em 2009 um dos maiores índices nacionais de assassinato na faixa de 18 a 27 anos e... a ramificação da bandidagem dentro do fórum. Uma escrivã do cartório, que se dizia protegida por gente influente da cidade, estava envolvida até a medula com líderes do crime organizado. Ela dificultava todas as ações



Enfrentei incêndio e pichações. Não espero nada do TJ. No Maranhão, juiz conta com a sorte DAYNA TAJRA, JUÍZA DE ESTREITO (MA)

A ministra contra-ataca

A corregedora nacional de Justiça, ministra Eliana Calmon, 66 anos, entabulou uma cruzada para proteger juízes e resguardar o papel do Judiciário

Por que a senhora foi a Pernambuco entregar um carro blindado à juíza Inês Maria de Albuquerque? Ela estava à beira de um colapso nervoso; fazia 41 júris por ano. Havia 400 processos de réus presos, inúmeros de réus soltos. E o crime só crescendo. Exigi do presidente do TJ uma força-tarefa para diminuir o ônus sobre ela, proteção e carro blindado. Ele disse que não tinha o veículo. Então, levei um que foi de um traficante do Sul. Os TJs não creem que seus juízes vivem pressionados.

Por quê? Estão afastados da base, acham que o magistrado superestima o risco. Antes, os crimes se resolviam no Tribunal; juízes da primeira instância não tinham peso. Com a Constituição de 1988, eles começaram a mexer em grupos intocáveis, como a milícia, que reage de forma ousada.

A execução de juízes vem de quando? De cinco anos para cá. Quatro foram mortos, o que preocupa. Criamos uma comissão no CNJ para sugerir segurança aos juízes, fóruns com serviço de inteligência e cooperação das polícias militar e federal.

A juíza pernambucana Fabioli de Moura teve em sua escolta PMs que eram réus em processos que ela analisava, o que é um absurdo. Por que ela precisou recorrer ao CNJ para trocá-los por agentes federais isentos? O TJ havia entendido que ela não corria risco. Essa juíza esteve comigo, me pareceu assustada. Os criminosos querem que ela deixe a comarca. Então, o conselho manteve a liminar que garante a nova escolta dela.

Na mira, elas reagem

da juíza. Até ser presa, em outubro de 2010, com 30 suspeitos, a funcionária orquestrou um esquema de pressão demolidora sobre a magistrada. Num telefonema, mencionou as gêmeas da juíza, então com 2 anos: “Pelo amor que a senhora tem às suas filhas... pare de me perseguir”. Um dos estagiários de Cláudia foi agredido fisicamente e o Conjunto Penal, endereço de 930 marginais, entrou em ebulição. “Sou juíza corregedora, e esses presos estão sob a minha jurisdição. Correu ali a notícia de que minha cabeça estava rolando e de que, numa reunião, líderes de facções criminosas haviam decidido realizar um atentado contra mim e um delegado de polícia”, recorda. A presidenta do TJ-BA, Telma Laura Britto, identificou o perigo e determinou uma escolta. Pergunto para a juíza: “A senhora anda armada?” Cláudia responde: “Sim, com uma pistola 380”. “Tem receio de continuar?” E ela devolve, ligeira: “Não tenho medo. Tenho cautela. Jamais me deixarei dominar pelo poder do mal. Vou em frente”.

Sorte e solidão

Na volta dos fins de semana em Imperatriz (MA), onde vive o marido, Dayna Tajra, 33 anos, sem filhos, dirige o próprio carro por 136 quilômetros até a cidade maranhense de Estreito, onde é juíza. Faz o trajeto sozinha. Leva na bolsa um revólver 38. Para se sentir segura, treina boxe às sextas. Numa segunda-feira de julho, encontrou sua casa pichada: “Mata, mata, mata”. Dayna, da 2ª Vara Criminal, pensou em vandalismo. Uma semana depois, um incêndio

consumiu parte do fórum. “Vários processos viraram cinzas, outros nadaram na água que apagou as chamas”, conta. De secador de cabelo em punho, a juíza convocou as funcionárias para enxugar as pastas que sobraram. Tarefa difícil era saber quem estava por trás do atentado. “A cada mês, entram 80 novos processos. Em fevereiro, afastei todos os vereadores da cidade e dissolvi a Câmara Municipal”, lembra. O Ministério Público moveu uma ação civil denunciando os parlamentares, que teriam embolsado 198 mil reais – dinheiro não gasto pelo Legislativo e que deveria retornar aos cofres públicos. A população fez passeata, apoiou o Judiciário: o ganho mensal médio ali é inferior ao salário mínimo, enquanto um vereador recebe 3,6 mil reais. Há muito desemprego e um forte trânsito de drogas e armas contrabandeadas, que chegam de Tocantins pela rodovia. Também tramita no fórum de Estreito outro processo delicado, contra um ex-prefeito, acusado de malversação de verba municipal.

Dayna prefere ir do trabalho direto para casa, não tem amigos nem vida social. “Quando você passa no concurso, ninguém avisa que a vida do magistrado será sempre solitária. Também não somos preparados para entender qual é o peso das nossas decisões sobre a mente ardilosa de um criminoso. É um cargo com muito ônus.” No ofício há sete anos, ela já aprendeu: “Não posso esperar nada do Tribunal. No Maranhão, o juiz conta só com a própria sorte”.

Quase todas as juízas ouvidas citam Denise Frossard como modelo. Antes dela, o jogo do bicho vicejava no Rio de Janeiro e os chefões do negócio eram bajulados até no Palácio Guanabara, sede do governo estadual. Em 1993, a doutora Denise condenou 14 bicheiros, incluindo o maior, o lendário Castor de Andrade. Foi a primeira vez, no Brasil, que a nobreza da contravenção se viu enquadrada pela Justiça. Dois anos depois, o número de aprovadas no concurso para magistratura superou o de homens, fato até



A morte de Patrícia

Em seu Fiat Idea cinza, na porta de casa em Niterói (RJ), a juíza Patrícia Acioli foi abatida por 21 tiros. Desde 2007, andava sem escolta – e o CNJ investiga se houve negligência do TJ do Rio. Dia 12 de setembro, foi decretada a prisão preventiva dos PMs Daniel Lopes, Sérgio Costa e Jefferson Miranda, apontados como os matadores, lotados no 7º Batalhão da PM, em São Gonçalo. Teriam planejado o massacre para evitar que Patrícia determinasse a prisão deles pelo assassinato de um rapaz. Quando dispararam as balas, compradas com o dinheiro público para a PM, ela já tinha cumprido seu dever e assinado a ordem. A família dela vê nos acusados “os peixes pequenos” e quer que peguem “o mandante”. Que pode estar de farda num batalhão.

Na mira, elas reagem

então inédito. Ainda hoje, aos 61 anos, aposentada, quando visita o TJ do Rio, Denise é parada pelas juízas ou aspirantes, que pedem cópia da sentença histórica e conselhos. “Mantenho um olho na nuca, nunca malho na academia no mesmo horário, jamais me sento de costas para portas e janelas”, diz. Três atentados contra ela foram desbaratados. Num deles, esteve na alça de mira de um matador, que só não puxou o gatilho porque recebera ordens de apagar antes um herdeiro de Castor. Por causa da vida cheia de suspense, optou por não ter filhos. “E me arrependo. Eu adoro crianças. Mas não queria deixá-las órfãs.” Um juiz ameaçado, comenta Denise, manda a mulher e as crianças se refugiarem na casa da sogra. “A juíza não se separa dos filhos, e eles correm riscos com a mãe.” Ela lembra que Patrícia Acioli não deixou apenas três filhos assustados e traumatizados. “O episódio mostrou que o estado democrático de direito está ferido.” Para vencer a guerra, pondera, o crime organizado precisa ser liquidado em toda sua extensão. “Tem que meter na cadeia, com punição rigorosa, não só os executores mas também os mandantes. Além disso, é imprescindível quebrar o negócio dessas milícias. Tirar o dinheiro delas, secar o duto.”



“Um juiz não se diz ameaçado”

É o que pensa Renata Gil, 40 anos, vice-presidente da Associação dos Magistrados Brasileiros (AMB) e titular da 40ª Vara Criminal do Rio de Janeiro

A juíza Patrícia Acioli não foi cautelosa? Nada pode macular a atuação dela; era uma idealista. Sua morte doeu na minha carne. Imaginava que, como era dura, o que irritava as milícias, ela tomasse cuidados redobrados. Um juiz que trabalhava com ela comentou: ‘Por que não ajudamos mais a Patrícia?’ Ocorre que um juiz não conta sua experiência com ameaças. Nem informa o Tribunal. É constrangedor. No meu caso, tinha ainda a desconfiança sobre quem estaria na minha suposta escolta. Quando ameaçada, tomei cautelas; sou atiradora. Meus filhos não iam à praia, não se expunham. O criminoso crê que uma juíza cede mais facilmente às ameaças? Não tenho dúvida, o criminoso pensa que juízas com medo amolecem a postura. Mas elas são aguerridas. O que pode mudar a aparente vitória da criminalidade? Os maus policiais têm de ser combatidos. Só com uma polícia menos corrupta, livre e mais independente da política estadual – como é a Justiça – vamos virar esse jogo. O que diz o documento que a AMB enviou para a presidenta Dilma Rousseff? São sete propostas. Entre elas, a revisão do sistema processual penal, que permita imediato cumprimento de penas; um órgão de inteligência para cada tribunal; protocolo de conduta para juízes ameaçados; e uso da Força Nacional de Segurança quando ocorrerem situações de crise.

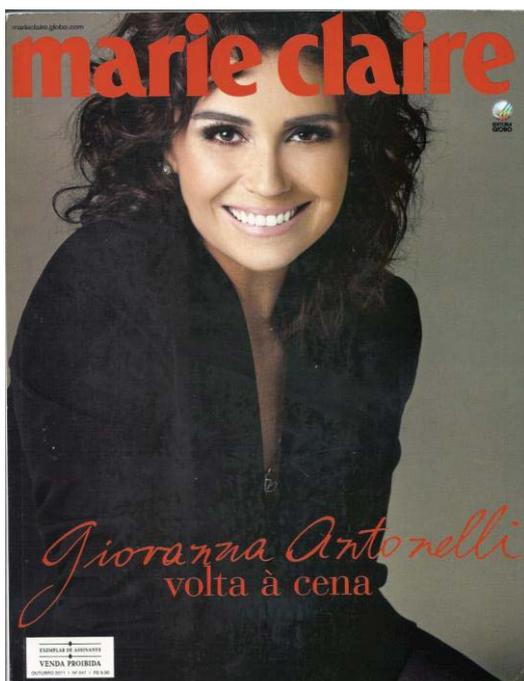
Só com uma polícia menos corrupta e livre da política viraremos esse jogo RENATA GIL, JUÍZA DA 40ª VARA CRIMINAL DO RIO DE JANEIRO

IMAGENS DAS CAPAS DAS EDIÇÕES DA REVISTA MARIE CLAIRE¹⁵⁸
UTILIZADAS



¹⁵⁸ A revista Marie Claire publica a mesma revista com duas capas, as da esquerda são as exclusivas para assinantes.





MATERIAL 13: REVISTA MARIE CLAIRE MAIO 2011¹⁵⁹

“Meus alunos foram mortos na minha frente no massacre de Realengo”

Ao entrar na escola Tasso da Silveira, em Realengo, o atirador Wellington de Oliveira, de 23 anos, foi para a sala do oitavo ano, onde estava a professora Leila D’Angelo, 48. Aqui, ela conta os detalhes do massacre e como a tragédia deve mudar a maneira de ela levar a vida e dar aulas

Por Depoimento a Martha Ferreira

“Quando o relógio marcou 8h15 da manhã, abri a porta e vi o Wellington de Oliveira com uma bolsa na mão. Ele parecia calmo”

Minha mãe era professora de português e, talvez por influência dela, a matéria de que eu mais gostava era a que ela lecionava. A vida toda quis trabalhar com adolescentes e sonhava dar aulas em escolas. Por isso prestei vestibular para Letras em 1980. Foi uma alegria indescritível quando fui aprovada. Era o primeiro passo para a realização do meu sonho de menina. Comecei a dar aulas aos 23 anos e, desde que me tornei professora, colecionei mais histórias boas do que ruins. Ajudei a reestruturar famílias desajustadas, reaproximei parentes. Uma vez, fiquei preocupada com uma aluna extremamente bagunceira. Chamei a mãe dela para uma conversa. Coloquei filha e mãe frente a frente e, depois de muito falar, as duas caíram num choro convulsivo. Viviam uma vida de muita tristeza por conta do alcoolismo do pai da menina. Decidi dar ainda mais atenção a essa aluna, que se tornou uma menina estudiosa, gentil e dedicada. Fiquei feliz com o final positivo dessa história. Era justamente a vontade de mudar a vida de crianças de classes menos favorecidas e de ensinar que me motivava. Ao conseguir uma vitória como essa, tinha certeza de que estava plenamente realizada com a escolha da minha profissão.

Sempre dei aula em escolas particulares, quando, em 1994, fiz o concurso para a Prefeitura do Rio e passei, conquistando uma vaga na escola Tasso da Silveira, em Realengo. Também garanti outra vaga em um colégio do estado em Resende, no interior do Rio, onde vivo. A Tasso da Silveira é uma escola especial e eu realmente amo trabalhar lá. A equipe é uma grande família: a maioria dos professores está ali há mais de dez anos. A Tasso tem uma fama de escola rígida que não temos nenhuma intenção de mudar. Seus alunos precisam usar uniformes, cumprir regras e horários. Boa parte dos estudantes é composta por filhos de ex-alunos e realmente impera um clima de comunidade. Para se ter uma ideia da qualidade do ensino, o filho do diretor estuda lá — o que não é muito comum em escolas de periferia do Rio. Claro que havia alguns problemas de estrutura, algumas rusgas. Duas professoras não se falavam havia 11 anos por causa de uma bobagem. Depois da tragédia, reataram a amizade. Comecei a dar aulas para a turma do oitavo ano — com quem eu estava no momento em que o atirador entrou na sala — há dois anos, quando eles tinham 11. Era uma turma bastante agitada, que exigia um empenho grande de professores. O ano passado, inclusive, foi muito desafiador — eles estavam vivendo o auge da rebeldia. Coloquei para mim que conseguiria vencer essa dificuldade e faria a turma voltar a ser mais calma e concentrada. Por isso, pedi ao diretor para continuar com eles no oitavo ano, em 2011, para concluir essa missão.

Uma das alunas com quem eu mais conversava dessa classe era a Larissa Martins, que morreu no massacre. Ela era alegre, esperta e muito viva. Na hora da aula, tinha de separá-la da melhor amiga para conseguirem ficar quietas. Elas entendiam, não reclamavam porque sabiam que era bom para elas. Quando a aula terminava, vinham até mim conversar sobre suas questõezinhas. Pediam conselhos sobre namorados. Eu estava até empenhada em ajudar a Larissa a se aproximar do menino de que gostava. Conversávamos sobre sexualidade, sobre como prevenir a gravidez na adolescência — o que faço com todas as minhas alunas meninas.

Na manhã da quinta-feira, dia 7 de abril, nada me dizia que viveria o pior dia da minha vida. Acordei antes das seis da manhã, tomei um café simples e sai para trabalhar com a alegria de

¹⁵⁹ A revista Marie Claire de maio de 2011 foi consultada via internet (www.revistamarieclaire.globo.com). Com o intuito de não desconsiderar este material, o texto foi impresso e a entrevistada Lua teve acesso à ele durante a conversa.

sempre. Sou uma pessoa bem-humorada. E assim cheguei à escola, às 7 horas da manhã, e dei a primeira aula de português. Cerca de 50 minutos depois fui à sala 4 dar aula para essa turma do oitavo ano. Quando o relógio marcou 8h15 ouvi uma batida seca na porta. Abri e vi o Wellington de Oliveira. Ele parecia calmo. Entrou, disse que ia dar uma palestra e pôs uma bolsa de viagem em cima da mesa. Quando fui dar uma bronca por não ter pedido licença, começou a atirar nos alunos.

Até o terceiro tiro, não havia entendido a loucura da realidade que estava presenciando. Nos milésimos de segundos em que tive alguma lucidez, pensei se deveria ficar ali esperando-o atirar em todas as crianças, e certamente me matar também, ou sair em busca de ajuda. Totalmente em pânico, gritei para os alunos fugirem. Três meninos saíram correndo. Fugi atrás deles, desesperada, em busca de ajuda. Desci as escadas como louca e parei na cozinha. Pedi à cozinheira para ligar para a polícia e contei o que estava acontecendo. Um dos meninos que estava na minha sala, o Alan, foi quem encontrou o bombeiro que nos ajudou.

As lembranças desses momentos ainda são confusas. Da cozinha, me levaram para a casa do caseiro da escola. Lá, me deram um copo de água com açúcar. Em alguns minutos, a polícia entrou na escola e atirou no Wellington, que na sequência se matou. Fui para a sala dos professores quando soubemos que estava tudo terminado. Foi só nessa hora que tive noção da proporção daquela tragédia. Havia policiais, gente gritando, um entra e sai enorme na escola, as passagens interditadas. Não voltei na minha sala, não tive coragem. Não vi o corpo de Wellington na escada. Depois, vendo as fotos dele nos jornais, não consegui me lembrar de ter dado aula para ele. Não sei se fui sua professora e não quis pesquisar nos registros da escola. Não quero saber de mais nada sobre ele, para tentar esquecer mais rápido aqueles minutos de horror. Liguei para o meu pai, que tem 82 anos, e disse que estava bem. Na sequência, liguei para o meu marido. Não conseguia parar de chorar.

“Não dormi na noite depois do massacre. Cochilava e acordava com pesadelos e o coração aos pulos. Perdi três quilos desde então ”

Na noite do massacre, claro que não dormi. Quando cochilava, pesadelos me acordavam. Não lembro direito o que sonhava, mas despertava com o coração aos pulos. Só consegui descansar algumas horas, três dias depois, no domingo. Não tomei nenhum remédio, apenas florais. Também não senti necessidade de procurar ajuda psicológica. Apeguei-me ainda mais ao meu marido e aos meus dois filhos, Pedro, de 20 anos, e Daniel, de 16, que também ficaram abalados com o meu sofrimento e com a possibilidade de me perder.

Ouvi muitas críticas pelo fato de ter deixado a classe com o atirador lá dentro. As imagens das câmeras da escola que foram divulgadas na TV mostraram eu saindo da classe na frente de alguns alunos. Claro que, depois que tudo terminou, fiquei me perguntando se havia tomado a atitude correta. Isso me fere. Minha intenção sempre foi tentar salvar as crianças — essa é a essência da minha profissão. Mas sou mãe e concluí que fiz a coisa certa. Se não tivesse corrido, a tragédia poderia ter sido bem pior porque ele teria ainda mais tempo para seguir atirando. Prefiro acreditar que ajudei a salvar vidas.

Os dias que se seguiram foram difíceis. Não consegui comer nada. Perdi três quilos desde então. Chorei muito quando a mãe da querida Larissa me ligou, oito dias depois do crime, para contar que leu em seu caderno que eu era a sua professora preferida. Tenho conversado com os alunos, mesmo quando as aulas ainda estavam suspensas. Consegui convencer três deles a não saírem da escola. Falei que a gente tem de viver essa dor juntos. Se saíssem da escola, não teriam o nosso apoio diário. Por exemplo, se daqui a algum tempo um aluno quiser parar no meio da escola e chorar, vamos acolhê-lo e até chorar junto com ele. Em outro colégio, é provável que tenham de guardar essa dor. Chorei também quando a escola reabriu e vi minhas crianças dispostas a lutar para retomar a vida. Foi emocionante demais ver aqueles meninos, tão pequenos e tão guerreiros. Eles se abraçavam e prometiam total solidariedade aos colegas que precisassem de alguma ajuda. Foram momentos tocantes, de muita fé e esperança em dias melhores.

Vi a morte de perto e perdi alunos queridos. Mas não tenho ódio. Tenho muita compaixão pelo assassino e, principalmente, por sua família, que vai viver marcada por esse massacre. Ele era uma alma atormentada por sofrimentos, vivendo a opressão de todos os lados. Em nenhum momento pensei em desistir de dar aulas. Amo minha profissão. A maior lição que aprendi com essa desgraça é jamais deixar um aluno quieto sem a devida atenção. Nós, professores, temos a tendência a focar nos alunos agitados, bagunceiros, achando que são esses que têm

problemas em casa. E de fato têm. Mas agora sei que os mais calados podem ser ainda mais problemáticos, como era o caso do autor do massacre. Talvez se algum professor tivesse tido esse insight com o Wellington, ele poderia ter se tornado outra pessoa.

A outra professora, que estava na sala 3, caiu numa depressão profunda e está de licença. Nem sabemos se conseguirá voltar a uma sala de aula. Rezo por ela todos os dias e agradeço a Deus por me dar força para seguir. Cada dia estou um pouco mais forte. Ainda choro de saudade das crianças e nem todas as noites tenho um sono tranquilo. Mas hoje olho a minha família com mais amor. Toda hora peço um abraço a um filho. Também sinto mais compaixão pelo sofrimento alheio. Dou mais valor a coisas simples: um domingo de folga, um abraço, uma palavra de carinho e, principalmente, à lembrança de que sou uma sobrevivente.”

MATERIAL 14: REVISTA MARIE CLAIRE JUNHO 2011

Eu, leitora

“LARGUEI A CARREIRA DE EXECUTIVA BEM-SUCEDIDA PARA MORAR NA ÁFRICA”



Aos 21 anos, me formei na faculdade de propaganda e marketing em São Paulo. Tinha um bom emprego como *trainee* em uma multinacional e namorava firme um francês, o Charles, havia três anos. Ele recebeu uma oferta de trabalho nos Estados Unidos e me chamou para ir junto. Topei na hora. Achei que era uma boa oportunidade de melhorar meu inglês, que não tinha fluência, e fazer um MBA. Cheguei a Washington em outubro de 2000, quando as temperaturas estavam caindo. A adaptação foi difícil — mal nos instalamos, e o Charles teve uma hérnia na coluna que o impedia de andar. Ele teve de ir para a França fazer uma cirurgia e passou um tempo na casa dos pais para se cuidar. Fiquei os três primeiros meses sozinha. Enfrentar o frio foi complicado, chorei algumas vezes porque meus ossos doíam. Mas o mais difícil mesmo era estar só e sem conseguir me comunicar, já que meu inglês era ruim. Foram dias tristes, mas não pensei em voltar. Não sairia de lá sem meu MBA. Nesse início, passei muito tempo em casa e, para praticar a língua, ficava conversando com os atendentes de telemarketing que ligavam para lá.

Em busca de trabalhar medos, a paulistana Gisele Abrahão, 34 anos, deixou o emprego e a vida luxuosa como alta executiva em Washington, nos EUA, para ajudar crianças com aids na África. Em meio ao sofrimento dos outros, aprendeu a aceitar a própria solidão. Depoimento a Patricia Moterani

O Charles voltou da França em fevereiro do ano seguinte, ainda com problemas de saúde. Não andava direito e não podia dirigir. Para ele, que foi campeão de jiu-jitsu, essa condição era complicada, e o humor dele só piorava. Isso, somado a todas as outras dificuldades de adaptação, acabou interferindo em nosso namoro. Em abril, comecei meu MBA e, algumas semanas depois do início das aulas, fui morar com uma amiga americana da faculdade. Conheci os amigos dela e assim comecei a formar minha turma por lá. No entanto, Charles e eu não chegamos a romper definitivamente.

Logo em seguida, vieram os ataques de 11 de setembro. Estava dormindo quando tudo aconteceu. Acordei com um telefonema desesperado da minha mãe, mas a conversa foi interrompida pelo corte nas linhas telefônicas. Entrei em pânico — não conseguia avisar ninguém de que estava bem, nem falar com a minha melhor amiga brasileira, que estava em Nova York naquela manhã. Vi o Pentágono pegando fogo pela janela de casa. Foi um momento impressionante, angustiante e muito triste.

Eu, leitora

Nessa época, queria arrumar um emprego na minha área. Fui ao escritório que dá suportes a estudantes brasileiros nos EUA pedir uma orientação. A moça que me atendeu comentou que tinha uma amiga na embaixada da Jordânia que poderia me ajudar. Conversei com ela e acabei sendo indicada a um escritório de turismo ligado à embaixada do país. O pessoal dessa agência gostou de mim e criou uma vaga como estagiária de marketing e comunicação para que eu ficasse com eles. Sem me dar conta de que iria trabalhar para um país muçulmano logo após o 11 de setembro, topei na hora.

Foi um desafio. Imagine uma brasileira, expansiva, trabalhando para um país muçulmano nos EUA nessa condição extremamente adversa. Era difícil, ninguém queria saber da gente. Eu tinha de fazer pesquisa de mercado sobre a Jordânia e as pessoas riam quando eu perguntava o que achavam do país. Quando terminei o MBA, no final de 2002, estava decidida a voltar para o Brasil. Meu namorado com o Charles definhava, sempre fui muito próxima da minha família e me deu vontade de recomeçar no meu país, mas ninguém gostou dessa minha ideia no escritório. Além de gostarem do meu trabalho, para eles era bom ter na equipe alguém de cultura tão diferente. Pediram que eu ficasse mais um ano. Acabei ficando oito.

A ignorância e o medo que pairavam nos Estados Unidos em relação aos muçulmanos começaram a se dissipar com a Guerra do Iraque. Muitos americanos ficaram curiosos para saber o que de fato acontecia naquele pedaço de mundo. Além disso, a imagem do rei Abdullah II e da rainha Rania sempre foi muito boa e isso ajudou a Jordânia, um país lindíssimo, um verdadeiro oásis no Oriente Médio. O escritório deslanchou.

Em pouco tempo, assumi o departamento de comunicação e passei a viajar pelo mundo inteiro a trabalho. Ganhava bem, morava sozinha em um apartamento bacana, tinha carro, visto diplomático (o que me isentava de pagar qualquer imposto fosse no Brasil, na Jordânia ou nos EUA), escolhia em que lugar do planeta passaria o próximo feriado, jantava nos melhores restaurantes. Sabe vida de luxo? Era a minha. Entre 2005 e 2007, cheguei a passar somente 40 dias por ano no meu apartamento em Washington. Conheço mais de 50 países.

Charles e eu terminamos para valer em 2005, depois de nove anos juntos. Solteira e em meio a tantas viagens, eu me apaixonava toda noite. Muita gente ficava maravilhada com a minha vida, e ela era realmente muito boa. Ao mesmo tempo, trabalhar tão intensamente me fez perder momentos importantes, felizes e tristes, da vida de várias pessoas de quem gosto. Não vi o casamento de muitas amigas e até hoje não me perdoei por não estar com a minha mãe quando meu avô, pai dela, morreu.



Na famosa crise dos 30, comecei a repensar esse meu ritmo. Estava angustiada, sabia que era preciso mudar”

Na famosa crise dos 30, comecei a repensar esse meu ritmo. Estava angustiada, sabia que era preciso mudar, mas não sabia exatamente como, ou o que estava faltando. Em janeiro de 2009, fui para Nova York acompanhar uma palestra da rainha Rania sobre seus trabalhos voluntários. Minha ficha caiu durante esse evento: o que me faltava era fazer algo pelos outros. Decidi então que faria voluntariado, mas não sabia para onde iria. Escrevi uma lista com meus principais medos e vontades. Sempre tive pavor de aids e enorme curiosidade em entender mais sobre suas consequências psicológicas. Também sinto medo de qualquer tipo de animal e queria conhecer a África, um continente que havia explorado pouco (até então só tinha ido à África do Sul). Outro de meus objetivos era experimentar a vida com dinheiro contado. Ao me deparar com essa lista de medos, resolvi viajar pela África por seis meses. Embarquei em fevereiro de 2009.

O pastor que administra a escola me recebeu no aeroporto em Uganda, já tarde da noite. Morri de nervoso quando cheguei a essa vila. A casa dele, onde eu ficaria hospedada, era a única feita de tijolos. O banheiro era um espaço com um buraco cavado no chão. Chuveiro, nem pensar. O banho tinha de ser de canequinha. A comida ficava toda empilhada em um canto com muitas moscas, não havia geladeira. O fogão era uma lata com carvão e madeira. Lá, moravam o pastor, sua mulher e um filho.

Nos documentos mandados pela fundação a mim, quando ainda estava nos EUA, eles deixavam claro que asseguravam as necessidades básicas dos voluntários. Mas não foi o que

Eu, leitora

aconteceu. Além disso, o pastor, que seria meu parceiro durante esse desafio, foi se revelando cada vez mais passivo, alheio ao empenho gigantesco que é necessário para transformar a vida de uma comunidade tão sofrida.

Katebo é uma vila formada por 400 pessoas, 95% delas com aids. Via gente morrendo no meio da rua, à luz do dia. Os alimentos chegam a eles por meio de trocas. No sábado e na quarta-feira, essas pessoas reúnem-se com gente vinda de vilarejos próximos e trocam bananas e outras frutas, tiradas de plantações, por vacas, galinhas e bois trazidos pela população de fora.

A escola, única da vila, era um caos. Os banheiros, também espaços com buracos cavados no chão, eram imundos. Era óbvio que aquelas crianças precisavam, antes de aprender inglês, geografia ou matemática, de um mínimo de higiene. Elas comiam com as mãos, no mesmo lugar onde tinham aulas. Minha primeira providência foi comprar talheres e organizar um mutirão para limpar esses banheiros. Coloquei neles baldes com torneirinhas para que as crianças lavassem as mãos — uma mudança enorme na rotina.

Fui muito bem-recebida pela comunidade, ganhei carinhosamente o apelido de Madame Gi, mas isso não facilitou muito. Ainda que não entendessem muito bem o que eu propunha (afinal, eles não conhecem a vida fora daquele lugar — não sabiam que comer com as mãos sujas significa um risco), os moradores gostavam das minhas sugestões. No entanto, poucos se comprometiam. Cheguei a comprar material de construção para pequenas reformas, como a criação de um refeitório e de uma biblioteca. Mas os

“Katebo é uma vila de 400 pessoas e 95% delas têm aids. Via gente morrendo no meio da rua, à luz do dia



pedreiros, gente da própria comunidade, não iam trabalhar, cada hora com uma desculpa. Um dia era porque chovia. No outro, porque fazia sol. No seguinte, porque tinham de tomar um coquetel contra a aids.

Eles não têm perspectiva de vida e por isso qualquer esforço às vezes parece inútil. Eu entendia isso, mas não me conformava. Queria que cuidassem mais do entorno e de si, também como forma de prolongar a vida — não era certo que todos morreriam, as crianças tinham direito a ter esperança. A minha visão romantizada sobre o que era o trabalho voluntário foi sendo desconstruída dia a dia. Não bastavam meus recursos e minha vontade. Eles tinham seu próprio tempo e seus limites, e cabe ao voluntário entender e priorizar suas ideias de acordo com a realidade deles.

Conseguia ver resultados e, apesar de considerá-los pouco perto do que sabia ser possível, entendia que já era muito mais do que tinham antes de eu chegar. Levei muitos deles a médicos para tratar doenças, as crianças comiam melhor, a cultura da higiene pouco a pouco ia ganhando força e um terreno enorme começava a ser usado como plantação para outros tipos de alimentos, o que tornaria a comunidade mais sustentável. Queria que eles entendessem a diferença entre ser sustentável e depender de caridade.

O mais tocante era ver que estava criando sonhos em algumas crianças, a maior parte delas órfãs de pai e mãe. Quando dizia a elas, nas aulas de Geografia, que o mundo ia além de Katebo, seus olhinhos brilhavam. Quando faziam aula de música com instrumentos que improvisei, idem. Era isso o que me mantinha firme no meu objetivo. Não era fácil lidar com a frustração e com as condições péssimas em que eu me encontrava. Minhas refeições eram biscoitos. Tomava banho de caneca todos os dias e não usava aqueles buracos que eles chamam de banheiro de jeito nenhum. Fazia xixi só no mato e meu intestino ficou travado durante todo o tempo em que fiquei na vila. Ao fim dos dois meses, já não aguentava mais ficar em Katebo, me sentia muito debilitada. Por um milagre não peguei nenhuma doença.

Meu último dia lá foi outro choque. Enquanto me despedia de todos, percebi que o grupo de crianças ao qual era mais apegada me ignorava. Pedi para falar com a Carol, uma espécie de líder deles. Ela me explicou o que estava acontecendo: “Todo mundo que a gente ama nos abandona, você é igualzinha”. E virou as costas. Eu desabei a chorar. Talvez tenha sido ingenuidade, mas não cheguei a pensar que o carinho que estava dando a essas crianças, tão marcadas pelo sentimento de abandono, também poderia machucá-las. Expliquei que minha função ali era essa, passar apenas um período ajudando-os, mas que o amor que tinha nascido continuaria a existir em qualquer lugar que eu estivesse. Ela se acalmou e me fez prometer

Eu, leitora

que eu pensaria sempre nela. Isso mexeu muito comigo.

Segui minha viagem pela África na caçamba de um caminhão, dessa vez, fazendo só turismo. A ideia era explorar outros países, conhecer outras comunidades e fazer safári. Nessas andanças, vivi um momento Liz Gilbert, a escritora do livro *Comer, rezar e amar*. Já em Uganda, percebi que a cultura africana, de uma maneira geral, é muito machista. Por volta dos 17 anos, a mulher está casada e com filho. Aos olhos deles, eu era mais doente do que alguém com aids, pois não entendiam como era possível uma mulher de 31 anos não ser casada e não ter filhos. Eu só podia ter algum problema gravíssimo, algo de muito errado. Não era maltratada nem hostilizada por conta disso, mas percebia um enorme espanto quando revelava minha condição. Eu podia mentir, mas não queria. Casar e ter filhos, naquele momento, não era uma questão que me preocupava. No entanto, depois de um tempo, o julgamento começou a me incomodar e cheguei a pensar que eles pudessem estar certos.

Fiquei introspectiva alguns dias, digerindo isso, mas concluí que não havia nenhum problema comigo. Eu estava bem feliz com a minha vida, fazendo uma viagem incrível, aprendendo muito. Dificilmente eu teria essa experiência se fosse casada e tivesse filho. Teria outras — mas o que me interessava naquele momento era exatamente o que estava vivendo.

Na Tanzânia, parei em uma feira de artesanato. Puxei assunto com uma mulher chamada Lua e a primeira pergunta que me fez foi: "Onde estão seu marido e filhos?". Disse que não os tinha, e a reação foi a mesma das outras pessoas. Mudei de assunto e pedi a ela que me ensinasse a dançar daquele jeito que só os africanos sabem, mexendo todo o corpo. Ela resistiu. Chamei um monte de homens africanos que estavam na feira e fiz o pedido a eles. Começamos a cantar e a dançar no meio de uma praça. Foi uma cena engraçadíssima. Quando a dança terminou, Lua disse que nunca tinha visto os olhos de uma pessoa transparecendo tanta felicidade quanto os meus e perguntou como isso era possível.

Expliquei que eu era realmente feliz, pois poucas pessoas tinham o privilégio de estar naquela hora dançando no meio de uma praça na Tanzânia. Ela rebateu: "Mas como? Você não tem marido nem filho". Aí eu não aguentei. Conteí a ela toda a história da minha vida, minha sede por aprender e conhecer novas coisas sempre, e disse que queria, sim, me casar, mas só se fosse com um homem incrível, numa relação linda. Insisti que ela estava vendo nitidamente que eu era feliz, apesar de solteira.

Ela ficou emocionada e me pediu mil desculpas por ter me julgado. E continuou: "Minha filha hoje tem sete anos. Quando ela fizer 15, a sociedade vai começar a pressioná-



Aos olhos deles, eu era mais doente do que alguém com aids: uma mulher com 31 anos tem de estar casada e com filhos"

la para casar. Eu lhe prometo que quando ela chegar nessa idade contarei sua história e direi o quão feliz você é. E então ela vai ter como escolher entre a sua e a minha vida. Se minha filha tiver, em algum momento, o olhar que você tem, eu morro feliz". Isso foi fantástico. Vi que tinha agregado algo à vida dela, à da filha e possivelmente à de outras mulheres próximas a elas. Ainda que elas continuassem seguindo a cartilha do casamento precoce, ao menos já não julgariam a próxima turista desacompanhada.

Findos meus seis meses na África e meu dinheiro, recebi propostas de trabalho para voltar aos EUA, mas não quis. Vim para o Brasil em agosto de 2009. Logo que cheguei, abri minha empresa de turismo, contatei a ministra do setor na Jordânia e o país acabou virando meu primeiro cliente. Em outubro, ainda recém-chegada, fui encontrar alguns amigos em um bar. Nessa noite, conheci um americano lindo, primo do marido da minha prima, que morava no Uruguai. A conversa fluiu e ficamos juntos. Obviamente, não queria me envolver, ainda mais porque ele morava em outro país. Mas a relação foi evoluindo rapidamente. Passamos o Natal aqui no Brasil com a minha família e o Réveillon em Punta del Este com a dele. No Carnaval de 2010, depois de quatro meses de namoro, ele me pediu em casamento — para os meus pais, de joelhos, da maneira mais tradicional possível. Em março, ele se mudou para São Paulo, e, em julho, nos casamos em Chicago, onde moram seus pais. Estou absolutamente feliz, encontrada e planejando a chegada de um filho. **mc**

Para ter sua história emocionante publicada na revista, envie um resumo para euleitora@edglobo.com.br

ENTREVISTA DO MÊS POLA OLOIXARAC

“QUEM DISSE QUE *INTELECTUAL* TEM DE SER FEIO?”

Apontada como grande sensação da Flip — Festa Literária de Paraty que acontece no início do mês —, a escritora argentina é uma nerd *sui generis*. Vive rodeada por hackers, adora filosofia e, com um só livro, conseguiu provocar a ira da esquerda argentina e o respeito dos críticos internacionais. Além disso, é linda, louca por moda e fã de Gal Costa e Clarice Lispector

Por Marina Caruso, de Bariloche. Foto Eduardo Knapp*

Ela tem só 33 anos e encabeça a lista de escritores argentinos mais traduzidos. Do farsi ao finlandês, é difícil um idioma que não tenha ao menos flertado com a obra de Pola. Publicado na Argentina em 2008, *As teorias selvagens*, seu único livro, chegou ao Brasil há dois meses, pela editora Benvirá. É, como diria a autora, uma “comédia sobre a guerra e os jogos sexuais da juventude” e, a partir de uma narradora obsessiva e de quatro *geeks*, crítica da esquerda argentina à hegemonia do Google. A obra, no entanto, não é de leitura fácil. Cheia de citações e críticas sociais, exige persistência e familiaridade com a filosofia. Porém, ultrapassadas as barreiras, vale muito a pena. Assim como sua autora.

Formada em Filosofia, Pola (diminutivo de Paola) fala sobre pensadores como Kant, Hobbes e Rousseau com a mesma naturalidade com que discorre sobre os estilistas Alexander McQueen e Marc Jacobs. “A moda é a mais vanguardista das artes. Tem importância política”, diz, enquanto acaricia Gmail, gata que adotou ao trocar o apartamento de Buenos Aires pela casa de Bariloche.



ENTREVISTA DO MÊS POLA OLOIXARAC

É ali, ao lado do marido Emiliano e em frente ao lago Nahuel Huapi, que Pola escreve sua próxima novela e descansa da perseguição sofrida nos últimos anos por conta das polêmicas em torno do livro. “Disseram que transei com críticos para receber elogios”, disse a escritora a Marie Claire, em sua casa. Durante dois dias de conversa, ela falou abertamente sobre as paranoias geradas pelas perseguições, o estranhamento que sua beleza causa entre acadêmicos e de temas polêmicos como a experiência com as drogas e o envolvimento com mulheres.

MARIE CLAIRE *Dividiria sua vida em antes e depois de *As teorias*?*

Pola Oloixarac Sim. Agora o tempo urge. No ano passado, fui a Iowa, a Cambridge, a Nova York e à Nasa, participar de debates e conferências. Quase não atualizei os blogs [*a escritora tem dois, um sobre orquídeas e outro de cultura e comportamento*] ou vi os amigos. No início, fiquei fascinada. É o máximo estar em um lugar onde todo mundo quer saber sua opinião, convidar para festas. Mas, depois de um ano cansa, perde a graça.

MC *Por isso você trocou Buenos Aires por Bariloche?*

PO Já não tinha mais vontade de estar em Buenos Aires. Queria me dedicar à escrita, e aqui, com essa vista [*aponta para o lago que reflete o pôr do sol*], é perfeito. Em Buenos Aires, o mundo literário é feito de panelinhas e fofocas. Cansei.

MC **As teorias selvagens* é um livro duro, cheio de citações filosóficas e referências políticas. Isso não distancia o leitor?*

PO Há quem diga que sim. Quando o livro saiu na Espanha, em 2009, disseram que era para um nicho de intelectuais e, de preferência, argentinos, que entendem essa mania da esquerda de viver do passado. Mas, no fim, a obra vendeu três vezes mais lá do que na Argentina. E foi traduzida para quase dez línguas. Acabo de fechar uma tra-

dução em farsi. Já imaginou ir ao Irã para divulgar o livro?

MC *A reação lá pode ser pior do que na Argentina. Eles são conservadores e a obra fala de sexo, drogas, política...*

PO Faz parte do meu projeto de dominação do mundo [*risos*]. Se

que eu tinha transado com jornalistas e editores para receber elogios. Chamaram-me, literalmente, de puta. Por telefone, pela internet, por todos os lados...

MC *Você teve medo? Chorou?*

PO Eu choro por tudo [*risos*]. Mas fiquei muito paranoica. Queria su-

“CONSUMO PORCARIAS.
NÃO ME NUTRO APENAS
de coisas profundas. Eu gosto
de ler bobagens para relaxar”

bobear, não serei mais achincalhada lá do que fui aqui.

MC *O que aconteceu?*

PO No início, houve uma série de críticas boas. Uma, duas, três. Depois, disseram que eu era uma escritora de direita e devia me retratar pedindo desculpas à nação. “Ela zombou da esquerda, tem de pagar”, diziam. Publicaram uma matéria de seis páginas numa revista de literatura dizendo que eu não era uma escritora, mas uma farsante. Foi o cúmulo do ridículo e, ao mesmo tempo, uma propaganda ao contrário. Passei a ser discutida por intelectuais argentinos do mais alto escalão, como Beatriz Sarlo, a maior crítica literária do país, e Horacio González, diretor da biblioteca nacional. Eles, felizmente, gostaram da obra. Mas os que não gostaram eram duríssimos. Um deles disse: “Pobre Pola, é tão bonita, deveria contentar-se com isso, em vez de escrever”. Em um só blog, havia nove mil comentários me detonando. Foi uma experiência sociológica.

MC *Ainda assim, deve ter doído.*

PO Sim, muito. Não conseguia entender por que me xingavam e me difamavam como se eu não prestasse. Entendo que não gostem do livro, mas não que me julguem sem conhecer. Disseram

mir do mundo. Mas tinha de ser forte. Surfei pelas críticas, pensando em deixar Buenos Aires e acabei ganhando a guerra. Sabia que o mundo literário argentino era violento, mas sobreviver a ele, como sobrevivi, me deu orgulho.

MC *É possível viver como escritora na Argentina? Pagam-se as contas só com direitos autorais?*

PO Os direitos de tradução são a melhor fonte do que os autorais. Hoje, sei disso porque o livro faz sucesso. Mas, antes, pagava as contas fazendo roteiro para cinema e TV, ou traduções de inglês e francês, línguas que domino. Demorei três anos juntando grana para escrever *As teorias*. Agora não mais. Sou convidada para residências — imersões de um mês ou mais, bancadas por governos, — e instituições de ensino de outros países.

MC *Como funciona isso?*

PO Eles pagam a escritores e artistas para ficarem em um lugar bacana produzindo — em Nova York fiquei na casa de Truman Capote. Tinha minha própria suite e ficava lendo e escrevendo. Passam até comida por baixo da porta. É divino, como um reality show, sem câmeras. Tudo se volta para o processo criativo. É como o sonho do [*escritor Franz*] Kafka: viver em uma cova e ter alguém para alimentá-lo.

MC Seu marido entende que você se ausente assim?

PO Faz parte. Damos um jeitinho de nos encontrar depois das residências. Em Cambridge, ele esteve comigo. Emiliano é um grande companheiro. Tem 36 anos e a cabeça aberta. É um nerd como eu. Trabalha numa empresa de tecnologia espacial, desenvolvendo satélites. Mas não posso falar muito porque é tudo meio secreto.

MC Pensam em ter filhos?

PO Não! Quero fazer livros, não filhos. Pelo menos, por enquanto.

MC Que autores a influenciaram?

PO Comecei a escrever aos 8 anos, bem antes de saber quem era [escritor Jorge Luis] Borges. Fazia contos sobre minhas colegas de escola, no estilo vitoriano. Imitava uma americana chamada Suzan Coolidge, que escrevia sobre a saga da Katy. [Katy vai à escola, As aventuras de Katy e outros]. Mas, aos 20, me apaixonei por Borges e comecei a escrever filosofia especulativa [a consciência da ideia]. De uns dez anos para cá, uma das minhas grandes paixões literárias é Clarice Lispector. Que escrita maravilhosa ela tem. É tão feminina e tão profunda. Outra grande influência foi uma escritora americana chamada Maxine Swann.

MC Antes de ir para a filosofia, você fez Faculdade de Medicina?

PO Saí do colégio e me meti em Medicina porque queria escrever sobre doenças. Tinha esse fascínio, mas em um ano percebi que o que eu queria era dominar os argumentos, não a medicina. Precisava incorporar ferramentas argumentativas para construir edifícios inabaláveis. E fui para a filosofia me munir de recursos para contar a história de heróis como Descartes e Hobbes.

MC Seus pais tinham hábito de ler? De onde veio esse gosto?

PO Eles não gostavam de ler, mas gostavam de que eu lesse e me levavam para a biblioteca do meu

avô. Viajávamos muito de barco porque meu pai trabalhava na marinha mercante. Passávamos meses em alto mar e me habituei a ler para passar o tempo.

MC Sua mãe, psicóloga, militou no partido comunista?

PO Sim. Ela e todos os irmãos. Era moda na época [risos]. Uma das minhas tias foi sequestrada. Ficou quase um ano sem dar sinal, desaparecida. Muitos militantes desapareciam e não voltavam, mas a gente não sabia se esse era o caso da minha tia e, como ela tinha nascido no Peru, minha mãe — que era militante até esse momento — achou que, contatando autoridades peruanas, faria pressão para que ela fosse encontrada e extraditada. Foi o que aconteceu, mas antes disso a torturaram, abusaram e fizeram simulacro de fuzilamento. Um horror. Recentemente, ela soube que eu tinha virado escritora e que o livro falava das feridas da ditadura. Aí, me pediu para contar sua história. Mas eu não sei se quero. Não acho que suportaria reviver esses detalhes...

“OS CRÍTICOS FORAM MUITO AGRESSIVOS COMIGO. Disseram até que transei com jornalistas para receber elogios”

MC Você lê best-sellers?

PO Claro! Consumo um montão de porcarias. Não me nutro só de coisas profundas. Gosto de ler bobagens. Quando estava escrevendo o livro, houve um momento em que eu bloqueei. Precisava descansar e fui ler o *Diabo veste Prada*, que é ótimo, leve, divertido.

MC Você gosta de moda e chegou a fazer críticas para revistas. Mas para muitos intelectuais, a moda não passa de um capricho da sociedade de consumo...

PO Isso é ridículo! A moda é a mais vanguardista das artes. Nenhuma outra forma — seja dança, literatura ou música — permite tantas brincadeiras. Só a moda é capaz de levar tudo às últimas consequências. É um lugar de criatividade inesgotável. Não necessita cooptar ninguém. Apenas brilha, exala. Os desfiles do McQueen eram concertos de Ópera. Grandiosos, imponentes. Só gente ignorante pode achar que isso é uma futilidade.

MC Quais são os seus estilistas preferidos?

PO Espera. Quero dizer mais [excitada]. Existe algo supermoderno numa mulher que se veste para ser maravilhosa, é quase uma religião, um ritual capaz de melhorar não só a vida dela, mas de quem a rodeia. Uma mulher esplêndida muda uma existência toda. Converte-se em uma deusa. Ela pensa “hoje estou aqui para ser linda”. Pronto. Não precisa fazer mais nada: já melhorou a vida de muita gente. Isso tem importância política, é como um vírus, se dissemina.

MC E quais são, afinal, os seus estilistas preferidos?

PO McQueen era um gênio, um historiador visual, capaz de quebrar qualquer paradigma. Nicolas Ghesquière tem feito ótimas coisas para Balenciaga. Marc Jacobs é o meu preferido. Acabo de comprar um maiô dele, todo cinquentinha, maravilhoso, bem no estilo pin up. Quem sabe não uso em Paraty, na Flip...

MC Que tipo de preconceito já sofreu por ser bonita?

ENTREVISTA DO MÊS POLA OLOIXARAC

PO Disseram muitas coisas, mas é recalque. Quem disse que intelectual tem de ser feio? A ideia de que uma escritora não pode ser bonita é absurda. Olhe Clarice. Era linda, sensual, guerreira. E assim deve ser uma mulher: uma guerreira capaz de usar suas armas. Eu uso as minhas [risos].

MC O que acha das seguintes mulheres do poder: Michelle Bachelet, Cristina Kirchner, Dilma Rousseff e Angela Merkel?

PO Angela Merkel está realizando o sonho de Hitler. A Alemanha agora controla a Europa, política e economicamente. É o 4º Reich! Já, a Bachelet foi o Lula do Chile, fez uma verdadeira mudança social. De Dilma, sei pouco, mas pelo que ouvi, vai continuar a política social do Lula e fazer ainda melhor. Agora, quanto à Kirchner, há um curto-circuito mental em tudo o que a rodeia. No interior do país, a maioria das pessoas é empregada do estado. E o estado, não faz nada para fomentar a iniciativa privada, para ser mais totalitário. Fora que ela fechou com a Venezuela e com Chávez, para parecer mais de esquerda do que de fato é. E, se diz feminista, mas é contra a legalização do aborto.

MC Você já fez aborto?

PO Não, mas faria. Acho que quem manda na gente é a gente.

MC E como foi sua experiência com drogas?

PO Já experimentei todas, menos heroína. De cocaína, não gosto. Acho droga de gente careta, que tem necessidade de aprovação e cheira para parecer articulado. A maconha pode ser uma boa, em doses baixas, para relaxar. Mas o que tem acontecido é que agora que a literatura virou o meu trabalho, tomo mais cuidado com isso. Não posso nem beber demais, senão fico imprestável no dia seguinte. Sou meu próprio chefe e bem exigente com a qualidade do que faço.

MC No livro, os geeks Pabts, Andy, Mara e Kantchovsky, usam drogas, são hackers e bissexuais. Há algo de biográfico nisso? Você já se envolveu com mulheres?

PO Já. Tive uma namorada aos 19 anos. Era uma poeta maravilhosa. Tudo parecia muito glamouroso, muito romântico. Eu tocava violino e ia buscá-la com meu violino. Ela devia ter uns 27 e eu 19, sentia-me especial, cool. Depois namorei outras garotas, mas nada tão profundo.

MC Se definiria como bissexual?

PO Não! Meu marido me mata.

MC Você não tem grilos de falar sobre sexo e drogas assim? Não teme o que sua família vai pensar?

PO Minha família? Não! Nem pen-

fila de banco, e quem assina é Paola. A segunda é muito mais livre, inspiradora e quem assina é Pola.

MC É verdade que, além de filósofa, escritora, tradutora, roteirista e blogueira, você é cantora?

PO Formei uma dupla chamada Lady Cavendish com um amigo que toca piano. Ela era uma poetisa genial. Nasceu em 1623, quando a literatura era uma atividade exclusiva dos homens e, ainda assim, publicou 14 livros. Seu marido era mecenas do Hobbes e ela, que não podia participar dos encontros, escutava tudo e depois ia para o quarto escrever.

MC Qual é sua música preferida? Aquela que não enjoa nunca...

PO Vou te mostrar [levanta, pega

“JÁ NAMOREI MULHERES. AOS 19 ANOS, ME ENVOLVI com uma poeta maravilhosa. Tocava muito violino para ela”

saria neles se você não mencionasse. Eles vivem no mundo deles, não se interessam pelas minhas coisas. Minha irmã, que é dois anos mais nova, trabalha com marketing e é uma pessoa criativa, mas muito distante. Minha família são mesmo os amigos que escolhi.

MC Li que Oloixarac não é seu sobrenome verdadeiro, mas um anagrama dele. É verdade?

PO É. Sempre gostei de brincar com os signos das coisas. Eu, como escritora, empresto novos significados às palavras. Um nome tem um sentido numa frase e outro completamente diferente em outra. O legal é brincar com isso como convém. Gosto de tirar as coisas da caixinha, de transgredir, de agir sobre a linguagem, tocá-la, transformá-la. E fiz isso comigo ao adotar outro nome. Tenho duas vidas, uma civil e outra da criação. A primeira é burocrática, chata, tem

o lap top, volta ao sofá e abre uma pastinha do computador chamada writing loops]. Escuta só [começa a tocar uma versão instrumental de “Ela é carioca”]. Esse é meu loop preferido. Depois vem o “Samba do avião”. Agora, dá uma olhada nessa pasta aqui: “O Brasil de Dilma”. Tem Caetano, Gal Costa. Sou apaixonada pela Gal. Sei que ela saiu de moda, mas para mim é uma das vozes mais lindas do mundo. Um gênio! Adoraria mandar um livro para ela.

MC Que livro você está lendo?

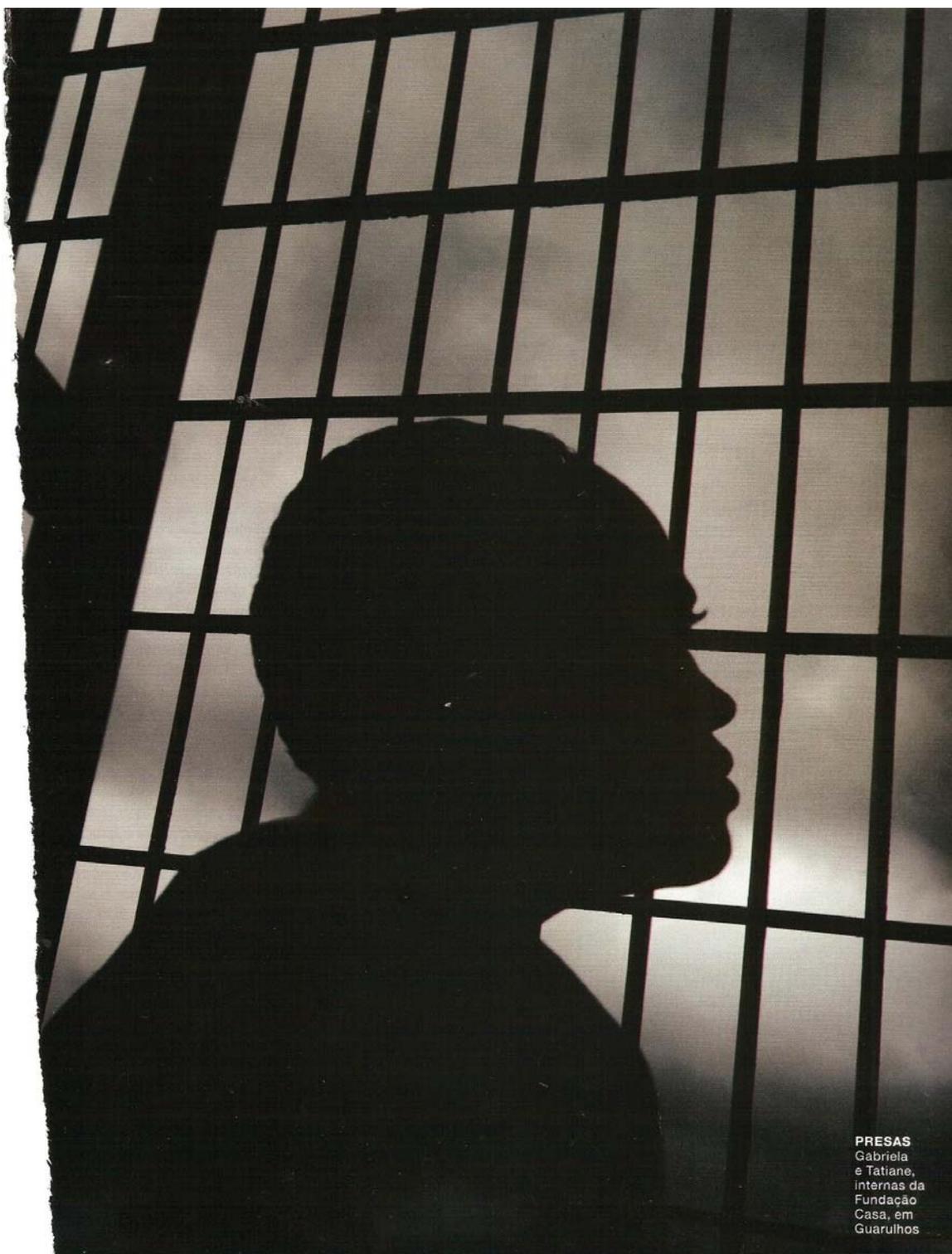
PO *Brazil through the eyes of William James*, psicólogo e cientista americano que veio estudar o Brasil no século XIX. Meu próximo livro se passa no Brasil, nessa época. É um romance sobre botânicos, extremamente erótico. Será bem menos político que o anterior, porque já falei o que queria sobre isso. E fiz alguns inimigos... **MC**

MATERIAL 16: REVISTA MARIE CLAIRE AGOSTO 2011

REPORTAGEM

Estas meninas roubam, matam e querem respeito

X ELAS ESTÃO TOMANDO O LUGAR DOS HOMENS NOS POSTOS DE COMANDO DAS QUADRILHAS E FACÇÕES CRIMINOSAS. AO CONTRÁRIO DAS GERAÇÕES ANTERIORES, ESTAS ADOLESCENTES NÃO ENTRAM PARA A MARGINALIDADE PORQUE HERDAM A BOCA DOS NAMORADOS MORTOS OU PRESOS, NEM COZINHAM PARA A QUADRILHA DELES. PARTEM PARA A AÇÃO PORQUE QUEREM O STATUS E O PODER QUE SÓ O CRIME OFERECE NAS QUEBRADAS.
POR MARIA LAURA NEVES
FOTOS CAIO GUATELLI



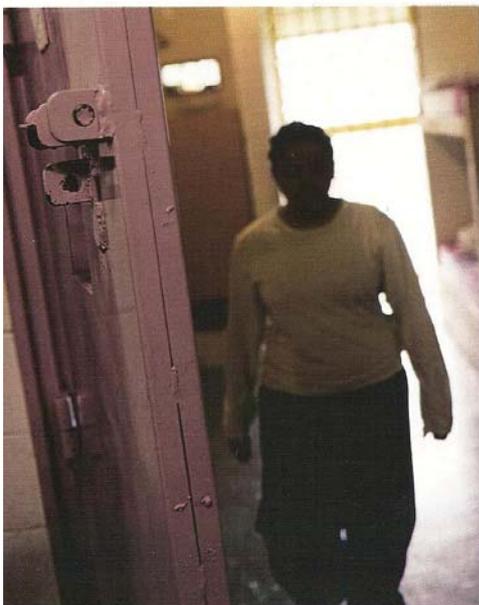
PRESAS
Gabriela
e Tatiane,
internas da
Fundação
Casa, em
Guarulhos

REPORTAGEM

“ Eu tava na Cracolândia fazia umas três semanas quando meu dinheiro acabou.

Tava sem pique e sem força pra roubar. Fazia uns dois dias que não comia. Queria uma pedra, mas não tinha uma moeda no bolso. Perguntei pro traficante o que ele queria em troca. Respondeu que se eu ‘colasse’ com ele, ficaria ‘suave’. Isso quer dizer que se eu transasse com ele, me dava droga. Fui para o quarto dele e tirei a roupa. Ele abriu o zíper da calça. Foi rápido. Não durou mais de 10 minutos. Ele levantou da cama, pôs a calça, me deu 30 pedras, que valem R\$ 300. Fumei sem culpa. Depois, senti vergonha e fiquei com medo de ficar falada. Eu não queria ser falada. Queria respeito. Decidi que iria vender o que não tinha usado. Vendi rapidinho. Eu morava em uma biqueira com um monte de gente na rua Prestes Maia, no Centro de São Paulo. Pedi mais pedras pra ele. Vendi rápido e bem de novo. Ele logo

FÚRIA
Gabriela descobriu que pintar panos de prato ajuda a controlar sua agressividade



pegou confiança. Em poucos dias eu vendia mais do que os aviões mais experientes. O traficante disse que se eu parasse de fumar, ia vender ainda mais. Segui o conselho dele. Em pouco tempo, tirava R\$ 800 por dia. Depois de umas semanas, virei gerente da biqueira. Tinha três funcionários.

deixar eu sair.” De lá, foi para a Cracolândia. Em dois meses virou chefe de uma biqueira de pedra (local onde se vende crack). Foi presa em uma blitz policial. Passou seis meses internada dentro da Fundação Casa, em Guarulhos.

A história de Eloá retrata bem uma nova geração de meninas que

“Controlei a biqueira [boca] por quatro meses. Além do respeito, eu ganhei fama”

— Eloá*, 15 anos

Além de ganhar o respeito que eu queria, ganhei fama. Quando algum noia que tinha dívida comigo chegava na biqueira, mandava alguém bater nele. A surra é um aviso de que se o noia voltar sem dinheiro pra pagar o que deve, vai morrer. Não precisei mandar matar ninguém, não. Só bati numa menina que me roubou uma vez. Fiquei na Cracolândia só quatro meses, até ser presa.”

O depoimento acima é da estudante Eloá*, uma morena de 15 anos, olhos e cílios grandes, sorriso largo e dentes brancos. Ela ri alto e fala rápido sobre as histórias da sua curta adolescência. Conta a experiência nas ruas do Centro de São Paulo como uma grande e distante aventura. A mãe, alcoólatra, a levava para as festas e bares durante a infância. Foi nessas baladas que ela experimentou maconha, cocaína e crack, mas nunca se viciou. Perdeu a mãe aos 13 anos de cirrose e o pai não a reconhece como filha, embora ligue de vez em quando para saber dela. Órfã, foi morar com a irmã mais velha, com quem brigou logo nas primeiras semanas de convivência. “Minha mãe me levava pras baladas e minha irmã não queria

está entrando para o crime. Diferentemente das criminosas de gerações anteriores, elas não roubam bancos, caminhões, casas ou apartamentos por influência dos namorados ou maridos. Também não assumem as biqueiras de crack, as bocas de fumo e o comando dos morros por herança, quando eles são mortos ou afastados do combate. Elas agem sozinhas porque querem respeito e poder. “Isso está acontecendo em todas as quebradas do país”, diz o produtor cultural carioca Celso Athayde, autor do livro *Falcão — mulheres do tráfico* e fundador da Central Única das Favelas (Cufa), uma entidade que reúne jovens de 300 favelas, em 15 países. “Elas ainda são minoria nos cargos mais altos das facções. Mas estão chegando, ascendendo rapidamente e sendo respeitadas.” Para o diretor da Fundação Criança de São Bernardo, Ariel de Castro Alves, a entrada das meninas na marginalidade é um reflexo da sociedade. “A independência feminina chegou às esferas pública, privada e também onde a gente não gostaria: ao crime.”

Essa nova geração de meninas também busca fazer trabalhos

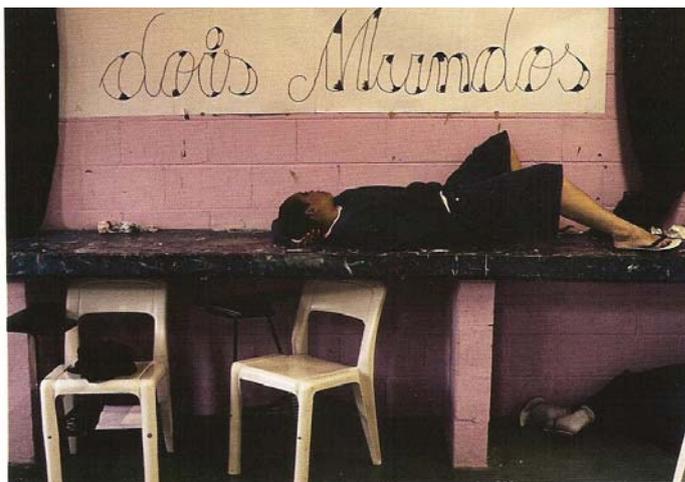
REPORTAGEM

diferentes dentro das quadrilhas. “Antes, elas estavam na retaguarda. Seduziam as vítimas, cozinhavam para o bando ou dirigiam os carros. Hoje, roubam, matam e comandam o tráfico”, diz Athayde. A ascensão das mulheres a posições de destaque nas periferias não acontece somente no crime. “As mulheres agora têm seus próprios grupos de funk, lideram torcidas organizadas e gangues de rua”, diz a antropóloga Glória Diógenes, autora de um estudo sobre gangues femininas.

Gabriela* tem 18 anos, nasceu no Guarujá e liderava uma quadrilha de roubo de casas e de cargas no litoral norte do estado de São Paulo até ser presa no final do ano passado. A jovem aprendeu o que era violência dentro de casa. Segunda de uma família de 14 filhos, ela foi criada pelos avós maternos porque os pais são dependentes químicos. “Meu pai e minha mãe sempre bateram um no outro e na gente. Cada filho que nasce minha mãe dá pro meu avô criar. O mais novo tem um ano e meio. Ela se recusa a ligar as trompas. Teve uma, que nasceu há uns três anos, que ela vendeu pro traficante quando era bebezinha em troca de droga.” Gabriela entrou para o crime aos 11 anos,

“Se começo uma briga, só paro quando vejo que o cara tá desmaiado e sangrando”

– Gabriela*, 18 anos



ESPERA
Tatiane, durante a terceira internação. Ela foi flagrada roubando um carro com uma arma nas mãos

depois da morte da avó. “Foi a única vez que eu fiquei triste na vida. Fui pra rua e comecei a andar com os meninos que roubavam caminhão. Pedi para ir com eles. A primeira vez, tive medo, mas não deixei ninguém perceber. Deu tudo certo e tirei uns R\$ 5 mil. Aí comprei a minha primeira arma, pra não precisar de ninguém pra roubar.”

Uma prima de Gabriela, ligada ao Primeiro Comando da Capital (PCC) e dona de três bocas de fumo na cidade de São Sebastião (litoral norte de São Paulo), passava informações para que ela cometesse os crimes. “Ela me dava a fita dos caminhões que passariam em um determinado lugar e eu ia lá para roubar. Ou então dizia que tinha uma casa de grã-fino vazia e me falava o que tinha lá dentro. Os caseiros e as empregadas que passavam a fita entravam na divisão. Cheguei a tirar R\$ 45 mil em um roubo de carga.” Ela recrutava dois, três ou quatro “amigos” da rua para as operações. Vestia bermudão, camiseta larga e boné quando saía para “a ação”. “Como era a única menina do crime na minha região, quando as vítimas diziam que tinha mulher no meio dos ladrões, a polícia já sabia que era eu.”

Ela diz não saber se já matou alguém. “Nunca olhei para trás

depois que atirei para ver o que aconteceu”, diz a jovem com olhar perdido. Cabisbaixa, ela mantém as pernas abertas com os cotovelos sobre os joelhos e as mãos entrelaçadas enquanto fala. “Sempre bato nas vítimas. Não tenho medo sinto até prazer de tanta adrenalina. Se a vítima reagir, meto bala”, afirma. “Crime é atitude”, diz na primeira vez em que me olha nos olhos, com as sobrancelhas arqueadas. Gabriela diz não temer a morte. “Vou morrer quando chegar a minha hora. Não tenho medo do que eu faço. Nem de bandido nem de polícia. Já apanhei muito em briga de ladrão. Eu bato mais do que apanho. Só começo uma briga, só consigo parar quando vejo que o cara tá desmaiado e sangrando. Nunca tive dó de ninguém, não.”

AS VALENTONAS

Hoje, ser a namorada do traficante ou do homem mais perigoso da favela não traz tanto status como ser a menina mais temida da quebrada. “Às vezes, as mulheres são mais violentas do que os homens porque precisam mostrar que não são sexo frágil coisa nenhuma. São chapa quente. As mais novas são piores. As mais maduras pegam mais leve”, diz Athayde, da Cufi. A pedagoga Dagmar Garroux, tia Dag, fundadora da Casa d

REPORTAGEM

Zezinho, uma ONG que trabalha com crianças e adolescentes do bairro do Capão Redondo, onde fica uma das favelas mais violentas da capital paulista, diz que as gangues femininas surpreendem pela agressividade. "Elas se vestem e agem como homens e às vezes são até mais violentas do que os garotos", afirma.

Um grupo de meninas menores de idade que controla parte do tráfico em uma favela da zona sul de São Paulo, por exemplo, deu uma surra com uma panela de pressão nos integrantes de uma quadrilha que organizaram um "leilão de virgem" na comunidade. A menina que seria leiloadada, de 10 anos, também apanhou para aprender a não se deixar vender. O motivo da surra era dar uma lição nos criminosos e mostrar que aquela prática, comum no Nordeste do país, não era bem-vista na favela. "A prostituição é malvista pelas meninas do crime", diz tia Dag.

Tatiane*, 18 anos, era comandante de uma quadrilha de roubo de carros da zona leste da cidade de São Paulo. Lésbica assumida, tem a voz grossa, os cabelos raspados e o corpo tatuado. Melhor jogadora de futebol da unidade de Guarulhos da Fundação Casa, onde estava internada até o fechamento desta edição, ela se recusa a usar o uniforme cor-de-rosa da instituição. "Sai fora. Rosa é coisa de mulherzinha." Quando conta as histórias dos crimes, fala rápido, cantado e só usa gírias. É quase impossível entender o que ela diz. "O PCC é mais tráfico. Não gosto de ficar nas boca. Gosto de ir pra rua, de ação, de adrenalina." Tímida, ela olha para baixo enquanto conversa e só ergue a cabeça ao dizer, orgulhosa, que era mais poderosa do que os homens no bairro onde morava. "Eu

pegava mais muié e roubava mais do que os cara. Sempre tinha uma muié na garupa da minha moto [ilegal] e eles ficava tudo com inveja." Filha de uma cuidadora de idosos, é a única dos três filhos que entrou para o crime. O irmão mais velho está na escola e a irmã estuda para entrar na faculdade

o time de futebol da instituição e diz que pretende transformar o esporte em profissão quando estiver em liberdade. Gabriela, a menina que roubava casas e caminhões no litoral, também conversou com Marie Claire dentro do prédio da Fundação, em Guarulhos. Enquanto estava internada,

As meninas das gangues agem como homens e muitas vezes são até mais violentas do que os garotos*

— Dagmar Garroux, pedagoga

de psicologia. Ela perdeu o contato com o pai depois que ele se separou da mãe e construiu uma nova família.

"Comecei a roubar porque quis. Tinha 11 anos e quis ir junto com os meninos mais velhos em uma saidinha de banco", diz. Saidinha de banco é um assalto. "A gerente passava a fita de quanto uma pessoa tinha tirado e dizia a roupa do cliente. Ai a gente colava na porta do banco, armado." Segundo ela, esse tipo de crime rende entre R\$ 7 mil e R\$ 8 mil para a quadrilha, divididos entre os assaltantes e a gerente do banco. Comprou a primeira arma aos 12 anos. "Fiz muita saidinha de banco e depois comecei a roubar carro por encomenda. Os caras diziam que modelo queriam e eu chamava meus parceiro." Ela diz que nunca atirou em ninguém e só consumia maco e cocaína antes de ser presa.

Tatiane concedeu entrevista durante a sua terceira e última internação na Fundação Casa, onde completou 18 anos. Agora, se for presa novamente, vai para a cadeia comum. Ela entrou para

ela descobriu que pintar a acalmava e diminuía a ansiedade. "Vou voltar para os estudos e entrar na faculdade de artes", disse Gabriela, sob o olhar atento da psicóloga da instituição, que, na data da entrevista, estava prestes a emitir o laudo que liberaria a garota para voltar para casa. Eloá, que foi chefe de uma biqueira de crack na Cracolândia paulistana, saiu do crime. Está há seis meses em liberdade. Mora com os tios e quatro primos em uma casa de quatro cômodos na zona leste de São Paulo. Acorda todos os dias às cinco da manhã e pega um ônibus e um metrô para fazer um curso técnico de administração de empresas na zona oeste da cidade. À tarde, trabalha em uma oficina de artesanato e à noite estuda em um colégio da vizinhança. Vaidosa, ela lava os cabelos duas vezes por dia, faz chapinha, usa maquiagem e anda com roupas da moda. "Vou fazer faculdade de administração de empresas e trabalhar no RH de uma multinacional. Ainda vou ser sua chefe, você duvida?", diz, rindo. **MC**

**Os nomes foram trocados para proteger a identidade das entrevistadas*

MATERIAL 17: REVISTA MARIE CLAIRE SETEMBRO 2011

BATOMINA CAVEIRA

Elas são as únicas quatro mulheres entre os 400 homens do Bope, tropa de elite da Polícia Militar. Assim como os rapazes, sobem o morro, pegam em armas e negociam com traficantes.

Mas, ao contrário deles, são vaidosas, adoram um esmalte colorido e não pedem para sair.

Por Mariana Kneipp e Marina Caruso.

Fotos Daryan Dornelles

Ana da Silva, 43 anos, foi a primeira mulher a entrar no Bope, em 2001, depois de dez anos servindo no Batalhão de Choque da Polícia Militar. Casada há sete com um colega de farda, atua nos morros cariocas e no departamento de disciplina da corporação. Bianca Cirillo, 40, está na tropa há três, é psicóloga, casada há dez com um engenheiro e *expert* em negociação de liberação de reféns. Ana Paula Monteiro, 29, chegou há dois anos e meio, namora há seis com um dentista e cursa o terceiro ano de Engenharia Civil. Marlisa Neves, 29, é formada em Jornalismo, entrou na instituição há 8 meses e cuida da assessoria de imprensa do grupo. Nenhuma delas fez o desumano Curso de Operações Especiais (aquele que aparece no *Tropa de elite I*), mas todas sobem o morro, sabem atirar e negociar com bandidos. Foram submetidas a duros testes de resistência física e psicológica até serem

condecoradas sargento, capitão, tenente e soldado — assim mesmo, no masculino. É que, ao contrário da presidenta Dilma, elas não podem adotar o feminino nas patentes. Devem respeitar a regra oficial das Forças Armadas.

Mas, se fardadas Ana, Bianca, Marlisa e Ana Paula são tão sisudas quanto os caveiras (como se chamam os homens do Bope), *off duty* são extremamente femininas. Preocupam-se com a maquiagem, o corte de cabelo, a roupa que melhor veste. E, claro, com os filhos. A única mãe entre as quatro pediu para não ser identificada como tal para proteger a filha de 4 anos. “Ela é a minha prioridade máxima. Já saí no meio de uma missão importante porque me ligaram da escola avisando que ela estava passando mal”, disse. São posturas como essa que fazem com que o jeitinho feminino, muitas vezes, funcione melhor que a truculência masculina.



Da esq. para a dir.: soldado Ana Paula, capitão Bianca, tenente Marlisa e sargento Ana

ENTREVISTAS DO MÊS

Marie Claire Por que resolveram entrar para o Bope?

Sargento Ana Assaltaram minha casa quando eu tinha 12 anos. Os ladrões se esconderam lá dentro e os policiais entraram para prendê-los. Um deles me colocou nas costas, para me proteger dos criminosos. Ali, vi que queria ser policial. Aos 18, tentei entrar na PM, mas não fui aceita porque o limite de altura era 1,70 m e eu só tenho 1,65 m. Anos depois, baixaram o limite e pude fazer a prova escrita e o teste físico — com corrida,

Tenente Marlisa Meu irmão era oficial do Corpo de Bombeiros e me incentivou a fazer a prova para a PM. Tranquei o curso de jornalismo na UFRJ e fui para o de formação da polícia. Três anos depois, retomei e concluí a faculdade. Passei a fazer assessoria de imprensa para a PM e, quando o oficial que cuidava da comunicação do Bope se afastou, fui indicada para o lugar dele. Topei porque adoro desafios.

Capitã Bianca Nunca pensei em ser policial, mas achei o desafio in-

Caveiras na insígnia do quepe e nas botas



salto, barra e flexão. Comecei no Batalhão de Choque, numa sala em cima da antiga sede do Bope. Um dia, o coronel me perguntou se eu queria trabalhar lá. Como sabia que era uma tropa unida, que prezava por um serviço sem corrupção, achei ótimo.

Soldado Ana Paula Quando terminei o segundo grau, vi que havia um concurso aberto para a PM. Nunca tinha pensado naquilo, mas resolvi tentar. Não é simples. Passei em tudo superbem, mas demorei quase dois anos para ser convocada. Acho que chamaram todos os homens da lista primeiro [risos]. Uma vez dentro da polícia, ouvi os colegas dizerem que a melhor unidade da PM era o Batalhão [além da fama de incorruptíveis, os caveiras ganham R\$ 1.500 a mais que outros colegas de farda]. Quando tive a oportunidade, não pensei duas vezes.

“Os homens nos chamam de FEM. Não os chamamos de MASC, é discriminador”

— Capitã Bianca

teressante quando abriram a vaga para psicólogos. Depois do sequestro do ônibus 174, em 2000 [em que a refém foi morta com um tiro acidental do Bope] a unidade percebeu que precisava reformular sua atuação, com a ajuda de um profissional especializado em gerenciamento de conflitos. Como sou formada em psicologia e tenho pós-graduação em psicologia aplicada à negociação de reféns, fui convidada para entrar no grupo.

MC Qual é sua missão? Negocia direto com o sequestrador?

Capitã Bianca Em primeiro lugar, motivo a equipe. Quando eles descem de uma comunidade, pergunto como foi, o que estão sentindo. Provoco a fala para ajudá-los a diminuir o stress. Quando há reféns, atuo como *coaching*, treino os negociadores e vou com eles para o combate. Não posso ficar cara a cara com o criminoso, porque preciso analisar a situação de fora, de uma posição estratégica. O negociador, no calor do momento, não tem o distanciamento crítico necessário. Por isso, vou ao local e o apoio [por meio de uma escuta, como no Tropa de elite 2]. Enquanto ele dialoga com o tomador de refém, eu monitoro a conversa e o ajudo a potencializar o efeito persuasivo. Meu objetivo é resolver a crise sem partir para a violência.

MC Quais foram as missões mais difíceis para cada uma de vocês?

Sargento Ana Para mim, foi essa dos Bombeiros, aqui no Rio. Em junho, eles fizeram uma manifestação de 13 horas para reivindicar aumento de salário. No meio do processo, arrebentaram os portões, invadiram o quartel e dominaram o pátio central. Havia crianças e mulheres lá e eles usaram mangueiras e marretas para o combate. Nós e a PM entramos com bombas de efeito moral e gás lacrimogênio. Um coronel acabou ferido e 439 manifestantes foram presos. É muito triste entrar em conflito com irmãos de farda.

Capitã Bianca A ocupação das 13 favelas do Complexo do Alemão me marcou demais. [Em novembro, dois mil policiais civis e militares invadiram o morro para conter o tráfico de drogas e prender traficantes]. Já trabalhei em vários espaços de tensão, mas a necessidade de um psicólogo ali era ainda maior. Qualquer passo errado poderia gerar uma crise. Foram duas

ENTREVISTAS DO MÊS

semanas sem dormir direito, entre plantões no quartel e em casa, com o celular na mão. Mesmo cansada, eu tinha de motivar a tropa.

Soldado Ana Paula Foi muito cansativo. Fiquei de segunda-feira de uma semana a terça da outra dentro do quartel. Também fui para o confronto. Subi o morro e fiquei lá durante 24 horas sem saber quando eu ia voltar para casa. Teve gente que virou até 48 horas. Você imagina como é complicado? Não tem banheiro na favela. Pode parecer besteira, mas, para mulher, é importante. Ainda mais quando estamos naqueles dias. Homem faz [xixi] em algum cantinho, né? Para Fem é complicado.

MC O que é Fem?

Tenente Marlisa Fem é o modo como as policiais femininas são chamadas em qualquer batalhão da polícia, não só no Bope.

Capitã Bianca É assim: 'Chama aquela Fem. Fala com aquela Fem'. Se pararmos para pensar, é discriminador. A gente não vira e diz "chama aquele Masc". Mas a polícia é fundamentalmente masculina. Somos minoria mesmo.

MC Já sofreram bullying por ser mulher? Os caveiras fazem brincadeira de mau gosto?

Soldado Ana Paula Para qualquer mulher que chega no Bope, é como se fosse um teste. O aspecto psicológico precisa estar preparado, porque te testam o tempo todo. No início, os colegas não te olham, não falam com você, é como se, sem dizer, dissessem: "O que você veio fazer aqui?". É bem "pede para sair". Mas a gente não pede. A gente fica porque tem de ficar, merece e quer muito.

Capitã Bianca Percebi mais preconceito por ser psicóloga, do que por ser mulher. Muitos caveiras me viam como uma X-9 [delatorra] e, por mais que tivessem problemas, se recusavam a falar co-

migo. Achavam que meu trabalho era besteira, papo-furado. Tipo: "Somos do Bope, homens de preto. Somos fortes. Não precisamos disso". Hoje, três anos depois, conquistei meu espaço. Tem até quem me procure no corredor e diga: "É rapidinho, doutora. Não é consulta, não. Só um conselho..." e ficamos duas horas na escada [risos].

MC O que uma Fem tem que uma mulher comum não tem e vice-versa?

Tenente Marlisa Para ser Fem é preciso ter força física, persistência e

disse que não ia cortar. Ai ele me explicou que, para que o meu cabelo não prendesse na corda que vai no helicóptero, eu teria de cortá-lo. Passei um dia pensando nisso e, como queria muito fazer o curso, decidi cortar. A cabeleireira fez um rabo alto e, "pá", cortou de uma vez só. Chorava tanto no salão, que uma criancinha veio me consolar. "Fica calma, fica." Docu. Mas valeu. Fui a primeira colocada do curso e os homens que não entraram disseram, de inveja, que

Colar com o símbolo e esmaltes coloridos



"Eu gosto tanto daqui que colocaria um coração ao lado da INSIGNIA"

— Sargento Ana

desprendimento. Tem de estar disposta a se adaptar ao meio, a abrir mão da sua vida normal, de civil. A palavra de ordem é versatilidade. Se for cheia de não me toques, não dura. Fui a primeira Fem a fazer o curso do GAM [Grupoamento Aéreo e Marítimo, responsável pelo patrulhamento aéreo e marítimo da costa fluminense]. Passei no processo seletivo, difícilíssimo. E, logo no primeiro dia, o coronel disse que eu tinha de raspar o cabelo. Reclamei que isso não estava escrito em lugar nenhum e

foi um curso de frutinha. É assim mesmo. Mulher na PM tem de provar mais que homem.

Soldado Ana Paula As civis têm fragilidades e direito de vivê-las. A gente não. Eu me achava uma fresca, hoje não mais. Não tenho TPM nem dor de cabeça. Até choro vendo tevê, mas aqui não — não posso mostrar minha parte frágil. Quando começou a UPP [Unidade de Polícia Pacificadora] na Cidade de Deus, as crianças se aproximaram de mim, deram desenhos, cartinhas. Uma menina com uniforme escolar me perguntou se eu tinha mãe e se conhecia o viaduto de Madureira [na Zona Oeste do Rio]. Ela devia ter uns 7 anos e disse que morava lá com a mãe, mas quando foi para a Cidade de Deus, os traficantes mataram o pai dela e mandaram a mãe embora. Ela ficou o tempo todo ao meu lado, segurando a minha mão e eu

ENTREVISTAS DO MÊS

não sabia o que dizer. Isso mexeu muito comigo. Tive vontade de chorar, mas segurei. No quartel, liguei para o conselheiro e pedi que ele ajudasse a garota.

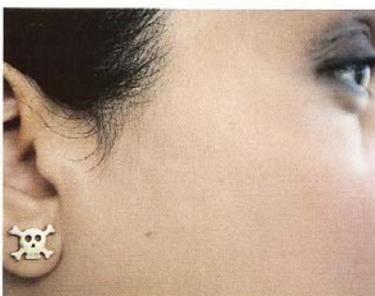
MC Como foi o curso de ingresso no Bope? Vocês passaram por aquelas provocações do filme?

Capitã Bianca Não, não fizemos o Curso de Operações Especiais [que dura 14 semanas e forma os caveiras da linha de frente do Bope]. É muito duro para uma mulher, e bem pior do que mostra o filme, física e moralmente. Não podemos dar detalhes, mas acaba sendo incompatível com o perfil feminino. A nossa estrutura não sustenta. Só de armamento são mais ou

duas vezes por semana é obrigatório para o batalhão todo. Tem corrida, flexão de braço, rapel, escalada. A gente também faz instruções de tiro, assiste a palestras, tudo em torno do nosso serviço, para não ficar defasada. O mais difícil é o fator surpresa. A educação física é às terças e quintas, mas, às ve-

“Nós, não somos FRÁGEIS, somos mulheres. E a natureza nos deu limitações”

– Soldado Ana Paula



Detalhes na lapela da farda e nos acessórios

menos 20 a 25 kg, fora a mochila, o fardamento. Já teve uma Fem da Marinha que se inscreveu no Cat [Curso de Ações Táticas, que dura cinco semanas e é cheio de agachamentos, flexões e outros exercícios puxados], mas não suportou.

Soldado Ana Paula Não somos frágeis, mas somos mulheres e a natureza nos deu limitações físicas. Vamos à operação, mas não podemos ser ponta de lança. Não entramos no Caveirão, só nas viaturas. Entramos nas favelas, fardadas, revistamos mulheres, ajudamos na negociação com traficantes, levamos armamentos e resgatamos o pessoal que entrou a pé.

MC Como vocês mantêm a forma?

Soldado Ana Paula Educação física

zes, você está subindo a escada, e o coronel te olha e manda correr, de surpresa. Imagina o que é você chegar de manhã numa segunda-feira e, do nada, ter de correr?

MC Três de vocês são casadas e uma namora firme. O que eles acham do trabalho de vocês?

Tenente Marlisa Na semana passada, tivemos uma ocorrência. Meu marido, que trabalha na área de Inteligência da Polícia Civil, teve que me trazer aqui às 2h30. Chegamos e vimos 150 homens, de preto. Ele não falou nada, mas, se fosse o contrário, ia ser um baque para mim. Ele sabe como funciona, tem orgulho de mim, mas ficou meio balançado quando entrei aqui. Por toda a mística do

Bope. Sempre pergunta onde vou ficar, se vou levar colete. E, às vezes, solta “vai ter lugar para você dormir sozinha”? Minha mãe sofre mais. Na primeira vez que fui em uma operação, ela ligou chorando. Tive de dizer que estava fora da linha de tiro.

Capitã Bianca Teve um acionamento às 22 h em Petrópolis. Meu marido me deixou aqui no batalhão às 4 h. Fui até lá, fiz a negociação, liberei o refém e voltei de manhã para a casa da minha mãe. Ou seja, a família inteira entra na operação. Há sempre demandas fora de horário. Tem de aprender a se adaptar.

MC E o que eles acham de ser uma mulher fardada em casa? Têm fetiche?

Capitã Bianca Meu marido não curte. Nunca pediu. Admira, acha legal, mas não tem essas coisas.

Soldado Ana Paula Realmente não tem fetiche. Ele não costuma me ver fardada. Mas, uma vez ia participar de uma solenidade, e coloquei a farda que estava em casa. Como não a vestia havia algum tempo, queria ver se estava ok. Quando ele me viu, ficou surpreso, pegou o celular e tirou um monte de fotos. Não esperava aquela reação. Depois ele mostrou a foto pra um monte de gente... todo orgulhoso [risos].

MC Como fica a vaidade de vocês, por trás dessa farda tão masculina?

Tenente Marlisa A primeira coisa que eu perguntei quando cheguei aqui foi onde era o salão de beleza mais próximo. Na hora do almoço, corro lá para fazer as unhas e uma boa escova.

Capitã Bianca A farda já é tão masculina. Temos de colocar um brinquinho, uma pulseira, o que for. O meu brinco é uma caveira dourada. Tento ficar mais feminina e ando com batom dentro da farda.

Soldado Ana Paula A gente chega aqui toda arrumada, de salto, brincão de argola. Trocamos tudo

ENTREVISTAS DO MÊS

pela farda. Mas quando chegamos com esmalte rosa ou uma cor mais forte, os caveiras brincam que temos de pintar de preto.

MC Já pensaram em desistir?

Tenente Marlisa No meu terceiro ano, fiz a etapa de operações reais, no Vidigal. Foi a primeira vez que

mos em uma operação na Mangueira e uma mulher se aproximou e colocou um bilhete na minha mão, todo dobrado. Quando fui ver, era uma denúncia anônima, de um mototaxista, avisando que para poder circular pela Mangueira, ele e os colegas eram obrigados



Decoração feminina no armário do alojamento do quartel

vivi um confronto direto. Estava com colete, armada, enfrentando troca de tiro. Ali, eu pensei se era aquilo mesmo que eu queria. Mas foi só um questionamento. Não uma vontade de sair.

Sargento Ana Desistir? Nem pensar. O Bope é a minha segunda casa. Se eu pudesse colocar um coração ao lado da insígnia eu colocaria [risos]. Amo o Bope, amo estar aqui. Entrei há dez anos, mas não vejo o tempo passar. Faltam mais dez anos para eu me aposentar e quero fechar por aqui mesmo.

MC De que maneira o jeltinho feminino leva vantagem sobre a truculência masculina?

Soldado Ana Paula Como somos menos intimidantes, se aproximam mais da gente. Outro dia, estive-

“Em sete anos, eu perdi quatro colegas. A dor fica para SEMPRE”

– Tenente Marlisa

a pagar “um dízimo” de R\$ 45 ao traficante que chefiava o crime na favela. Na hora, passei a denúncia para o meu tenente-coronel, que tomou as medidas necessárias. Difícilmente uma coisa dessas teria acontecido com um homem. As pessoas têm menos medo da gente, porque somos mulheres. Isso é bom, aproxima da população.

MC Vocês já se acostumaram com a morte? Já mataram alguém?

Todas Nunca matamos.

Capitã Bianca Se eu falar que não sinto nada quando vejo mortes em confrontos, seria desumana. É claro que eu sinto. Mas não chega a afetar a minha vida. Dói, você não consegue tirar aquilo da cabeça, mas, aos poucos, vai se diluindo. É de cada um. Não sou uma pessoa fria, as coisas me tocam. Não excluí a minha sensibilidade, apenas aprendi a lidar com ela. Não perco o sono por isso, mas não deixo de sentir...

Tenente Marlisa O momento mais marcante para mim nesse sentido foi no meu primeiro ano de formação, quando uma menina da minha turma morreu com um tiro acidental dentro de um ônibus. Um aluno do segundo ano se assustou com a situação de confronto que estava armada, disparou e a bala pegou no rosto dela. Ela dormia do meu lado, éramos unha e carne [emocionada]. Hoje tenho sete anos de formada e já perdi quatro colegas. É uma dor que fica, mas, ao mesmo tempo, prepara para as próximas. Meu marido já trabalhou na [favela da] Maré. Ele escolheu ir para lá num momento de muita violência. A morte está presente para a gente. Temos de estar preparadas para tudo.

MC Acreditam em Deus? Não acham que ele pune quem mata?

Tenente Marlisa Se não acreditasse em Deus, não estaria aqui. Tenho certeza de que nada acontece por acaso. Há uma lógica em tudo.

Capitã Bianca Eu também acredito em Deus, mas faço terapia há anos. Não tem como não fazer. O policial do Bope tem de ter uma capacidade de gerenciar stress muito grande. A terapia ajuda nisso. Os caveiras são formados para lidar com stress, privações de sono e outras necessidades fisiológicas. E, sobretudo com a proximidade da morte.... **mc**

MATERIAL 18: REVISTA MARIE CLAIRE OUTUBRO 2011

ELA É UMA DAS
MELHORES ATRIZES
DO PAÍS, MAS SÓ FOI
ESCALADA PARA O
PAPEL PRINCIPAL

“Nunca pensei em ser protagonista”

DE UMA NOVELA
30 ANOS DEPOIS
DE ESTREAR
NA TV. COMO A
BATALHADORA
GRISELDA, DE
FINA ESTAMPA, E
TAMBÉM NESTA
ENTREVISTA, LÍLIA
MOSTRA QUE O
RECONHECIMENTO É
MAIS DO QUE JUSTO

Por Marina Caruso

Aguinaldo Silva, autor de *Fina Estampa*, deu vida a Griselda para homenagear as mulheres que foram abandonadas pelos maridos e não esmoreceram. Recentemente, declarou que suas heroínas “não são patricinhas fúteis”, como na maioria das novelas, mas “mães coragem”, mulheres de verdade. Lília Cabral, 54 anos, também foge ao padrão das protagonistas de novela. Não tem frescuras nem surtos de estrelismo e se preocupa mais com o tom da interpretação do que com o da base que cobrirá sua pele. Filha única de mãe portuguesa e pai italiano, foi expulsa de casa aos 24 anos, quando decidiu ser atriz. Saiu de São Paulo para o Rio e, sozinha lá, sofreu crises de pânico e depressão. Trinta anos depois, transita com desenvoltura pelos estúdios do Projac. Do técnico de som ao diretor, todos a reverenciam. “Esse Pereirão é demais”, diz um. “Divina, maravilhosa”, afirma outro. Mas Lília só

se deixa tocar por um elogio em especial: o do editor de imagem. “Quando ele diz, aí sim é verdade, porque, quanto melhor eu fizer, melhor será para ele editar.” Entre provas de roupa, gravações no estúdio, retoques de maquiagem e uma rara manhã em casa (com o marido, Iwan Figueiredo, 62, e a filha Giulia, 14), Lília recebeu Marie Claire por vários momentos ao longo de quatro dias. Aqui você confere o melhor deles e de uma atriz que é tão forte e delicada quanto a flor que lhe empresta o nome: Lília, em russo, quer dizer lírio.

MARIE CLAIRE Você declarou que a Griselda é a personagem mais difícil da sua vida. O que tem de tão desafiador nela?

LÍLIA CABRAL Não é o tipo de pessoa que você vê em qualquer lugar. Não há Griseldas na Vieira Souto (em Ipanema) ou almoçando nos shoppings da Barra. O Pereirão (apelido da personagem por causa



ENTREVISTA DO MÊS LÍLIA CABRAL

da aparência masculina) é um faz-tudo, um marido de aluguel, que conserta de fusíveis a pneus de carro. Há muitas mulheres que vivem para sustentar a casa, mas poucas andam de macacão, botina, boné. Ao mesmo tempo, por trás daquela rusticidade toda, existe uma delicadeza e uma feminilidade que a vida suprimiu, endureceu. Isso torna o papel mais complexo porque as novelas, hoje, são naturalistas. O telespectador quer ver e acreditar. Colocar o macacão e o boné e fazer trejeitos de homem é fácil. Difícil é mostrar que, por trás daquela mulher rude, ao pegar o garfo e o martelo há uma delicadeza de sentimentos.

MC O Aguinaldo Silva, autor da novela, disse que se inspirou em uma senhora de Santa Tereza para criar a Griselda. Você também já conheceu alguém assim?

LC Já. No Espírito Santo. Tenho até uma foto dela. Foi no ano passado e eu estava em cartaz com o espetáculo *Maria do Caritó*, em Vitória, mas já tinha recebido o convite para fazer *Fina estampa*. Eu e os atores estávamos conversando quando um deles vira e fala: "Ih, olha lá sua Griselda". Olhei para o lado, vi uma moça de botina, calça jeans, camisa polo e maleta de ferramentas! Perguntei o que ela fazia e ela disse que era contratada de um hotel para fazer todo tipo de manutenção. Conforme conversei com ela, vi que era uma pessoa delicada. Tinha certa masculinidade, mas era casada, tinha uma filha e falava do seu amor pela família.

MC O que mais a envaidece: o papel ser desafiador ou ser sua primeira protagonista em 30 anos de Rede Globo?

LC Nunca me passou pela cabeça ser protagonista de novela das 8. Nunca. Sinto-me tão protagonis-

ta das minhas peças (*Lília protagonizou, produziu e dirigiu Divã, livro de Martha Medeiros que virou peça, filme e seriado*) que, na TV, nunca pensei em ser a principal. Meus papéis sempre foram bons e, de alguma maneira, cresceram na trama, o que para mim já era motivo de orgulho. Por isso, juro que não senti aquele "uau, que máximo, chegou minha vez" (roda

LC Divido minha carreira em antes e depois da Marta. Não pela indicação ao Emmy, mas pela repercussão da personagem. Eu caminhava pela Zona Sul e ouvia: "Está certa ela, viu. Deus me livre ter uma neta com um problema desses". É triste, mas essa vilania existe na família de todo mundo. Somos hipócritas, politicamente corretos, e a Marta não era. Expunha o

“SE RECEBESSE UM PAPEL COMO ESSES HÁ 20 ANOS, IA ERRAR. NÃO CONSEGUIRIA ME DESPIR DA VAIDADE”

a cabeça e se faz de esnobe). Se bater algum tipo de vaidade nessa novela, espero que seja no fim, quando eu puder olhar a trama toda e dizer: "Venci essa parada".

MC Que vantagens você vê em receber o papel aos 54 anos e não aos 20 ou 30, como acontece com a maioria das bonitonas da TV?

LC Se eu recebesse uma personagem difícil assim há 20 anos, ia errar feio (*risos*). Não conseguiria me despir da vaidade que toda mulher tem de querer ficar bem no vídeo. É difícil emprestar seu corpo para outra pessoa, ainda mais quando ela é bem diferente de você. Hoje, faço com tranquilidade. Não me preocupo com a luz, com o ângulo que me deixa melhor, o suor. Se fosse mais jovem, ficaria grilada. Poxa, agora tenho bigode (*arregala os olhos e alisa o buço cultivado durante meses para Griselda*).

MC Alguns anos antes, você foi indicada ao Emmy pela interpretação da Marta, a megera de *Páginas da vida* que humilhava o marido e rejeitava a neta com síndrome de Down. O que sentiu?

marido banana e rejeitava a neta. Muitos pais de crianças com síndrome de Down me agradeceram por levantar a questão com tanta realidade. Assim como foi com a Catarina, que passou toda a novela *A favorita* apanhando do marido. Para ter ideia da força da TV, só naquele ano, segundo a Secretaria Especial de Direitos das Mulheres, a violência doméstica caiu em 25%. Mas acho que a grande mudança na minha carreira veio mesmo com o *Divã*.

MC A ideia de transformar o livro *Divã* em peça foi sua?

LC Foi. Li e fiquei encantada. Havia uma necessidade de a mulher se colocar, se impor. Todas as revistas femininas afirmavam isso, e, quando li o *Divã*, achei que era a síntese perfeita do que estávamos buscando. Então fui atrás da escritora Martha Medeiros. Mas ela falou: "Ah, querida, legal. Mas outras cinco atrizes também me pediram para montar a peça. A gente volta a se falar, ok?". Passaram uns 20 dias e ela ligou, dizendo que eu poderia fazer a adaptação.

MC Você se preocupa tanto em parecer crível. Não é estranho que bonitões como o Paulo Rocha e o Dalton Vigh deem bola para uma mulher como a Griselda?

LC É e muito (*risos*). Mas sempre assisto à novela para estudar como estou indo e onde posso melhorar. Na minha opinião, eles não estão dando mole para a Griselda. Quem está vendo isso é o público, que sabe que, mais para a frente, ela vai ganhar na Loteria, ficar mais bonita e alguns climas vão pintar. Até agora, o Dalton não olhou para mim e se apaixonou. Ele me acha uma boa “quebra-galho” e só. O Paulo, que é português, tem saudade de casa, admira aquela mulher trabalhadora e transfere isso para outro lugar. Não é sexual, é uma confusão misturada com saudade.

MC Como ficou sua vaidade ao se emprestar para uma mulher quase desprovida disso?

LC Sou muito vaidosa, mas, por causa da Griselda, não faço mais a unha – veja como ela está toda carcomida –, não tiro a sobrançelha nem o buço. É uma doação

dosa, mas não sou uma escrava da beleza. Curto me arrumar, gosto da minha casa enfeitada. E tenho uma maleta de maquiagem incrível (*vai até o armário no Projac e mostra em detalhes a super-necessaire*). Tenho requinte para as coisas! Minha pasta de trabalho é toda colorida, organizada.

MC Você é disciplinada e, ontem, em cena, disse que não gosta de errar. De onde vem tanto rigor?

LC Bom, a família da minha mãe veio de Portugal e a do meu pai, da Itália, na época da Segunda Guerra Mundial. Para minha mãe, disciplina era tudo. A família dela tinha muitas posses lá na Ilha dos Açores, mas perdeu tudo com a guerra. Meu avô morreu, minha avó colocou as terras nas mãos de agiotas que roubaram todo o dinheiro e veio sozinha do Brasil com cinco dos sete filhos. Quando ela chegou aqui, teve de começar do zero. Minha mãe e minhas tias foram trabalhar nas indústrias Matarazzo. Viviam todo mundo junto e, para que a coisa desse certo, a casa era cheia de normas, regras. Não podia tirar nota baixa, não

de lutar e voltar para trás, ganhar, perder e sobreviver, eu conheço bem. Como sou filha única, sofri muito, fui reprimida porque era uma família rigorosa, mas aprendi bem o valor das coisas.

MC Com tanto rigor, como você achou espaço para estudar teatro?

LC A gente morava na Vila Romana, em São Paulo, e, por sorte, meus pais me matricularam no Colégio Experimental da Lapa, que era perto, e superliberal, voltado para artes e humanidades. Ali eu podia tudo que era impensável em casa. Virei líder do jornal da escola, queria ser líder em tudo, tinha necessidade de me expor, me expressar. E, nas aulas de teatro e expressão corporal, descobri que meu caminho era artístico, o que, na minha casa, era proibido até pensar, imagina então falar. Passei no vestibular de belas-artes e depois fiz Escola de Arte Dramática, na USP.

MC Não foi um choque para eles?

LC Foi. Morei com eles durante todo o período da faculdade, mas depois, quando começaram a pintar os primeiros trabalhos, tive de romper com eles. Rompi mesmo. Estava em cartaz no Rio com o *Feliz ano velho* e, por telefone, disse que estava pensando em ficar no Rio para fazer outros trabalhos. Mas minha mãe falou: “Seu pai disse que, se você não voltar logo para São Paulo, nunca mais vai poder pisar dentro de casa”. Aí eu pensei, chorei uma noite inteira. Era uma sexta-feira de Carnaval e nunca me esqueci daquela sensação. Liguei para ela e falei: “Tá bom, mãe. Se eu tenho de escolher entre viver e morrer, escolho viver. Voltar para São Paulo, agora, seria morrer”. E fui viver, com um dinheirinho miserável, economizando tudo que podia. Comi o pão que o diabo amassou, tive síndrome do pânico, depressão.

“POR CAUSA DA GRISELDA, NÃO FAÇO MAIS AS UNHAS, NEM SOBRANCELHA, NEM BUÇO. É UMA DOAÇÃO MESMO”

mesmo. Deixo o bigode loirinho para não ficar tão feia e, na hora de gravar, passo um rímel bronze que o deixa mais escurinho. A sobrançelha, que eu tirava xingando porque dói, não vejo a hora de voltar a tirar. Mas essa coisa grande, tipo taturana, é um horror, então passo um rímel transparente em cima dela e vou vivendo (*risos*). Sou vai-

podia falar mal das pessoas à mesa. Meu pai veio da Itália com um irmão com quem não se dava bem e conseguiu com esforço montar uma indústria mecânica pequena, de roscas e parafusos. Foi ali que ele e minha mãe se conheceram. Eles prosperaram, mas, na época do Sarney, perderam quase tudo. E começaram de novo. Essa coisa

ENTREVISTA DO MÊS LÍLIA CABRAL

Não gastava nada, um tostão, não comprava uma camiseta. Em 1984, o Dennis Carvalho, que tinha me visto no teatro, me chamou para fazer *Corpo a corpo*, minha primeira novela. A grana ainda era curta, mas eu tinha vale-refeição e podia pagar comida para os amigos. Eles me pagavam outras coisas e assim a gente ia se virando.

MC Diria que foi o momento mais difícil da sua vida?

LC Foi parte dele, sem dúvida. Eu era protegida por aquela estrutura familiar e, do nada, caí no mundo. Mas essa mesma família que me expulsou me transmitiu a perseverança dos imigrantes. Por caminhos tortuosos, colocou na minha cabeça a certeza da luta e da honestidade. Saí de lá com 25 anos e não falei mais com meu pai por dois anos – com minha mãe, falava às vezes por telefone, quando ele não estava perto. Só voltei a falar quando soube que minha mãe estava com câncer. Fui até lá e rompi com essa história toda. Meu pai me culpou por uma série de coisas, disse que tinha abandonado a casa e feito minha mãe adoecer. Eu sabia que não tinha abandonado, mas sim sido expulsa dela. Eu tinha repertório para entender isso; ele, com aquela bronquite, não. Mas, ainda assim, fiquei com um sentimento forte, muito duro e triste; afinal de contas (*emocionada*), era minha mãe... Acho que meu pai me perdoou, mas não consegui verbalizar isso. Sofri demais – dois anos pode parecer pouco, mas para mim foi uma eternidade –, vivia muito sozinha, tinha medo, sentia falta da minha mãe. Ela, eu sabia que me amava. Ele, de verdade, até hoje, não sei. Por isso, quando ela morreu, fiquei tão triste, e, quando ele se foi, oito anos depois, não senti nada. Nem dor, nem raiva, nem nada.

Leia mais em
marieclaire.
globo.com

MC Você fez mais de 20 anos de análise. No que isso mais o ajudou?

LC Minha mãe morreu em 1987 e eu fiz análise até 2007. Parei quando o *Divã* virou filme, porque não tinha mais tempo. Depois retomei. Sempre preferi a psicanálise freudiana. Me ajudou muito, principalmente na questão da autoestima, que era baixa. Eu tinha a sensação de que estava dependendo do olhar de alguém. Por mais que fizesse sucesso, ganhasse prêmio, aplausos,

mais velhas, já moças. Era como se alguém me dissesse que algo ia acontecer, algo ia dar certo.

MC Como você compararia essas suas duas relações? Há diferença entre um amor mais novo e outro mais maduro?

LC Quando se é novo, tem um egoísmo que impede de enxergar o outro. A gente passa o tempo todo só falando da gente. E a vida não é assim. Acho que é por isso que tantos casais terminam

“QUANDO RESOLVI FICAR NO RIO E FAZER TEATRO, TIVE DE ROMPER COM MEUS PAIS. FIQUEI DOIS ANOS LONGE”

não adiantava, faltava o olhar de alguém – uma aprovação suprema, maior. Ainda sou um pouco assim, mas hoje tenho discernimento, e antes não tinha. A gente vai sempre ser o que é, né? Só precisa aprender a lidar com isso para sofrer menos.

MC Tinha 39 anos quando engravidou da Giulia. Teve dificuldades ou quis ser mãe tarde?

LC Não tive dificuldades, não. Minha mãe também engravidou de mim com a mesma idade. Acho que foi *timing* mesmo. Casei pela primeira vez com o João (*Henrique Jardim, cineasta*) aos 29 anos e me separei aos 36. Depois conheci o Iwan com 37. A gente namorou um ano e aí engravidei. Foi tudo natural. Não tinha medo de ficar para titia, até porque nem tenho irmão, né? (*risos*) Nunca tive esse medo de não ter filhos. Quando conheci o Iwan, ele estava separado fazia cinco anos. A gente passou a namorar e ele sempre dizia que queria ter novamente uma família – ele tem três meninas bem

antes de tentar. Há um confronto de egos. E, se você não reflete nos primeiros embates, aquilo vai perdurando. Mas, em relacionamento, basta a gente viver para ter problema. Depois de velha, os problemas continuam, mas a compreensão é maior. Acho que é isso que muda.

MC Com o perdão do clichê, como manter a chama acesa depois de 15 anos?

LC Uma viagem é sempre bom. Quando vamos a um lugar que não conhecemos, voltamos ao zero. Um olhar, uma conversa diferente... A viagem faz aflorar e, depois, a volta para casa traz lembranças dos momentos bons que passaram. Todo casal merece miniluas-de-mel. Manter a cumplidade e o mistério é sempre importante. Desculpas como “estou com dor de cabeça” não podem rolar. É preciso olhar o outro. E, de repente, deixá-lo te surpreender com uma linda noite de amor que você nem estava esperando. **mc**

FOTO: BRUNO MIRANDA/ALTA EDITORA GLOBO

MATERIAL 19: REVISTA MARIE CLAIRE OUTUBRO 2011

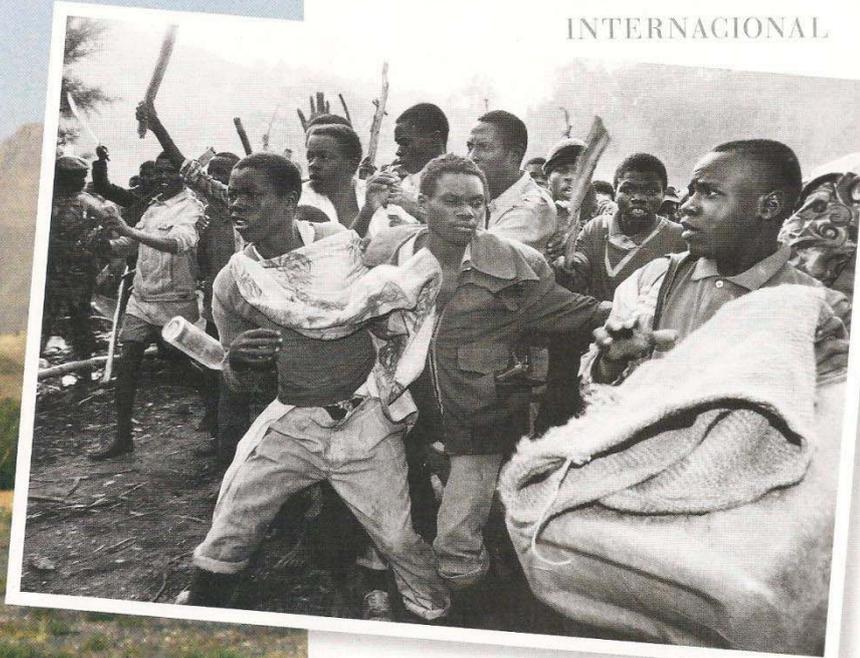


AS JORNALIS

Jackie Northam, da Rádio Pública Nacional, dos EUA, cobriu o genocídio de Ruanda; em 1994. Ao lado, as duas principais etnias do país, tútsis e hutus, em conflito



INTERNACIONAL



Estar à frente da cobertura de um conflito é sempre arriscado. Quando se trata de mulheres, o perigo é ainda maior. Elas estão mais suscetíveis à

TAS DO FRONT

violência masculina e a preconceitos. Quatro jornalistas contam aqui os dramas que viveram ao fazer seu trabalho

Por Sarah Robbins



INTERNACIONAL

a participação feminina na cobertura de conflitos começou a ter peso na Segunda Guerra Mundial, mas, naquela época, era preciso se submeter às regras criadas pelos homens. Só eles, por exemplo, tinham acesso a alguns lugares. Hoje, todos estão lado a lado no front. Não estão, no entanto, sob os mesmos perigos. Neste ano, o caso da jornalista americana Lara Logan mostrou como as repórteres estão mais suscetíveis. Na Praça Tahrir, no Cairo, ela foi cercada por dezenas de homens enquanto cobria as comemorações da queda do ditador Hosni Mubarak. Eles a separaram dos seguranças e a esturparam com as mãos. Lara foi salva por soldados e mulheres que presenciaram a cena. “Achei que minha morte não terminaria jamais”, disse a jornalista (*assista ao depoimento em marieclarie.globo.com*). Recentemente, a fotógrafa do *New York Times*, Lynsey Addario, foi sequestrada com outros quatro jornalistas enquanto cobriam os conflitos na Líbia. Ao sair do cativeiro, disse que cada parte de seu corpo tinha sido tocada “por todo líbio que chegava perto”. Lynsey é vencedora de um Pulitzer, o maior prêmio da imprensa americana. Esse mesmo reconhecimento recebeu outra americana, a jornalista Marguerite Higgins, pela cobertura na guerra entre Japão e Coreia, nos anos 50. Ela teve de ir à Justiça para obter o direito de trabalhar no conflito. Conseguiu isso e também foi a primeira mulher a ganhar um Pulitzer. Mais de meio século depois de tantas conquistas, ainda resta saber se será possível às jornalistas irem a campo sem que isso signifique dar autorização para que homens cometam atrocidades contra elas.

UM MACHADO NO PESCOÇO

JACKIE NORTHAM, CANADENSE, CORRESPONDENTE DA RÁDIO PÚBLICA NACIONAL DOS EUA

“No início do genocídio de Ruanda, em 1994, quando a maioria hutu começou um massacre sistemático da etnia tútsi, eu e outros três jornalistas entramos de carona no país para cobrir a guerra em Kigali, a capital. Tudo ao nosso redor era interceptado pelo ruído dos tiros e pela imagem dos corpos nas estradas, junto a pilhas de machados ensanguentados e milicianos com olhares selvagens.

O pior ainda estava por vir, quando fomos parados em um posto de controle por um grupo de hutus. Um se aproximou do carro e perguntou se eu era da Bélgica, país que, no passado, ocupou Ruanda – no início daquela semana, dez paraquedistas bel-

tamente saímos com o carro. Precisávamos nos concentrar em chegar ao nosso abrigo, o hotel (*o des Milles Colines, onde se passa a história do filme Hotel Ruanda, de 2004*).

Durante quatro dias, ainda fiz reportagens da zona de guerra, mas depois se tornou insustentável. Qualquer sensação mínima de segurança que ainda pudesse ter desapareceu. Peguei um avião para o Quênia e, quando desci, beijei o solo. Ainda hoje não consigo lembrar do rosto daquele homem. O jornalista que me ajudou disse que era a imagem do mal. Lembro dos ombros e do modo como ele olhou quando se enfiou pela janela do carro, mas no lugar do rosto, só vejo uma mancha.

Hoje, penso de forma diferente sobre o meu trabalho. Aprendi que, quando você percebe que toda ordem desapareceu, está realmente por conta própria. Tudo que você tem é sua inteligência e, talvez, sorte.”

“O homem encostou o machado na minha garganta. Eu tremia muito. A morte estava perto demais.”

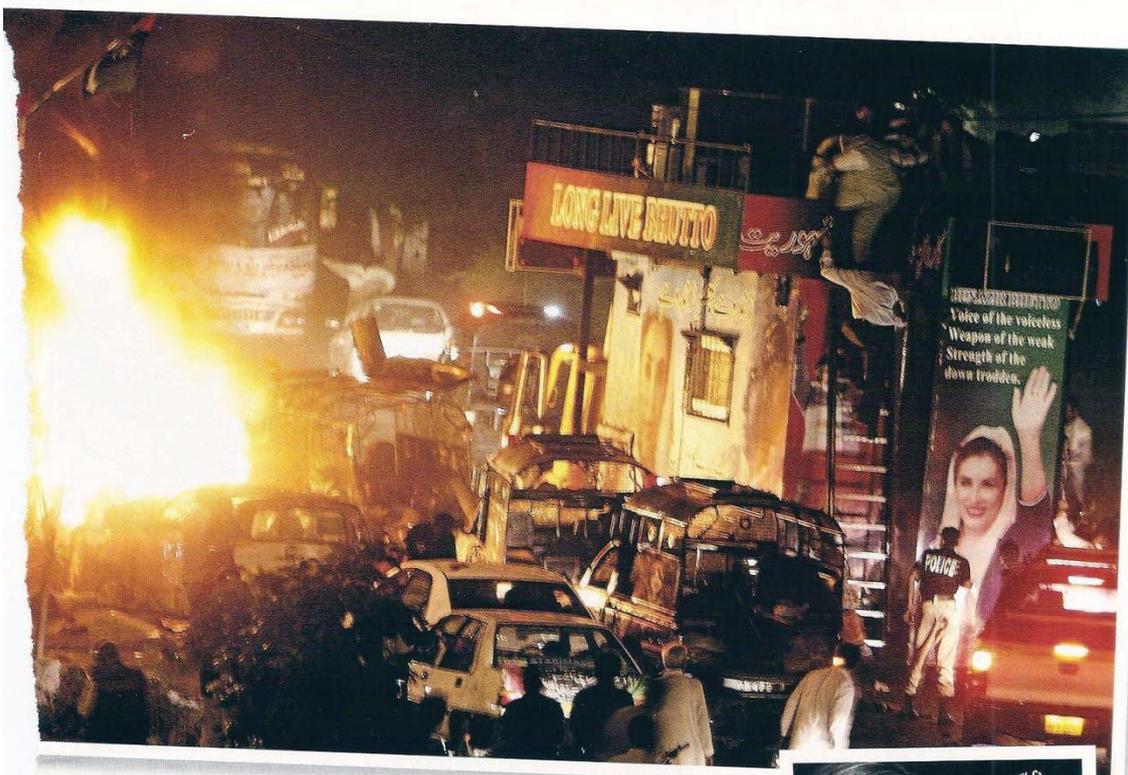
- Jackie Northam

gas tinham sido assassinados. Tentei tirar o passaporte do bolso da frente da camisa, mas não consegui fazer meus dedos obedecerem. Então o homem enfiou o braço pela janela do carro e encostou um machado em minha garganta. Comecei a tremer incontrolavelmente. A morte estava perto demais de mim.

Eu havia estado em tumultos e outras situações perigosas antes, mas nada parecido com isso. Era uma guerra movida somente pela barbárie. Um dos jornalistas começou a conversar com o hutu, o que me faz ser eternamente grata a ele, pois não tinha palavras. De alguma forma, conseguiu mudar a situação. O miliciano tirou o machado do meu pescoço. Fechei a janela e len-

O GENOCÍDIO DE RUANDA

Em 1994, as duas principais etnias do país, os tútsis e os hutus, entraram num conflito que deixou mais de 1 milhão de mortos. Ruanda foi colônia da Bélgica entre as décadas de 30 e 70, período em que os belgas concederam privilégios a uma minoria da elite dos tútsis – o que só serviu para inflar o ódio dos hutus. O conflito é tido como um dos piores genocídios da história, com tútsis mortos a pauladas, tiros e machadadas. Nenhuma potência interveio e a ONU foi acusada de omissão. Em 2004, o filme Hotel Ruanda mostrou a história de Paul Rusesabagina, gerente do Hôtel des Milles Colines, que salvou mais de mil pessoas da morte ao abrigá-las como se fossem hóspedes.



NO ÔNIBUS QUE EXPLODIU

CHRISTINA LAMB, INGLESA, CHEFE DA SUCURSAL DE WASHINGTON DO JORNAL *THE SUNDAY TIMES*

FOTOS DA PÁGINA ANTERIOR: ARQUIVO PESSOAL. E AP FOTÓGRAFIA: MARC BOUJUY. FOTOS DESTA PÁGINA: AP PHOTO/SHAKIL ADILI/ARQUIVO PESSOAL

“ Em outubro de 2007, a ex-primeira-ministra do Paquistão e líder da oposição do governo, Benazir Bhutto, voltou para casa depois de quase 9 anos de exílio em Dubai. Eu a conhecia havia 20 anos, quando a entrevistei pela primeira vez. No momento em que soube do retorno dela, voei a Karachi para encontrá-la. Benazir tinha planejado ir do aeroporto para casa em um ônibus de teto aberto. Ela me convidou para acompanhá-la, mas fiquei na dúvida. A ex-primeira-ministra era muito visada. E, recentemente, eu havia passado por vários momentos arriscadas no Afeganistão, não

queria me ver de novo numa situação tão vulnerável.

Só que quando cheguei a Karachi e vi toda aquela excitação, entrei no ônibus e fomos seguidos por uma multidão alegre. Por volta da meia-noite, eu estava falando com um dos líderes do partido da ex-primeira-ministra quando ouvimos um estouro baixo. Eu me atirei ao chão. Já tinha estado perto de várias bombas para saber que a primeira explosão é pequena, depois vem a grande. Antes que pudesse dizer qualquer coisa a alguém, houve uma explosão muito mais forte, que derrubou todo mundo. A música parou e os gritos encheram o ar. Ilesa, mas com medo de que o ônibus explodisse, consegui sair de lá e corri para a rua mais próxima. Estava coberta de um sangue que não era meu.

O atentado seria notícia em todo o mundo e meu filho de 8 anos – a quem eu havia prometido que

Christina Lamb (à esq.) e a ex-primeira-ministra Benazir Bhutto. Acima, o momento da explosão



“Meu travesseiro estava preto. Percebi, aterrorizada, que era pele queimada das vítimas do atentado.”

- Christina Lamb

INTERNACIONAL

iria me proteger – sabia que eu estava naquele ônibus. Mais tarde, descobri que ele assistira a tudo pela televisão e perguntou ao meu marido: ‘Você acha que a mamãe sobreviveu?’. Consegui chegar a um lugar seguro e telefonar para casa, mas demorou até saber que Benazir tinha escapado viva daquele ônibus. Quando acordei, na manhã seguinte, vi que o travesseiro sob minha cabeça estava preto: percebi, aterrorizada, que era carne queimada das vítimas da explosão. Benazir escapou ilesa, mas aquele tinha sido um dos atentados mais mortíferos da história do Paquistão, com mais de 150 mortos. Claramente, os inimigos não pretendiam parar. Nas semanas seguintes, durante a campanha eleitoral, falei com ela várias vezes. Dez semanas depois, Benazir foi morta em outro atentado. Falavam duas semanas para as eleições.”

O CASO BENAZIR BHUTTO

A paquistanesa Benazir Bhutto foi a primeira mulher a comandar um estado islâmico. Até 2007, ela vivia no exílio, mas conseguiu retornar a seu país após negociar com o general Pervez Musharraf, ditador que governava Paquistão. Foi uma volta cheia de expectativas, tanto por parte de Benazir, que tinha prometido restaurar a democracia, quanto dos partidários. Ela nasceu em Karachi, em 1953 e, em 1977, viu o pai ser assassinado e assumiu, no lugar dele, a direção do Partido Popular do Paquistão. Ela teve dois mandatos (1988-1990 e 1993-1996) incompletos como primeira-ministra. Deixou o poder por conta de denúncias de corrupção, das quais escapou ao seguir para o exílio, em 1999.

“Chutei muito, bati, cai no chão. Não adiantava, eles não desistiam nunca.”

- Jackie Spinner



Jackie Spinner, no Iraque, em 2004

PERIGO: DECAPITAÇÃO

JACKIE SPINNER, AMERICANA, FOI CORRESPONDENTE DO THE WASHINGTON POST DURANTE 14 ANOS

“ Em junho de 2004, eu estava em Bagdá cobrindo a Guerra do Iraque para o *The Washington Post*. O escândalo da prisão de Abu Ghraib (naquele ano, uma série de fotos de prisioneiros iraquianos sendo torturados foi exibida na revista *The New Yorker* e no programa *60 Minutes*, da rede CBS) tinha acabado de acontecer e a situação estava muito tensa. Para piorar, algumas semanas antes, o empresário americano Nick Berg tinha sido sequestrado e decapitado, o que deixou todos os estrangeiros em alerta. Por segurança, eu mandava meu tradutor – um jovem iraquiano – para o meio dos manifestantes fazer as perguntas que gostaria. Só que esse não é, evidentemente, o melhor jeito de escrever uma reportagem. E eu ansiava por algo impactante.

Foi então que consegui um acordo com os militares americanos para passar uma noite dentro de Abu Ghraib. A fotógrafa e eu usamos trajes muçulmanos e fomos colocadas secretamente no edifício. Um

dia após nossa chegada, acordamos cedo para ver a libertação de cerca de 500 detidos. Os prisioneiros estavam agrupados segundo os destinos: Bagdá, Tikrit etc. Seguravam caixas de suco de frutas e sacos de ração militar. Andrea, a fotógrafa, decidiu acompanhar um dos ônibus até seu destino. Telefonei para meu motorista, disse a ele que estava saindo e pedi aos soldados que me vigiassem até eu chegar ao carro.

Caminhei junto à cerca de arame farpado que separava a prisão do estacionamento tendo certeza de que não era percebida. Então, do nada, um homem correu para mim, agarrou meu braço e me puxou na direção do carro em que ele estava. Eu gritei: ‘*La! La! Raja’an!*’ (Não! Não! Por favor!), mas ele continuou puxando. Outro homem se aproximou e me segurou pela cintura. Imediatamente, imagens do assassinato de Nick Berg passaram por minha cabeça. Eu não podia deixar esses homens me colocarem naquele veículo. Não conseguia me lembrar das palavras em árabe para dizer que eu era jornalista, então, atordoada, eu apenas dizia ‘*Ana nabateeya!*’ (Sou vegetariana!). Chutei muito, bati, caí no chão, mas eles não desistiam. Durante a confusão, um deles viu o colete antibalas

FOTO: ADREA BRUCE

INTERNACIONAL

azul, como os da CIA, que eu usava por baixo do traje tradicional. Era a pior impressão que eu podia causar – agentes da CIA também tinham sido acusados de praticar torturas em Abu Ghraib. Levantei minha voz e gritei: ‘Washington Post!’.

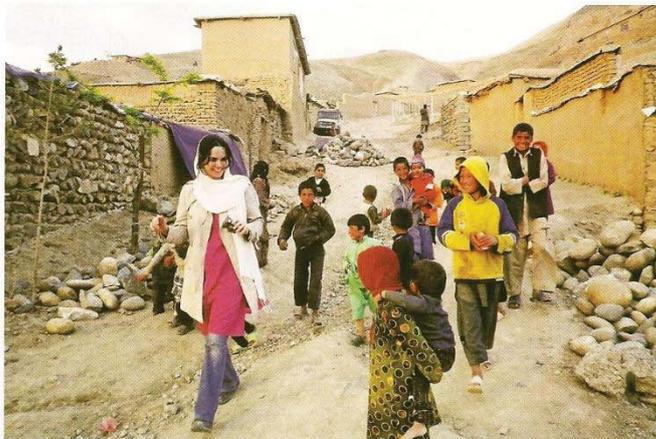
Entre os iraquianos que observavam o que acontecia, não encontrei um único rosto que olhasse para mim como se eu fosse um ser humano. E então me dei conta de que eles eram de um país ocupado e eu era o invasor. Finalmente, os soldados entenderam a situação e saíram da prisão com as armas levantadas. Os sequestradores perceberam e fugiram. Meu motorista veio me buscar e me lembro de dizer a ele: ‘Quando voltarmos para a base, diga a eles que eu não chorei. Não esqueça’.

De volta aos EUA, sofri – realmente sofri – distúrbio de estresse. Escrevi um livro sobre a experiência e dei um exemplar para uma das terapeutas que me ajudaram a superar. Depois que ela leu, sentou-se comigo e disse: ‘Você devia ter chorado’. Provavelmente ela tinha razão.”

O CASO ABU GHRAIB

*Em abril de 2004, vazaram as primeiras fotos de iraquianos sendo torturados na prisão de Abu Ghraib. As imagens mostravam os prisioneiros submetidos a práticas de terror, como estar de frente a um cachorro feroz durante um interrogatório. Foi um golpe na ideia de “bom invasor” que os EUA tentavam vender ao mundo, com a justificativa de que a ocupação traria proteção aos iraquianos, antes dominados pelo sanguinário Saddam Hussein. Nesse período, sequestros e assassinatos passaram a ser ainda mais temidos por civis americanos que trabalhavam na imprensa ou nas obras de reconstrução do Iraque. Naquele mesmo mês, além da decapitação de Nick Berg, três funcionários de uma companhia americana foram encontrados mortos. **MC***

Colaborou: Ludmila Vilar



Adriana Carranca, em uma vila no Afeganistão

EM MEIO AOS TALIBÃS

A repórter Adriana Carranca, do jornal O Estado de S. Paulo, já esteve a trabalho em lugares como o Haiti, Faixa de Gaza e Afeganistão. Este ano, ela voltou ao Afeganistão para concluir o livro Depois do Talibã, que deve ser lançado neste mês. Nele, Adriana relata a vida de onze personagens. Há desde Fatema, uma herdeira de reis afegãos, até a história de Wabida, a dona de casa analfabeta que nunca ouviu falar no 11/09. Ela falou com Marie Claire sobre seu trabalho.

MC Qual o país mais perigoso que você já esteve a trabalho?

AC Sem dúvida, o Afeganistão. Na primeira viagem, em 2008, presenciei dois atentados a bomba, explosões dia sim, dia não. Meu hotel em Cabul foi bombardeado; o supermercado que eu frequentava também foi destruído por bomba. Havia muito risco de sequestros – na primeira viagem 70 pessoas foram sequestradas, entre elas um repórter do New York Times.

MC Lembra de alguma situação difícil em que você estava diretamente envolvida?

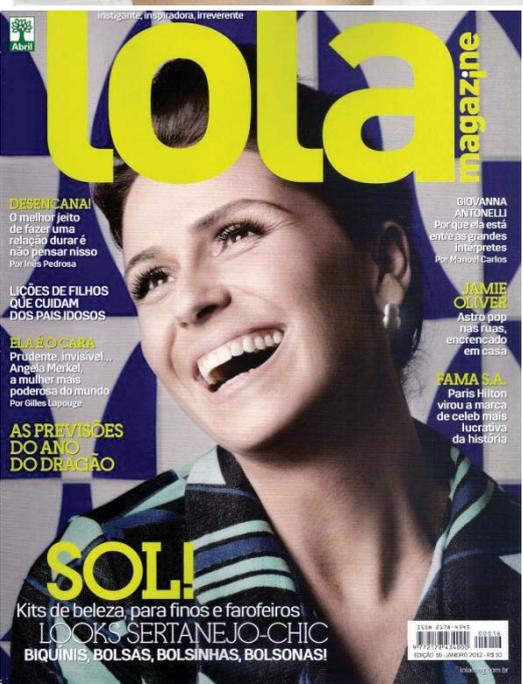
AC Na Faixa de Gaza, enquanto eu entrevistava alguns soldados do Hamas (grupo político e militar que atua como resistência islâmica contra a ocupação israelense) chegaram alguns homens do comando do grupo. Os soldados ficaram tensos, pois não tinham au-

torização para falar com estrangeiros. Um dos guardas, mais velho, que já não estava à vontade com a minha conversa com os soldados, tentou nos segurar, mas conseguimos sair às pressas.

MC O caso Lara Logan mostrou que é mais perigoso para as mulheres cobrirem situações de conflito?

AC Realmente há essa questão dos crimes sexuais, dos quais as mulheres são mais vítimas do que os homens. Mas há ainda preconceito, ou talvez receio, por parte dos editores de mandar repórteres mulheres para uma situação de guerra. Acho que, tomando alguns cuidados, os riscos são os mesmos para ambos os sexos. Ademais, em muitas situações, ser mulher é uma grande vantagem. Em lugares como o Afeganistão, por exemplo, um repórter homem não terá acesso, como eu tive, à casa de uma família.

IMAGENS DAS CAPAS DAS EDIÇÕES DA REVISTA LOLA UTILIZADAS



insistente, inspiradora, irreverente

lola magazine

MARIETA SEVERO
Ela esculpe o próprio tempo
Por Naum Alves de Souza

UI, ESQUECI OK, memória perfeita não é saudável

EM NOME DOS FILHOS
O exercício de se dar bem com o ex

VINCENT CASSEL
Um francês bem-humorado!
Por Debora Bloch

CABELOS
Penteados fresquinhos e diferentes

Por que é tão difícil dar um **ULTIMATO** para quem a gente AMA?
Por Marisa Orth

É CHIC!
Looks com misturas inusitadas
CAMISAS CHAMATIVAS

ISSN 1518-9345
www.lolamag.com.br
EDIÇÃO 17 - FEVEREIRO 2012 - R\$ 10
lolamag.com.br

insistente, inspiradora, irreverente

lola magazine

O PODER NO ESPELHO
As duríssimas negociações entre Dilma Rousseff e seu cabeleireiro

SEXO
O melhor aditivo erótico ainda é ele: o beijo na boca
+ É beijando que os amantes falam: ninguém é como você
Por Marina Colasanti

24 HORAS DE GLAMOUR
VESTIDOS, CALÇAS, CASACOS, JAQUETAS
+ Cinco cantoras incríveis mostram os novos batons

LILIA CABRAL:
"Acredito em destino, mas interiro bastante"
Por Martha Medeiros

ELIS REGINA
O grande amor da minha vida
Por Milton Nascimento

BRAD PITT:
"já fumei tanta maconha que quase virei um molusco"

COMO FABRICAR A SUA ALEGRIA
Por Denise Fraga

FORA DO ÓBVIO
Hotéis no alto de árvores, em ilhas desertas, nas pedras, no gelo...

ISSN 1518-9345
www.lolamag.com.br
EDIÇÃO 18 - MARÇO 2012 - R\$ 10
lolamag.com.br



Segunda mulher mais rica do mundo, a americana Rowling vendeu 400 milhões de exemplares e transformou a série em uma franquia bilionária. E vem mais por aí...

SOBRENATURAIS

J.K. Rowling, a mãe do bruxo Harry Potter, e Stephenie Meyer, criadora dos vampiros de *Crepúsculo*, conseguiram fazer a mágica de transformar literatura em uma máquina de fazer dinheiro. Hoje, são as escritoras mais poderosas do mundo

POR CAROL VAISMAN

Elas não são habitués das colunas sociais, não se destacam pela beleza e glamour nem aparecem em balneários badalados com bonitões a tiracolo. Mas poucas mulheres têm tantos e tão fiéis seguidores ao redor do mundo quanto a inglesa J.K. Rowling e a americana Stephenie Meyer, criadoras, respectivamente das sagas *Harry Potter* e *Crepúsculo*, pilares sobre os quais construíram impérios milionários. Em lista divulgada pela revista *Forbes* recentemente, as duas escritoras aparecem entre os dez autores mais bem pagos do mundo entre junho de 2009 e junho de 2010 — ou melhor, entre os que mais faturaram com a literatura... e algo mais. Meyer, mãe

FOTO DAVE HOGAN/GETTY IMAGES



Segunda autora mais bem paga do ano passado e 59ª mulher mais influente do planeta, a americana Meyer arrecadou US\$ 800 milhões só com os filmes sobre seus vampiros sensíveis. E vem mais por aí...

do vampiro romântico Edward Cullen, aparece em segundo lugar, com uma bolada de 40 milhões de dólares abocanhados, atrás apenas do best-seller policial James Patterson. Rowling figura em décimo, com 10 milhões de dólares — isso sem publicar nenhuma linha desde 2007. Embora pertençam a esferas diversas do mundo sobrenatural, o segredo é o mesmo: nos dois casos, a literatura funcionou como ponto de partida para o surgimento de duas das mais valiosas franquias do mundo, que transcendem em valores o mercado editorial reservado ao restante dos mortais escritores.

Embora pareça estar comendo poeira na lista, Rowling é a grande feiticeira dos mistérios de combinar imaginação com pragmatismo. Em julho de 2010, a Universal Studios abriu, em um de seus parques em Orlando, o Mundo Mágico de Harry Potter, uma ilha da fantasia digna do castelo de Hogwarts. Foram dez anos entre projetos e obras em 89 mil metros quadrados, totalizando um investimento

de 265 milhões de dólares, envolvendo dezenas de arquitetos e designers. A expectativa é que passem por lá, só neste ano, 4,5 milhões de pessoas, gerando lucros que vão muito além dos livros da saga. A ideia do parque é fazer com que os fãs se sintam dentro do mundo de Harry Potter, podendo tanto jogar quadribol num radical simulador 3D quanto provar a cerveja amanteigada das histórias do livro. Rowling supervisionou tudo bem de perto, fechou contrato com a Universal (dona do parque) e a Warner Bros. (detentora dos direitos para cinema), provou a cerveja e mandou mudar a base de pedra de Hogwarts por achá-la pouco “realista” — se é que essa é uma palavra apropriada para o tema.

Sozinhas, as cifras do negócio são espantosas. Mas, em se tratando de Rowling, elas só crescem. Ao todo, a série *Harry Potter* produziu, desde 1997, sete livros e oito filmes — destes, apenas a segunda parte do oitavo não estreou. Somando as vendas dos livros com as bilheterias de cinema, o fatura-▶

mento total bate em 5,3 bilhões de dólares. Só no “primo pobre” da equação, o mercado editorial, as vendas chegam a 400 milhões de exemplares, traduzidos para nada menos que 67 idiomas.

Adicione aí álbuns de figurinhas, fantasias, camisetas, canecas, cadernos e uma infinidade de tranqueiras e você entenderá como a mágica acontece. Para ser comercializado, tudo isso tem de passar pelo rigoroso crivo da criadora. “Absolutamente tudo passa pela supervisão dela”, afirmou a LOLA americana Melissa Anelli, uma fã convertida em especialista no tema, que escreveu *Harry e Seus Fãs* (Rocco, 368 págs., R\$ 29,50), com lançamento previsto para este mês no Brasil. É por tudo isso que Rowling aparece em outra lista da *Forbes*, como a segunda mulher mais rica do mundo, atrás somente da multiempresendedora Oprah Winfrey e à frente de gente como Martha Stewart e Madonna. Com uma fortuna estimada em 1 bilhão de dólares, ela é simplesmente a primeira escritora bilionária da história.

“Harry Potter é a maior franquia de livros de todos os tempos. Crepúsculo é grande, mas, nem de perto,

COM UMA FORTUNA PESSOAL ESTIMADA EM US\$ 1 BILHÃO, J. K. ROWLING É A PRIMEIRA ESCRITORA BILIONÁRIA DA HISTÓRIA

se aproxima dos números de vendas e de fãs de Harry”, diz Melissa. Certo, Meyer está distante, mas está chegando perto — e é bom lembrar que o fenômeno Crepúsculo, iniciado em 2005, é mais recente. Atualmente, a escritora aparece (em outra lista da *Forbes*) em 59º lugar no ranking das 100 celebridades mais influentes do mundo, lado a lado com o galã George Clooney e a veterana Cameron Diaz. Em seis anos, foram vendidos 100 milhões de exemplares dos quatro títulos da série. Já os três filmes lançados até agora, estrelados pelos queridinhos do público Robert Pattinson e Kristen Stewart, fazem mais barulho ainda. Somados, *Crepúsculo*, *Lua Nova* e *Eclipse* acumulam quase 800 milhões de dólares. Este último arrecadou 68,5 milhões apenas no dia de estreia nos Estados Unidos — uma quarta-feira, dia habitualmente de baixa frequência nos cinemas do país. E vem mais por aí: neste ano, sai a primeira parte da adaptação do quarto volume, que, como o último *Harry Potter*, também será dividido em duas partes.

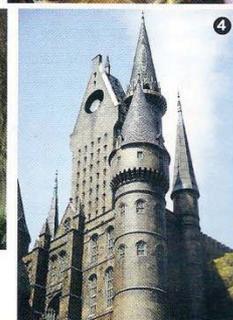
Em quase tudo, aliás, Meyer e Rowling se assemelham. A franquia Crepúsculo se espalha, como Harry Potter, pelas lojinhas. Edward Cullen e Bella

Swan estampam camisetas, joias, cosméticos, chinelos, bolsas, bonecos etc. E o que falta não tarda a chegar — neste mês, por exemplo, será lançada uma versão em quadrinhos dos livros. As duas escritoras também são zelosas com suas crias, acompanham as gravações e dão palpites até dizer chega. Meyer esteve no ano passado no Brasil acompanhando as gravações do próximo lançamento. Rowling, por sua vez, fez questão, desde o início, de que todos os atores escalados para os papéis fossem ingleses, para que os filmes fossem mais fiéis à obra.



A PRÓDIGA

J.K. Rowling veste um Alberta Ferretti (1), comprado graças a bonequinhos do bruxo (2) e a outras tranqueirinhas (3) espalhadas pelas lojinhas. Somando com negócios que incluem um parque temático em Orlando (4), dá e sobra para comprar mansões no Reino Unido (5)



UMA PORÇÃO DE MORDIDAS

Assim como o mal, o filão vampiresco parece nunca morrer. *Crepúsculo* é apenas o exemplo mais bem-sucedido de uma tendência que gera um faturamento anual de 7 bilhões de dólares para Hollywood. Nessa conta, entram DVDs e trilhas sonoras surgidas com séries de TV como *True Blood* e *Vampire Diaries*. Pode-se dizer ainda que Stephenie Meyer azeitou uma indústria que tem um certo tempo: em 1976, a escritora Anne Rice criou o Vampiro Lestat, iniciando a série *The Vampire Chronicles*, cujo primeiro livro, *Entrevista com o Vampiro*, também foi parar no cinema. Ao todo, a série vendeu 100 milhões de exemplares. Anos depois, Anne Rice abandonaria a carreira feita nas sombras, dedicando-se a escrever livros sobre a vida de Jesus.

Estilo de vida

Se na seara dos negócios as autoras trilham percursos semelhantes, elas se mostram diferentes na administração da vida pessoal repentinamente endinheirada. Mórmon, membro da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, a ex-professora de inglês Stephenie Meyer continua levando uma vida relativamente simples na árida Cave Creek, cidadezinha de 5 mil habitantes nos arredores de Phoenix, no Arizona, onde mora com o marido e três filhos pequenos. “O lado bom é que, em 95% do tempo, eu sou só mãe”, declarou certa vez ao jornal *USA Today*.

Com J. K. Rowling, a história é bem diferente. Também alçada repentinamente ao sucesso, a mulher de 1 bilhão de dólares não se faz de rogada. Entre suas aquisições no período pós-Harry Potter, estão um

jatinho particular; uma mansão de 7,2 milhões de dólares em Kensington, Londres; uma casinha para os fins de semana, com seis quartos, na bucólica Perthshire, na Escócia; e uma terceira, de 3,2 milhões de dólares, em Edimburgo, também na Escócia, onde mora a maior parte do tempo com o marido e três filhos. Ela gasta 240 mil dólares por ano para manter um grupo de guarda-costas e trabalha com três secretárias: duas para coordenar as milhares de mensagens que recebe semanalmente e uma só para ajudá-la a organizar a agenda e marcar os compromissos. Gosta de vestir Vivienne Westwood, calçar Jimmy Choo e carregar nas mãos bolsas Dior, Prada e Marc Jacobs.

Como boa celebridade zilhadrária, também está no negócio da filantropia — doou 35 milhões de dólares para a organização britânica Comic Relief, que faz trabalhos humanitários em diversas partes do mundo. Nada mal para quem também saiu pobre de cidade pequena, morava em um apartamento infestado de ratos, ganhava 100 dólares por semana, enquanto servia café em um bar, cuidava da filha pequena e escrevia um livro sobre um certo bruxinho. ☛



A RESERVADA

Stephenie Meyer na estreia de *Lua Nova* (1), filme que, sozinho, arrecadou quase US\$ 300 milhões, sem contar as vendas de DVDs (2) e produtos licenciados (3). Ainda assim, ela prefere morar numa casa relativamente simples no Arizona (4).

A Dois

FURIOSAS!!!!

A doce mamãe, a esposa fofinha, já entra em casa possuída de ódio. E, geralmente, com alguma pendência profissional que vai ter que ser resolvida AGORA. Por que a gente é calminha no trabalho e atacada em casa? E por que sempre sobra para o marido?

POR...HELOÍSA PÉRISSÉ • ILUSTRAÇÃO...RAFAEL SILVEIRA

Vou começar abrindo o meu coração para vocês. Estava eu falando amenidades com meu marido, quando de repente ele me disse:

— Todo mundo acha você muito engraçada, bem-humorada, mas às vezes eu tenho a impressão de que você gasta todo o seu bom humor na rua!

Levei um susto!

— Como assim?

— Em casa, muitas vezes você está tensa, séria!

— Mas, hoje mesmo, eu estava contando umas piadinhas para você!

— Mas nem sempre é assim, Lolo! Nem sempre.

E ele tem razão! (Claro que não concordei na frente dele. Aprendi com os homens, nego até o fim.) Eu amo meu marido, amo minhas filhas, minha casa, mas realmente... nem sempre eu sou fofinha. Ai, que culpa!!!! (Culpa, outra coisa que aumenta nossa fúria, nem que seja a longo prazo!)

Nós mulheres não somos mais hoje em dia aquele poço de candura e aquelas pessoas disponíveis, de quando tínhamos tempo de ser o "colo" oficial

da família. E por que será, não é? Acredito que é porque, quando a mulher era dona desse lugar, ela tinha tempo pra isso. Havia tempo para a mulher ser mãe, esposa, conselheira, babá etc. Hoje, não! Há exceções, sem dúvida, mas a nova leva de mulheres – e mesmo nós que já somos do século passado – não pode mais se dar a esse luxo. Desse latifúndio, nos sobrou uma parte muuuuuuuuu grande para ser administrada. É filho, é trabalho, é chefe, é babá, é empregada, é marido... que na hora H é quem mais dança, justiça seja feita, até porque não vamos deixar de dar atenção a uma criancinha indefesa para dar atenção a um marmanhão – e esperamos que ele entenda isso! E, quando ele começa a entender muito, também nos preocupa, porque a pulga já começa a pular desesperada atrás de nossas orelhas e pensamos: "Tá compreensivo demais! Por que será? Será que está compreendendo mesmo, ou já tem alguém fazendo o meu papel aí fora? Ai, meu Deus!".

Quer dizer, vivemos pressionadas por tudo que é lado. Acho que a pressão é que faz de nós hoje em dia mulheres furiosas. A vida nos tragou de tal ma->



Gosta de frios no café da manhã, querido? Então saia você do trabalho, enfrente uma fila de supermercado e compre!

Os quadros pintados a óleo que ilustram esta matéria são de Rafael Silveira, artista que mistura referências pop sem medo de ser feliz. Em suas ilustrações e quadros – todos incríveis –, ele faz um sopão que inclui o comix underground dos anos 50 e 60, desenhos animados, anúncios publicitários antigos, elementos do rock e do jazz... Tudo desembocando numa espécie de barroco pós-moderno. WWW.RAFELSILVEIRA.COM

neira que hoje somos quase mulheres homens. Temos que resolver, temos que ganhar dinheiro, temos que ser objetivas. Talvez não tenhamos nem mais tempo de ser subjetivas. Não cabe mais. Estamos mudando nossa natureza na porrada! E, o pior, onde entramos, fazemos bem. Eu, por exemplo, que ninguém nos ouça, quando chego a algum estabelecimento para ser atendida, prefiro que meu atendente seja uma mulher. Seja no banco, seja numa loja de telefonia, em qualquer lugar. A mulher é mais rápida, antes que você pense ela já está te dando o que você quer. O homem tem um tempo diferente. E eu, como já sou uma mulher sem tempo, tenho vontade de matar! Claro que me controlo, respiro fundo, mas em casa... já chego furiosa.

— Aquele idiota que me atendeu! Eu cheia de coisa pra fazer e o homem lá, igual a um 2 de paus! Pelo amor de Deus!

A doce mamãe, a esposa fofinha, já entra em casa possuída de ódio. E, geralmente, com alguma pendência de trabalho que vai ter que ser terminada AGORA!

E tome responsabilidade, e tome falta de tempo, e tome culpa e culpa...

Na minha peça *Cócegas*, o primeiro quadro é uma professora de ginástica, que é interpretada por mim. Já entro em cena da seguinte forma:

— Vamos lá que eu tô sem tempo, vamos lá que eu tô sem tempo. Vamos lá, gente, já corri 40 quilômetros, já lavei louça, já arrumei a casa, comecei a fazer a unha, mas não deu tempo de acabar! Desculpe, nem falei com vocês direito...

E começo a falar com personagens invisíveis, como se a turma daquela aula estivesse entrando na sala.

— Entra, Zé, entra, Nelsinho, vamos organizar, porque agora a gente vai fazer uma aulinha básica, todo mudo pegando step, halter, bastão leve, bastão pesado, caneleira, colchonete... e vamos rápido, porque hoje eu tenho um casamento, uma formatura, tenho que estudar com meu filho e ainda tenho que ganhar dinheiro. Abri uma confecção, tá com cada coisa linda!

Olho para um ponto no chão e digo:

— Meu amor, não senta não! São 5 e 5 da manhã, ligação! Pra mim, quem ainda não está acordado a esse horário, pra mim não é gente!

E reproduzo uma aula de ginástica, ao mesmo tempo que a personagem, justamente para não

perder tempo, agita a vida pessoal. Afinal, estamos na era do "aproveita"....

— Aproveitando pra vender a camiseta com a logomarca da academia, ela absorve o suor e faz uma fina camada que se transforma em leve peso pra compor o exercício!

E, numa cadência como se fosse cantando um rap, essa personagem dá uma aula inteira, passando pelo peso, pela caneleira, pelo step e tudo isso, enquanto decide o almoço da família, fala com o filho, corrige o dever, avalia o seguro do carro. O clímax, porém, se dá na hora em que estou fazendo o abdominal e começo a costurar uma camisa:

— Vou costurar esta camisa porque meu marido vai comigo na formatura. É, gente, eu faço de tudo, eu sou a mulher do terceiro milênio. Eu sou aquela mulher que ganhou o mundo e levou a casa nas costas.

E sem parar, porque eu não paro, eu devia estar louca quando criei esse quadro, passo o quadro inteiro falando e simultaneamente fazendo algum exercício físico. Eu começo a me maquiarm e digo:

— E a gente ainda tem que ser bonita, tem que ser gata, se não eles não querem!

As mulheres sempre se manifestam nessa hora. Percebo que há uma identificação direta com a plateia. E a confirmação eu tenho quando a peça termina e recebemos o público no final. E faço isso há DEZ anos. Muitas vêm pra mim dizendo:

— Heloisa, eu sou a professora de ginástica! Que loucura! Na minha casa sou eu que resolvo tudo! Você fez esse quadro inspirada em mim, foi isso?

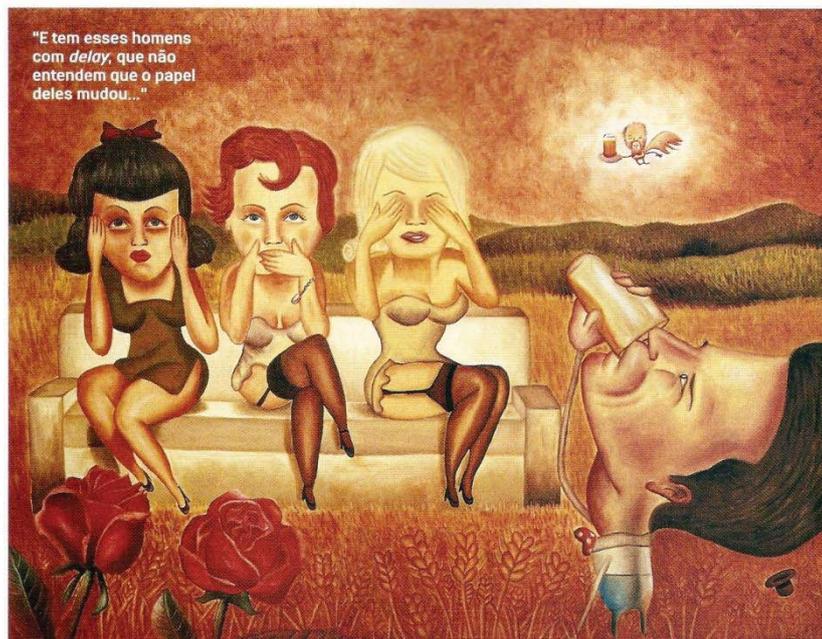
E eu apenas respondo:

— Em nós!

E cada vez isso é mais recorrente. Mais mulheres falam comigo sobre essa sobrecarga que afeta a nós todas.

A mulher trabalha fora já tem tempo, é verdade. Para muitas de nós, a mãe já trabalhava fora. Talvez isso não seja nenhuma novidade. A novidade é que a mulher, que antes era café com leite,

"NUMA LOJA OU NUM BANCO,
PREFIRO QUE O ATENDENTE SEJA
MULHER. HOMEM SÓ SABE FAZER
UMA COISA DE CADA VEZ!"



agora passou a titular. O emprego da mulher que antigamente podia funcionar até como uma terapia ocupacional, afinal ali estava o marido para arcar com o grosso, agora é de fundamental importância! Estamos ali pau a pau (ou quase isso, porque isso realmente ainda não temos, desculpe a brincadeirinha infame) com eles. Isso quando não ganhamos mais. Então, além de todas as nossas responsabilidades, ainda temos o "lá fora" para administrar. E não ficar furiosa como?

Fora o *delay* que alguns homens sofrem de não entender que eles não são mais o alicerce único da casa, e querem continuar agindo como tal e exigindo coisas das mulheres. De não entender que eles têm tanta obrigação quanto nós! Como o marido, ou melhor, o ex-marido de uma amiga (claro porque ela não aguentou), que sentava na mesa para tomar café da manhã e ficava reclamando:

— Cadê o peito de peru? Você não comprou? Você não sabe que eu gosto de frios no café da manhã?

Gosta de frios? Então saia você do trabalho, enfrente uma fila de supermercado e compre!

Se sustentamos tanto a casa quanto eles, porque

essa obrigação é só nossa? Se virem daí, que a gente se vira daqui!

Aí, damos uma respostinha dessa e eles já vêm:

— Esse mau humor só dentro de casa! Você fala assim com seu chefe?

— Claro que não! Nem você com o seu.

— Eu não tenho chefe, eu tenho chefe!

— Viu????!!! Chefa!!! Nós mulheres estamos aí, bombando! E você ainda quer me ver sozinha enfrentando fila de supermercado?

Furiosas! Não tem jeito! O que eu penso sobre isso? Sei que cavamos essa situação, brigamos por direitos e chegamos lá, mas uma coisa nunca mudou, nunca deixamos de ser mulheres! Se nosso corpo é diferente do corpo dos homens, é claro que nossa cabeça será também! Então, vamos ter que encontrar um equilíbrio nisso tudo. Como? Essa é a pergunta que não quer calar. Esse equilíbrio, não tenho dúvida, conquistaremos um dia, assim como conquistamos tantas outras coisas. As coisas naturalmente acham os seus lugares, e tenho certeza de que essa "fúria" também encontrará um lugar. Afinal de contas, "*hay que endurecerse, pero sin perder la ternura jamás*". ☺

MATERIAL 22: REVISTA LOLA MAIO 2011



PODER

A DONA DA IDEIA

Um dia, Natalie Massanet ignorou a descrença geral e resolveu criar o Net-a-Porter, um site para vender alta-costura. Hoje, comanda um negócio que fatura US\$ 240 milhões ao ano

POR...LUCAS LANDAU

Ela vendeu sua parte, ficou milionária mas segue na lida. "Estamos só começando"

Em 2000, a jornalista de moda Natalie Masenet teve uma ideia – uma ideia realmente boa, daquelas que os livros de história do futuro podem citar como exemplo de um mundo que, recém-conectado, ainda não conhecia o verdadeiro potencial da internet. Sites de compras? Sim, sim, como não, havia vários... Natalie sabia que podia comprar roupas nos Estados Unidos e recebê-las rapidinho em Londres. O problema era que nenhum deles oferecia suas marcas favoritas – e a nenhum tinha ocorrido vender roupas de luxo.

Filha de um jornalista americano e uma modelo inglesa, Natalie acreditou e fundou o Net-a-Porter, uma vitrine virtual de alta-costura. “Muita gente disse que não ia dar certo. Afinal, quem iria comprar um vestido de 15 mil dólares?”, relembra Natalie, hoje com 45 anos, em entrevista a LOLA. Os incrédulos pagaram a língua. Com a ajuda do marido, Arnaud, e de amigos, ela investiu 1,2 milhão de dólares na empreitada. Sete anos depois, o Net-a-Porter já faturava 60 milhões de dólares. Hoje, esse valor chega a 240 milhões, com audiência de 4 milhões de visitas por mês.

É um crescimento que infla cifras a cada ano. Já dono de 33% do site, o grupo suíço Richemont – responsável pela fabricação das canetas Montblanc e relógios Cartier – desembolsou no ano passado 534 milhões de dólares para comprar a parte restante dos outros sócios. Natalie vendeu sua parcela, avaliada na época em 76 milhões de dólares, mas segue como presidente executiva. “Ainda há muito mais a fazer, eu amo este lugar e me sinto inspirada todo dia quando chego aqui.”

Desde 2009, o Net-a-Porter está instalado no último andar do Westfield Shopping, em Londres. E, como quase todos os negócios de internet que vingaram no século 21, aposta num ambiente de trabalho que mistura o lúdico com o tecnológico, com o inevitável toque de luxo. Em um amplo espaço de pé-direito de 10 metros, do-

minado por tons de branco e preto, distribuem-se as estações de trabalho, um estúdio fotográfico, uma biblioteca, um café e várias salas envidraçadas. As paredes são equipadas com televisões com um “Google Earth monetário” ao vivo mostrando onde, quando e o que está sendo comprado pelo mundo. O Net-a-Porter é considerado, segundo a tradicional lista anual do jornal *The Sunday Times*, uma das 100 melhores empresas para trabalhar na terra da rainha.

Rumo ao Brasil?

Em relação ao futuro, Natalie não descarta a possibilidade da criação de uma versão em português do Net-a-Porter. “O mercado brasileiro é um dos que mais crescem”, justifica. As peças mais compradas pelas brasileiras são os famosos sapatos com sola vermelha de Christian Louboutin. As marcas Alexander McQueen, Marc Jacobs e Mulberry também têm seu naco de sucesso. Na direção contrária, duas grifes made in Brazil são vendidas no site: Alexandre Birman (sapatos) e Clube Bossa (moda praia). “Nossa intenção é encontrar o melhor da moda de cada lugar do mundo e fazer com que isso se torne disponível para qualquer pessoa”, afirma Natalie.

Quando fala de seus gostos pessoais, ela diz que gosta de fazer um “mix bem eclético”. Mas, nessa temporada primavera verão, planeja usar os jeans coloridos da J Brand, sandálias Givenchy, vestidos Valentino, casacos Balmain e jaquetas Proenza Schoeeler. Que tal? Natalie conta que já teve seus tempos de “Califonia girl”, quando morava em Los Angeles, onde adquiriu um jeito bem casual de se vestir. Por outro lado, viajava muito para Paris para encontrar a mãe, que acompanhava de perto tudo sobre moda. “Essa combinação”, explica Natalie, “fez com que eu criasse meu próprio estilo, que, ao mesmo tempo, pode ser arrumado e descontraído.”

Roupas, acessórios e joias não definem luxo para Natalie, que tem duas filhas – a primeira, nascida em 2000, seu “ano mais produtivo”, como ela brinca. “Meu maior luxo é ficar na minha casa de campo em Wiltshire [cidade a cerca de duas horas de Londres] nos fins de semana.” Mas a jornalista visionária não quer saber de aposentadoria. E é bem direta quando a questionam sobre o assunto. “Aposentadoria? Não penso nisso. Nós estamos apenas começando.” ☼

NO SITE, AS BRASILEIRAS
ADORAM COMPRAR
OS SAPATOS LOUBOUTIN,
MARC JACOBS E MCQUEEN

MATERIAL 23: REVISTA LOLA JANEIRO 2012





A chanceler da Alemanha, entre os donos do mundo. Ela é paciente. Ela se informa. Ela quer convencer. E confia mais nas mulheres do que nos homens

Não é difícil, num fim de semana, encontrar em um supermercado de Berlim uma senhora vestindo calças compridas, loira e banal. Diante da gôndola dos queijos franceses e dos embutidos, colocando tranquilamente um camembert em um saco plástico, sem que ninguém a cumprimente. Já faz algum tempo que essa dona de casa é designada pela revista americana *Forbes* como “a mulher mais poderosa do mundo”. Trata-se de Angela Merkel, que se tornou a primeira mulher chanceler da Alemanha em 2005. Tinha então 51 anos.

Para chegar a funções tão altas, ela não tinha muitos trunfos. Família discreta, uma mãe professora, um pai pastor. Angela nasceu na Alemanha Ocidental, em Hamburgo, mas ainda criança foi com seus pais para um vilarejo da Alemanha Oriental. Vida desconfortável no cinzento lado soviético. O inte- >

rior. O protestantismo de Lutero. A menininha faz maravilhas na escola. Acabará falando um excelente russo. Fará uma tese de química cujo enunciado já dá vertigem: "Estudo do mecanismo das reações de decomposição com ruptura da ligação simples e o cálculo de suas constantes de velocidade tendo como base a química quântica".

Tais equações não preparam muito para as astúcias da política. O que ela sabe do mundo, a jovem mulher ajuizada da Alemanha Oriental? Em 9 de novembro de 1989, quando o "muro" cai, ela vai à sauna, como todos os dias, e depois dá "uma voltinha" pela Berlim liberada, só para ver. Ela vê. Ela adere à União Democrata Cristã (CDU). No ano seguinte, é eleita deputada no Bundestag, o parlamento alemão.

O chanceler, então, era Helmut Kohl, da CDU. Um gigante. Do alto de seu vulto e de seu orgulho, Kohl observa essa Angela. Ele se surpreende com sua inteligência superior. Observa essa senhora engraçada com seu penteado em forma de tigela, sua franja um pouco curta demais, suas bochechas redondas, o azul de seus olhos. Ela o diverte. Ele se enternece. E a chama Das Mädchen – a garotinha, ou mocinha, e a traz para sua equipe. E faz dela uma ministra. Os brilhantes e arrogantes políticos da Alemanha não gostam. Eles a apelidam de Mauerblümchen (uma dessas mo-

ELA USA O TEMPO. É UMA PRUDENTE. É LENTA E INVISÍVEL. ORGANIZA SILÊNCIOS, E ENTÃO VEM O GOLPE DE PUNHAL

ças que tomam chá de cadeira nos bailes).

A mocinha de Kohl não irá tomar chá de cadeira por muito tempo. Ela se junta ao baile, pronta a empurrar um pouco seus vizinhos. Sua chance chega em 1999. A CDU é maculada pelo caso das caixas pretas, de contribuições financeiras ilegais.

O chanceler Kohl vacila. A mocinha o ajuda a cair. Ela publica um artigo demolidor no jornal *Frankfurter Allgemeine Zeitung*. Kohl está no chão. Como diria Freud, Angela matou o pai. E, já que está com a mão na massa, ela também mata alguns tios: Wolfgang Schäuble, o presidente da CDU de quem toma o lugar e do qual fará mais tarde, pois não é rancorosa, seu ministro do interior; Edmund Stoiber; Friedrich Merz. Para manifestar seu ecumenismo, ela não bate apenas em seus amigos da CDU. Alguns anos mais tarde, Angela, a comum e a mal vestida, a oradora medíocre, enfrenta o brilhante Gerhard Schröder, chefe dos socialistas, e o vence nas eleições de 2005. Toma-se a chefe da Alemanha.



DURONA, PODEROSA

Nos anos 80, quando Ronald Reagan e Mikhail Gorbachev travavam as últimas batalhas da Guerra Fria, Margaret Thatcher encabeçou um governo reformista conservador na Inglaterra com um estilo que a transformou numa espécie de paradigma de mulher durona e poderosa. A história é contada agora em *The Iron Lady*, filme que traz Meryl Streep no papel da dama de ferro e que estreia no mês que vem no Brasil. Paradigma, mas talvez não um modelo de comparação. "Angela Merkel circula numa área da Europa onde é tradicional a manutenção dos valores coletivos – mesmo que haja desejo de desmontar esse tipo de conquista", diz o historiador Nicolau Sevcenko, pesquisador da USP e professor em Harvard. "Em parceria com Sarkozy, ela traça um caminho mais conciliador, negocia com as instituições, participa de assembleias e tenta um diálogo." O que é muito diferente de Thatcher. "Ela era um trator, não teria a menor paciência para todo esse debate." (Luciana Ackermann)

FOTOS: JIM WATSON/AFP (DUPLA ANTERIOR); DIVULGAÇÃO

Por que caminhos de sombras e de mistérios essa senhora anda para conseguir derrubar tantas cabeças importantes? O socialista Schröder tinha o costume de contar uma piada: "Como os porcos-espinhos fazem amor?", ele perguntava. A resposta era: "prudentemente". Essa gracinha poderia resumir a arte política (ou guerreira?) de Angela. Ela usa o tempo em seu jogo. É uma prudente, uma desconfiada (talvez sua infância na terrível Alemanha comunista?). Ela é lenta e invisível. Organiza silêncios, e então vem o golpe de punhal. Na fábula de La Fontaine, *A Lebre e a Tartaruga*, é a tartaruga quem ganha, as tartarugas muito inteligentes.

Arma secreta: deixar-se subestimar

Para sua amiga e braço direito, Beate Baumann, ela explicou com sorrisos (pois em privado ela é alegre e brincalhona) como tinha se livrado de Stoiber. "Angela o fazia crer que ele tomava todas as decisões, enquanto era ela que as ditava. Ele fazia tudo o que ela queria, sem sabê-lo. Era fabuloso."

Será que ela usa a feminilidade? Aparentemente não, e aliás ela está sempre alerta. Uma vez, quando era uma jovem ministra, ela caiu no choro, no Bundestag, durante uma batalha sobre um projeto de lei. Nunca mais ela faria isso. O mesmo vale para seu look. Depois de sua eleição para a chancelaria, ela quis ser chique, paetês e glamour e também música dos Beatles. E foi até vista, na Ópera de Oslo, na Noruega, com um decote muito aberto. Acabou.

COMO DIZIA FREUD, ANGELA MATOU O PAI. E, COMO JÁ ESTAVA COM A MÃO NA MASSA, MATOU ALGUNS TIOS



A chanceler até foi vista, na Ópera de Oslo, com um decote aberto (1). Mas nunca mais. Voltou aos costumes sóbrios da juventude da Alemanha Oriental (2). E leva uma vida banal com o segundo marido, Joachim Sauer (3)

Nunca mais. Ela retornou a seus costumes sóbrios, seu rosto aberto e tão deliciosamente simples, seus vestidos, suas calças, seus meios sorrisos.

Sua feminilidade segue outros caminhos. Ela é paciente. Hesita durante muito tempo, como hesitava, quando criança, em pular na piscina. Ela se informa. Quer convencer. Confiar mais nas mulheres do que nos homens. Mesmo entre as feministas, tem amigas como, por exemplo, Alice Schwarzer, da revista *Emma*, que não apenas é de esquerda mas também uma homossexual notória, e que lhe dá uma bela publicidade entre o público feminino.

E os homens? Ela não tem uma grande ternura pelos brilhantes machos da Alemanha Ocidental, intransigentes como Kohl ou Schröder, que ela pulverizou. A um confidente, ela explicou sua tática: "Eu não sou vaidosa. Mas sei utilizar a vaidade dos homens". E essa outra receita, revelada por uma de suas amigas: "Deixar-se subestimar é sua arma secreta".

Ela tem outro trunfo: o sangue-frio. Suas reações são frias. Ela se protege em seus silêncios. >

Tem nervos de aço. Pode engolir tudo sem que seus cílios tremam. Em 2009, uma marca de roupa íntima usou para sua publicidade no Kurfurstendamm, a principal avenida de Berlim, um cartaz de 100 metros quadrados mostrando uma ilustração de Angela Merkel usando calcinha e sutiã lilás. Ridículo. Como ela reagiu? Nem uma palavra. Nada.

Quando chegou ao poder na França, em 2007, Sarkozy – esse pequeno personagem de desenho animado, agitado, enérgico, volúvel, vulgar, divertido, emotivo e que tem uma necessidade visceral de tocar o corpo de seus interlocutores – usou todos os seus dotes para fascinar Angela. O número chaplinesco era cômico, um pouco triste. Nas reuniões internacionais, Sarkozy se jogava no pescoço de Angela, a beijava, lhe dirigia piscadelas gigantes. Ele não compreendia que essa mulher não podia ser tratada como uma estrela de cinema e ainda menos como uma top model. Mas não se muda a própria natureza. Sarkozy beijava. Por meio de ínfimos indícios, todos compreendiam que essas exuberâncias eram insuportáveis a Angela. Sarkozy não via nada. E carinhos... E beijinhos... Outra mulher, menos controlada, teria colocado o francês em seu devido lugar. Angela, não. Ela permaneceu impassível.

Com o tempo, Angela relaxou. Quando Sarkozy a interpela, ela responde com um sorriso. Um sorriso indulgente. Como se sorri para uma criança um pouco agitada. Um sorriso gentil. Um sorriso terrível. Sarkozy está contente. Em nossa opinião, seria muito bom para ele alugar os serviços de um especialista em sorrisos a fim de decifrar as mímicas de Angela. Sobretudo se nos lembrarmos da maneira pela qual a mocinha um pouco desajeitada se livrou de seu mentor, o chanceler Helmut Kohl. De fato, na tragédia que sacode a zona do euro (Grécia, Itália, Banco Central Europeu etc.), Sarkozy se virou mais do que um diabo na água benta para ditar sua conduta à senhora Merkel.

ANGELA OLHA SARKOZY COM
SEU ESTRANHO SORRISO. E SÓ
FAZ O QUE LHE DÁ NA CABEÇA.
ELA DECIDE, O FRANCÊS SEGUIE

Angela olhou Sarkozy com seu estranho sorriso. E só fez o que lhe deu na cabeça. Ela decide e o francês segue. Pelo menos até aqui.

Batendo nos grandes

Suas hesitações, sua recusa em ter seu calendário ditado pela impaciência dos outros, seu gosto pela postura de árbitro, não devem ser considerados covardia. Pouco ideóloga, pragmática, capaz de mudar de posição se a lógica pede, ela não transige com seus princípios. Há alguns anos, deu uma bronca no papa Bento 16 depois que este reabilitou um bispo negacionista (essas pessoas que negam a existência das câmaras de gás na Alemanha nazista). Que a mocinha, a filha do Leste, a protestante luterana, ousasse dar lições de moral ao papa chocou os políticos católicos que formam os quadros de seu partido, a CDU. Mas pouco importa. Sobre os valores fundamentais, Angela não muda. Seus inimigos a chamam “o camaleão”, pois ela é imprevisível e pode se adaptar às conjunturas. Mas, no fundo, eles sabem bem que esses são efeitos de superfície e que, na realidade, Angela jamais perde de vista o objetivo que ela escolheu. No fundo dessa senhora, existe ferro.

Mas ela não é uma dama de ferro, como foi Margaret Thatcher na Inglaterra. A senhora Thatcher, bastava olhá-la para saber que essa dona de casa britânica era capaz de crueldade absoluta, como ela o confirmou quando deixou morrer na prisão, friamente, os nacionalistas irlandeses que faziam greve de fome. O mesmo não acontece com Angela. Se às vezes ela bate, ela sempre escolhe os alvos grandes, poderosos, vaidosos. Jamais os fracos, ela pode ser implacável com os falocratas insolentes da CDU. Ela pode precipitar aposentadoria do paxá Helmut Kohl. Mas a crueldade, o desumano, não é seu gênero.

Ela faz seu caminho em passo lento e seguro. No domingo, vai com seu segundo marido (casada muito jovem com um físico, se divorciou rapidamente), o químico Joachim Sauer (de quem não tem filhos), para sua casa de campo, perto de Templin, na antiga Alemanha Oriental, onde ela foi uma jovem ajuizada. Às vezes, sai de férias com o marido para Ischia, na Itália, ou para as montanhas – ninguém sabe exatamente para onde. Sabe-se pouco sobre seus gostos. Exceto que prefere os vinhos brancos italianos à cerveja.

LAQUÊ POWER

Do topetão de Itamar Franco à carequinha mal disfarçada de Silvio Berlusconi. Da franjinha de Cleópatra às tranças de camponesa de Yulia Timoshenko, da Ucrânia. A cabeleira dos poderosos, por algum motivo misterioso, sempre esteve sujeita ao escrutínio popular. E o que boa parte das mulheres mais poderosas de nossos tempos tem em comum? Vontade de ferro – e cortes de cabelo em formato de tigela, segurados por laquê.



Dilma Rousseff,
a primeira presidente
do Brasil. Versão
bowl no cocuruto



Tarja Halonen,
presidente da
Finlândia: corte
joãozinho que
salu do frio



Condoleezza Rice,
ex-secretária de
Estado dos EUA:
chapinha, para ajeitar
com mãos grandes



A secretária de Estado
dos EUA, Hillary Clinton:
variações em torno
do look milharal



Roza Otunbayeva,
ex-presidente do
Quirguistão: estética
asa de graúna



Christine Lagarde, do
FMI: cuia au naturel



Michelle Bachelet,
ex-presidente do
Chile: estilo acaju

Neste momento, Angela aborda uma reviravolta difícil. Os fortes ventos que sopram sobre o euro, e suas lutas com sua coalizão de governo, reduzem sua margem de manobra. Ela, que foi a mais popular de todos os dirigentes europeus, agora é atingida por um desamor. Será que encontrará a antiga magia?

Já faz algum tempo, Angela herdou um novo apelido que lhe foi dado pelos incorrigíveis machos de seu próprio partido, a CDU, que gostariam de ter um pouco mais de ar. Eles a chamam de Mutti, que quer dizer mamãe, pensando em enfraquecê-la. Não é muito garantido que o consigam. Há dez anos, ela desfaz tranquilamente todas as armações deles. Ela se assemelha a um longo rio tranquilo, mas, sob a

AOS DOMINGOS, ELA VAI COM O SEGUNDO MARIDO PARA SUA CASA DE CAMPO. PREFERE OS VINHOS BRANCOS À CERVEJA

superfície lisa e brilhante das águas, adivinham-se os turbilhões, os géiseres, os jatos de espuma.

E, depois, por que não Mutti? Afinal, passar em 20 anos do estado de mocinha e de garota que toma chá de cadeira nos bailes ao estado de Mutti não é um destino medíocre. ☺

FILOSOFIAS



CASADAS COM O TRABALHO

No início da vida adulta, só queríamos encontrar o par perfeito. Depois aprendemos que o importante mesmo é ser dona do próprio nariz e poder fazer escolhas – entre elas ter esse ou aquele marido

POR_PATRYCIA TRAVASSOS • ILUSTRAÇÃO_PIANOFUZZ

Dá mais trabalho se divorciar do emprego que do marido? Depende. Todas nós, mulheres liberais, românticas, independentes, caretas ou modernas, acreditamos, no início da vida adulta, no homem ideal, na alma gêmea, no príncipe encantado, no cara que vai ser o pai dos nossos filhos e com quem teremos uma relação completa, repleta e eterna. Nesse momento, nossa vida profissional é importante, mas está no segundo ou terceiro lugar da nossa escala de valores. Primeiro temos que encontrar o par perfeito e investimos todas as nossas fichas nessa busca.

Essa obstinação provavelmente é hormonal. Perante a natureza, temos que continuar a espécie custe o que custar e doa a quem doer. Nessa fase da vida, uma separação, daquele em quem você colocou todas as suas expectativas, pode ser um tsunami, um trauma difícil de superar. Mas, se esse não for o caso e você seguiu casada e depois de um tem-

po começou a sentir que seu reinado estava virando abóbora e a achar que ser mãe e esposa não era sua única meta na vida, welcome to the club!

Acontece nas melhores famílias. Só depois que o assunto filhos é resolvido é que grande parte das mulheres começa a perceber com clareza desejos e ambições que não têm nada a ver com suas conquistas familiares. Vêm à tona talentos, curiosidades, especialidades que querem ser desenvolvidas e mostradas ao mundo, e é nesse momento que a vida profissional sobe para o primeiro lugar do pódio, o marido cai para o segundo e, se não se comportar direitinho, para o terceiro ou quarto lugar, podendo sumir do mapa a qualquer momento se não der força a essa pessoa que se recusa a continuar inventando esse conto de fadas sem castelo, dragão ou cavalo branco.

Além do desejo de ser alguém no mercado de trabalho, existe o importantíssimo fator financeiro,

que é na verdade o que nos torna independentes. Só não ter que se submeter aos humores do marido com relação a dinheiro já é uma bênção que compensa todos os esforços e dificuldades. Da mesma forma que ser dona do próprio nariz e poder fazer escolhas na vida – entre elas decidir se quer ou não estar casada com esse ou aquele homem.

O trabalho nos define. Mostra nossos interesses, nossa formação e nossas aptidões. Nos qualifica, nos localiza nas tribos e nos grupos sociais. E nos torna, além de mães e esposas, cidadãs. Você não é apresentada como sr. e sra. Mauro Muniz Alencar Freire Filho, por exemplo, o que eu, particularmente, acho um desrespeito! Excluir o nome da esposa e a chamar com o nome do marido!

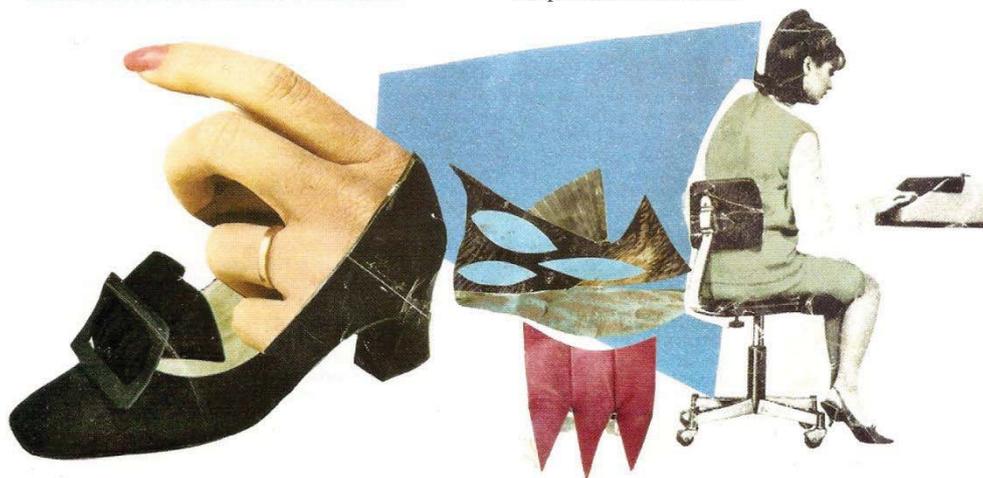
Para as mulheres que exercem um papel econômico na sociedade e gostam do que fazem, se separar do trabalho é muito difícil. Muito mais difícil que acabar um casamento. O fim de uma relação pode ser sofrida, mas, quando se construiu outro universo, em que sua função não muda se você está ou não casada, com o Luiz Felipe ou o José Augusto, o trauma e as dificuldades de se ver sozinha não são tão difíceis de superar. Afinal de contas, a vida continua, e o trabalho nessas horas é sua tá-

bua de salvação. Ruim é quando a pessoa nunca teve esse chamado pessoal de fazer alguma coisa, de estudar, trabalhar, se virar, se encontrar, e se vê, de repente, sozinha e sem nenhum apoio para dar conta da sua própria existência. Assim como tem gente que faz do casamento a "profissão", e tudo o que faz é em função de manter essa união custe o que custar, haja o que houver.

Mas isso são outros quinhentos e não é o assunto que estamos tratando aqui. O bom mesmo, o *crème de la crème* na vida é quando as duas coisas estão em equilíbrio e em ascensão. Quando estamos bombando no trabalho e na vida afetiva. Se você estiver passando por um momento desses, jogue suas mãos para os céus e aproveite cada minuto. É raro juntar essas duas pontas! É muito comum estar bem no amor e mal na profissão ou vice-versa. E, muitas vezes, é justamente o sucesso profissional o responsável pelo fim do casamento. Tem marido que não segura o sucesso da esposa, e tem mulher que exagera e fica mais *workaholic* que o marido.

O fato é que filhos crescem, casamentos acabam e a fila anda! Mas, se você lida criativamente com a vida, tem outras fontes de prazer que não são tiradas exclusivamente da relação com o outro, e se desenvolveu um trabalho que gosta e que a faz um ser humano melhor, você tem a receita do sucesso nas mãos! Eu arriscaria dizer que, se nossa vida fosse um sundae, o trabalho seria o sorvete, a calda de chocolate e o marshmallow, e as relações afetivas seriam a cereja, aquele complemento gostoso que enfeita nossa sobremesa dando toques de volúpia à nossa existência. ☺

"CLARO QUE O IDEAL É BOMBAR NA VIDA AFETIVA E NA VIDA PROFISSIONAL. MAS É RARO JUNTAR ESSAS DUAS PONTAS"



ENTREVISTA

“VENDEMOS BARATO NOSSO TEMPO”

A escritora Rosiska Darcy de Oliveira diz que, apesar de tanta tecnologia, a organização do mundo do trabalho ainda é a da era mecânica – e as empresas precisam reconhecer que a vida privada consome energia. “Criou-se uma ordem esdrúxula, em que ninguém tem o direito de cuidar de assuntos pessoais”

POR_LUCIANA ACKERMANN · FOTOS_MARCELO CORREA

Nos anos 70, Rosiska Darcy de Oliveira estava no olho do furacão do que ela hoje chama de a “principal revolução do século 20”, o feminismo. Exilada na Suíça, durante os anos da ditadura militar no Brasil, ela fez doutorado em letras, lecionou por dez anos na Universidade de Genebra e assistiu de camarote à grande onda mundial que levou as mulheres ao topo no mercado de trabalho. Quarenta anos depois, ela fala do que viu com orgulho, mas diz que hoje as mulheres pagam um preço alto pelo que conseguiram: o de acumular o invisível trabalho da vida privada com o da vida pública. “Trata-se de conquistar sua própria vida”, diz a escritora, atualmente à frente do movimento Rio Como Vamos, que monitora políticas públicas da capital fluminense, e professora do Polo de Pensamento Contemporâneo (POP) no Rio de Janeiro. Autora do livro *Reengenharia do Tempo* (Rocco, 152 págs., R\$ 29,50), ela defende a necessidade da socieda-

de contemporânea, neurótica, se adequar às transformações do mundo e às novas necessidades individuais, de homens e mulheres. “Quero ressuscitar o sentido da vida. O meu debate é sobre a felicidade”, diz.

LOLA: Qual o grande dilema das mulheres hoje?

ROSISKA DARCY DE OLIVEIRA: Depois do movimento feminista, cuja afirmação da identidade foi “Nosso corpo nos pertence”, surgiu uma segunda demanda: “Nosso tempo nos pertence”. Trata-se de conquistar seus dias, sua própria vida. Minha geração puxou a entrada maciça das mulheres no mercado de trabalho, mas tivemos que aceitar as condições impostas. Nos anos 70, nós formulamos a estratégia: “Deixe-me entrar no mercado de trabalho que você nem vai perceber que sou mulher”; em casa: “Deixe-me trabalhar que você nem vai perceber que eu sei”. O resultado é uma igualdade capenga. Quebramos um paradigma milenar, mas a sociedade seguiu organizada como se nada tivesse acontecido. >



"As pessoas se orgulham de trabalhar 14 horas, quando muitos operários do século 19 morreram para conseguir a jornada de oito horas"

É como se dissessem: "Virem-se, vocês não quiseram? Agora, aguentem". Não se quebra um paradigma milenar impunemente, mas a conta cobrada das mulheres é indevida, e nós não devemos pagar.

E o que fazer diante desse cenário?

Primeiro, é preciso reconhecer o problema. As mulheres passaram pela fronteira do mundo do trabalho escondendo os assuntos da vida privada. Essa é a parte afetiva – os filhos, os pais, o desejo de ter uma nova formação. A lógica da vida privada não é a mesma do mundo do trabalho. Uma mãe que passa a noite na cabeceira de um filho doente não se rege pela remuneração da enfermeira da noite. A motivação é outra. Não tem preço, mas um dos grandes problemas do nosso mundo é que tudo aquilo que é gratuito se torna invisível. Para as mulheres, fica o sentimento de que nunca estão sendo corretas, nem em casa nem no trabalho. Impera a dupla mensagem: seja, não seja; faça, não faça. É um sofrimento psíquico muito grande no dia a dia, vai muito além da culpa. Essa neurose das mulheres tem de ser transferida à sociedade. A sociedade que é neurótica, não as mulheres. O esgotamento é geral.

Qual é a solução?

Uma reengenharia do tempo, uma mudança na sociedade. Os empregadores em geral têm de admitir a existência da vida privada, que ela consome energia e tempo. É preciso repensar o que está aí com inteligência social. Não é necessariamente diminuir o tempo do trabalho. É organizá-lo de forma diferente.

E como?

Órgãos de administração pública responsáveis pela emissão de documentos, por exemplo, deveriam funcionar em horários condizentes com a necessidade de seus usuários. Que abram no domingo e deem folga aos funcionários num dia da semana. Não acredito em um projeto de felicidade que transforma duas pessoas em mão de obra da manhã à noite. A maioria aceita porque não tem escolha. É uma máquina diabólica. Onde vão parar os prazeres? Dias desses, uma menina de 7 anos me pediu uma agenda de presente. E o pior é que, realmente, ela tem uma série de compromissos para preenchê-la. É aula de tudo, porque a mãe e o pai passam o dia inteiro trabalhando e ela tem de ficar em algum lugar. Fiquei boquiaberta. A que horas vai vagabundear,

olhar as nuvens e nelas ver um brinquedo interessante? É como se elas trabalhassem desde pequenas.

Os homens também estão sucumbindo com a falta de tempo para a vida privada, não?

Claro! Estamos vivendo o século 21, mas a organização do mundo do trabalho ainda é da era mecânica. Ainda impera a estrutura da fábrica, ignora-se que, atualmente, a maioria dos trabalhos é apoiada no mundo e na economia virtuais. Podem ser realizados em diferentes lugares, em horários mais flexíveis, em estruturas de produção combinadas, como um período home office e outro dentro das empresas. Insisto que é preciso repensar o mundo do trabalho. Em um elevado quadro hierárquico, muitos orgulham-se de trabalhar 14 horas por dia ou mais. Ora, muitos operários do século 19 morreram para conseguir a jornada de trabalho de oito horas. É um retrocesso. As pessoas não têm mais um minuto livre.

Essa reengenharia não é uma utopia?

Não. Eu já fui chamada por grandes empresas para falar sobre a reengenharia do tempo. Essas mudanças deverão ser feitas mesmo que forçosamente. Alargar as avenidas, construir viadutos, ampliar as linhas de metrô não acaba com os enormes engarrafamentos, mas boa parte do problema se resolve se os horários de trabalho das pessoas forem intercalados. Não inventei isso. Esses ajustes foram feitos em Milão. Chama-se o tempo das cidades, e o debate foi trazido pelas mulheres que foram negociar com os colégios e creches horários mais flexíveis para a entrada dos alunos. Pequenos ajustes mudam completamente a vida da pessoa. É uma discussão do sentido da vida, porque o tempo é na verdade o bem mais escasso. Tudo que é raro é caro, e o nosso tempo, que é raro, nós vendemos baratíssimo.

Você acredita que essas mudanças ocorrerão?

Acredito, e nos próximos dez anos. Existe uma lei na Itália que prevê que todas as cidades com mais de 35 mil habitantes têm de ter uma Secretaria do Tempo. Ao prefeito, é dado o direito de organizar o tempo da cidade. Acompanhei um processo muito interessante na Suécia – claro que é uma sociedade muito diferente da nossa, mas é um belo exemplo. Anos atrás, as suecas lutaram para ter infraestrutura de creches, escolas e asilos. Conseguiram, e o país se tornou um modelo de institucionalização da vida privada. Após



alguns anos, não quiseram mais colocar seus pais e filhos nessas instituições. Na crise, surgiu a ideia de usar o tempo de trabalho de uma nova forma. Lá, o pai ou a mãe pode ter uma licença no trabalho sem perder o emprego para cuidar dos filhos até os 8 anos de idade. Eles se revezam e usufruem da vida privada. A mesma coisa acontece em relação à formação extra. Se querem fazer cursos de extensão, têm o direito de se ausentar no trabalho sem perder o emprego.

E quanto às mulheres que ocupam funções mais elevadas hierarquicamente?

Quanto mais sobem as possibilidades profissionais, maior é o preço cobrado das mulheres. Elas têm que mostrar maior indiferença em relação à vida privada, seus assuntos não podem invadir a rotina da empresa em hipótese alguma. Então, criou-se uma situação esdrúxula em que uma geração inteira acreditou que esse problema seria resolvido dentro de casa, na divisão de tarefas entre homem e mulher. O resultado foi o surgimento de várias tensões entre os casais. As mulheres deixaram de pedir dinheiro aos maridos, mas passaram a pedir tempo. É o que vivemos hoje. Um grande equívoco. Não é um problema para ser resolvido entre o homem e a mulher dentro de casa, mas é um problema público. Com a reengenharia do tempo, quero ressuscitar o sentido da vida. O meu debate é sobre a felicidade.

Mas as mulheres não estão mais felizes agora do que no passado?

Sim. Ganham respeito próprio, independência econômica, grandes direitos sobre seus sentimentos e sobre sua sexualidade. Então, o grau de liberdade aumentou muito e, sem dúvida, pagam um preço alto por isso. Eu pelo menos quis pagar e pago, mas é uma

conta indevida. Evidentemente a felicidade é um critério estritamente pessoal, não tem regra, mas é preciso que a sociedade nos dê escolhas. Para mim, a felicidade está enraizada na minha liberdade. Tudo aquilo que me tira a liberdade é doloroso. A gente tem de ter liberdade para escolher nossas diferentes felicidades. Um dos grandes contentamentos da mulher hoje é ter um pouco as rédeas da vida, poder escolher, e, quando isso não é possível, fica a frustração. Elas se sentem com muito mais direito à felicidade do que jamais se sentiram antes e brigam por isso. A felicidade voltou a ser um tema. As pessoas estão percebendo que o sucesso não é sinônimo de bem-estar, de uma vida bem vivida.

Existe uma geração que está espremida entre o trabalho, os filhos e os pais?

Exatamente. São aqueles na faixa dos 40, no momento mais agudo da carreira profissional e das maiores demandas de trabalho. É um momento de angústia. Para sair dessa situação, é preciso ter a coragem de experimentar. Na vida, a gente tem que correr riscos em defesa da liberdade. Quando chega o momento em que família e trabalho se tornam uma fonte de angústia permanente, não dá para esperar o mundo mudar. É preciso agir. Acredito que muitas coisas mudam na sociedade por contaminação. Guimarães Rosa já dizia: "Viver é muito perigoso". A vida pede uma certa audácia. Os pioneiros são aqueles que dão à luz a si mesmos. Às vezes, somos obrigados a fazer isso. A liberdade é uma conquista difícil. Há dez anos, percebi que estava trabalhando muito e escrevendo pouco. Dei uma virada, fiz uma escolha, apostei nela, publiquei quatro livros. Escrever para mim é uma felicidade. Levo a vida que quero levar. ☺

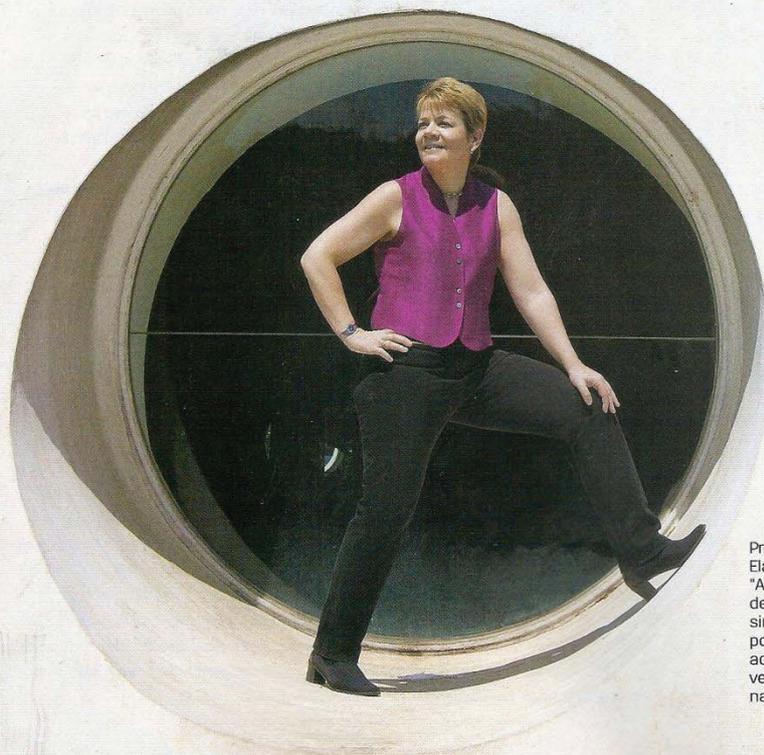
MATERIAL 26: REVISTA LOLA MARÇO 2012

PODER

ELA É BATUTA

Primeira mulher à frente de uma grande orquestra, apaixonada por jazz e fã de Caetano Veloso, a americana Marin Alsop assume a regência titular e dá início a uma nova fase na Sinfônica de São Paulo

POR...CAROL VAISMAN · FOTO...CLAUDIO EDINGER



Preconceito?
Ela diz que não.
"As pessoas ficam
desconfortáveis
simplesmente
porque não estão
acostumadas a
ver uma mulher
na minha posição"

No estado americano de Maryland, pertinho de Washington, os quase 650 mil habitantes de Baltimore cultivam dois orgulhos: o esporte e a música. Assim como o time da cidade, o Baltimore Ravens, que está

entre os grandes da liga nacional de futebol americano, a orquestra sinfônica local está entre as top ten dos Estados Unidos – o que, por lá, não é pouca coisa. Nesse campeonato paralelo, a craque é Marin Alsop, de 54 anos, maestrina titular e diretora artística da companhia desde 2007. E é ela que, a partir deste mês, acumulará o cargo com o de regente titular da Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo (Osesp), a principal do Brasil. Com concertos nos dias 8, 9 e 10 de março, na Sala São Paulo, a estreia de Marin marca o início de uma nova fase para a orquestra paulista após o período de interinidade do francês Yan Pascal Tortelier, que assumiu a batuta da Osesp após a saída do maestro e diretor artístico John Neschling, em 2009.

Referência no meio musical internacional, a nova-iorquina chega com credenciais de peso. Pianista desde os 6 anos de idade, violinista desde os 8, Marin foi aluna do maestro e pianista norte-americano Leonard Bernstein (1918-1990) no Tanglewood Music Center, em Massachusetts – um dos ídolos de sua infância de menina-prodígio. Cursou música em Yale e na Juilliard School, e já foi regente titular da Sinfônica de Bournemouth, de Londres. Ainda no mundo das tops americanas, ela com frequência rege como convidada nas bombadas filarmônicas de Nova York, Filadélfia e Los Angeles. Pelo selo Naxos, já gravou músicas do mestre Bernstein com a Sinfônica de Bournemouth, além de outros compositores norte-americanos. Com a Filarmônica de Londres, gravou sinfonias de Brahms. E sua performance com a Sinfônica de Baltimore, com peças do tcheco Dvorák, é um best-seller internacional do selo.

Fora todo o currículo e talento, Marin ostenta a posição de ter sido a primeira mulher a assumir a regência de uma grande orquestra – uma área em que o tradicional predomínio masculino se prolonga século 21 afora. Se existe preconceito? “Essa é uma palavra muito forte. Acho que algumas pessoas ficam desconfortáveis simplesmente

porque não estão acostumadas com uma mulher nessa posição”, diz ela a LOLA, via Skype, da Inglaterra, quando participou como convidada de duas apresentações da Filarmônica de Londres e concedeu uma entrevista coletiva à imprensa internacional na embaixada brasileira.

Entre as inúmeras viagens que faz a convite de orquestras do mundo inteiro, Marin não abre mão do Skype. É por meio dele que tem tido, semanalmente, aulas de português com uma professora paulistana e mantém contato permanente, onde quer que esteja, com a família. Há quase duas décadas, ela vive com a trompista Kristin Jurkscheit e o filho, Auden, de 8 anos. “Ele já está aprendendo a tocar instrumentos, mas acho que prefere subir em árvores. Não tem problema: as duas coisas fazem bem para a mente e estimulam a imaginação”, conta, rindo, ao falar sobre o menino, que é filho biológico de Kristin.

Em Baltimore, onde manterá residência, ela tem duas casas. Uma delas, exoticamente, é um apartamento dentro de uma antiga abadia. O “condomínio” tem quatro apartamentos, e Marin é dona de um deles. “Adoro aquela arquitetura, e os vitrais coloridos foram mantidos”, conta. Na cidade, ela comanda ainda o Orchkids, projeto da orquestra para a introdução de crianças na música clássica. É inspirado no El Sistema, idealizado na Venezuela, em 1975. O jovem maestro Gustavo Dudamel é fruto de lá. Em 2007, quando foi inaugurado, 30 crianças faziam parte do projeto de Marin. Hoje, são 500. “Levamos as crianças a concertos, damos aulas de música, mas também vamos com elas em museus, jogos de beisebol e de futebol americano. O objetivo é dar novas possibilidades às crianças, que vão além da música”, explica.

Outra iniciativa que ela toca, há 20 anos, é o Festival de Música Contemporânea de Cabrillo, em Santa Cruz, cidade vizinha de São Francisco. O evento acontece durante o verão norte-ameri- ➤

EM BALTIMORE, MARIN TOCA
O ORCHKIDS, QUE LEVA
AS CRIANÇAS A CONCERTOS,
MAS TAMBÉM AO FUTEBOL



NA OSESP, ELA ESTARÁ À FRENTE DE UMA ORQUESTRA DE 110 MÚSICOS, MISTURADOS EM 17 NACIONALIDADES

cano, há 49 anos, e foi pensado para abrir portas para novos talentos e misturar música clássica com sons contemporâneos.

Concertos via web

Neste primeiro ano, Marín ficará 12 semanas no Brasil, mas dividindo seu tempo entre São Paulo e Baltimore, porque as temporadas das duas orquestras coincidem: a brasileira vai de março a dezembro, e a americana, que começou em setembro do ano passado, vai até junho de 2012. Por aqui, ficará hospedada em hotéis. “São Paulo é uma cidade complexa e difícil de viver, mas eu nasci e cresci em Nova York, são cidades muito parecidas – excitantes e desafiadoras. Têm muita energia, acho isso divertido”, diz. Na Osesp, ela chega cheia de projetos. Um deles é o de popula-

rizar a música clássica e transmitir, pelo menos, dez concertos pela internet. “Fazer música clássica em um país que não tem essa tradição é muito bom, porque podemos criar coisas novas e servir de exemplo no futuro. No Brasil, não precisamos quebrar 200 anos de história e mudar a opinião das pessoas. Além disso, o público é fantástico, entusiasmado e caloroso. Adoro isso! Sem falar que 65% dos músicos são brasileiros e o resto é estrangeiro. Temos uma mistura cultural muito grande”, explica.

Marín estará à frente de 110 músicos, misturados em 17 nacionalidades, que incluem países como Uzbequistão, Romênia, Moldávia e Coreia do Sul. E mistura é com ela mesmo. Apaixonada por jazz americano dos anos 20 e 30, ela vem escutando compositores brasileiros para entrar no clima – nomes como Villa-Lobos, Almeida Prado e Camargo Guarnieri. Mas diz também que conhece e gosta da música de Caetano Veloso.

“Gosto dessa mistura, dos experimentos musicais”, diz ela, que, com a batuta na mão na Sala São Paulo, começará seu mandato regendo peças de Mozart, Shostakovich e da brasileira Clarice Assad – outra penetra no mundo dos fraques. ☘

FOTOS ALESSANDRA FRATUS